

Semanário

Director:
António Dias Lourenço

Ano 56 - Série VII - N.º 660
21 de Agosto de 1986
Preço: 40\$00

Propriedade do Partido Comunista Português Dir./Red. - Soeiro Pereira Gomes, 1699 Lisboa-CODEX Tel. 76 97 25 - Telex 18390 Composição e impressão - Heska Portuguesa Distribuição - CDL, R. Santos Dumont, 57-2.º - 1000 Lisboa

URSS anunciou prorrogação da moratória

- Mikhail Gorbatchov
anunciou a prorrogação
da moratória soviética
dos ensaios nucleares
até Janeiro de 1987

Pág. 8/Semana

Comentário do PCP ao desesperado discurso de Cavaco

Páginas centrais/Semana

TEMPO DE ANTENA DO PCP

RTP

segunda-feira, 25
a seguir ao telejornal



RDP

segunda-feira, 25
a seguir ao noticiário
das 13 horas

Nem Agosto pára a luta!

Trabalhadores dos transportes e doutros sectores
prosseguem em luta por aumentos de salários e
contra medidas de destruição do Governo PSD

Pág. 1 e 2/Semana

 **ad festa!**

faltam só quinze dias!

Neste número:

mais artistas

mais novidades

e também...

**... uns trabalhos
que é preciso concluir!**

Editorial

Avante!

Ano 56 - Série VII
N.º 659
21 de Agosto de 1986
1.º Caderno
Não pode ser vendido
separadamente

Um discurso e a realidade nacional concreta

Para além do quadro «florescente e promissor do bem-estar social» criado pela fantasia propagandística do cavacismo e pelas medidas demagógicas da operação «imagem» do Governo minoritário Cavaco/PSD, o país real existe.

Existe e sofre e luta. O panorama da realidade nacional concreta é esclarecedor. É natural que esta realidade, de maneira crescente e flagrante, esbarre contra e desfaça no confronto a versão falsificada do Governo.

Intensas movimentações de massas se processam e desenvolvem em torno de problemas e reivindicações profundamente sentidas. Greves nacionais em ramos inteiros da indústria e dos serviços e noutras empresas, em algumas das quais se arrastam há várias semanas; importantes concentrações, vigílias, plenários, protestos e outras acções um pouco por toda a parte no País, abarcando classes e camadas sociais diversas, isto é, manifestações claramente indicativas de verdadeiro mal-estar social, da intensificação e da resistência do povo impossíveis de abafar.

Uma intensa movimentação popular, insólita na quadra estival, está em curso, demonstrativa da verdadeira natureza de classe da política do Governo minoritário Cavaco Silva/PSD que procura diminuir-lhe a envergadura e adulterar-lhe o carácter.

O próprio Primeiro-Ministro, com a arrogância e o deslante que todos lhe conhecem, mais uma vez manipulando desproporcionadamente os meios de comunicação social estatizados de grande audiência, de que o Governo, violando o estatuto institucional que os rege, fez órgãos da sua própria voz, como a Televisão e a Rádio, veio no último domingo atirar novas achas para a fogueira social, dizendo que «as greves não têm nada a ver com os interesses dos trabalhadores ou com as suas condições de vida».

«São meramente políticas» — diz ele. De facto, por culpa exclusiva do Governo minoritário de direita que temos à frente do País, a luta diversificada das massas populares — ante as medidas e as pressões directas e indirectas dos governantes sobre gestores e empresários, muitos deles verdadeiros tubarões ou lacaios servís do grande capital — adquire rapidamente carácter político.

Cavaco procura escamotear a verdadeira causa objectiva do descontentamento e das lutas populares, que é a sua política e do grande capital de agravar a exploração dos trabalhadores, de reduzi-los ao desemprego e à indignação, como forma de aumentar rapidamente o ritmo da acumulação capitalista, objectivo intrínseco da ofensiva de reprivatização dos sectores-chaves da economia nacional — e a área do latifúndio que está na base dos propósitos de destruição da Reforma Agrária e das UCPs/Cooperativas.

O Governo inverte a causa e o efeito mas é impotente para inverter a realidade social e nacional concreta que não é a que o Primeiro-Ministro, como qualquer ilusionista de feira, procura impingir ao País.

As importantes greves intermitentes da Rodoviária Nacional (RN) e dos Serviços de Transportes Colectivos do Porto (STCP), que duram há semanas, e o reacender da luta dos ferroviários, obrigaram já a certos recuos das entidades patronais levando-as a propostas de conciliação nas duas primeiras empresas, contudo, sem quaisquer resultados práticos, tornando-se evidente que não passaram de manobras patronais e do Governo para tentarem iludir e dividir os trabalhadores.

A realidade neste caso, como em vários outros, é que o Governo quer impor um tecto salarial na base de uma baixa da taxa de inflação presuntiva e falsa, com absoluto desprezo pelo aumento real do custo de vida e a quebra do poder de compra dos trabalhadores.

Só pela sua firme luta e unidade os trabalhadores têm conseguido romper o tecto salarial dos 13/15% que o Governo lhes queria impor e obter no primeiro semestre deste ano um aumento médio de 17,3% (16,6% para a Função Pública).

A greve de três dias seguida a 100% por todas as unidades fabris da CIMPOR no plano nacional e pela SECIL terminou vitoriosamente, embora as entidades patronais tentem agora manobrar para se furtarem ao cumprimento integral das medidas acordadas.

Na pesca do arrasto costeiro, a greve de dois dias foi seguida a quase 100% pelos pescadores dos principais portos pesqueiros do País.

A luta dos pescadores do arrasto costeiro veio chamar a atenção para a ruínoza política das pescas dos últimos governos, em particular do actual que abriu as nossas zonas de pesca à invasão das frotas da CEE, designadamente da Espanha e que tem levado ao desmantelamento e encerramento as empresas pesqueiras nacionalizadas, as mais importantes do sector.

No sector mineiro, designadamente nas minas de volfrâmio da Panasqueira, da Borralha, de Monteseinho e Pereira, de Argozelo e do Vale das Gatas, encerradas ou em vias de encerramento foi decidida uma semana de luta. Nas minas de S. Pedro da Cova também a luta dos mineiros está em curso.

Nas minas da Panasqueira, os trabalhadores que aceitaram o despedimento com indemnização foram ultimados a desalojarem as habitações onde viviam no bairro da mina.

A importante greve dos médicos na Região Sul, que foi geral (com excepção das urgências) e quase geral na Região Norte, teve novo desenvolvimento com a vigília de ontem à porta do Primeiro-Ministro como protesto contra a ameaça directa de desemprego de 1200 médicos do internato geral.

As exigências generalizadas de demissão da ministra da Saúde, Leonor Belez, que se tem destacado em atitudes prepotentes e de baixo contornamento em relação à luta dos médicos, é a ponta de um «iceberg» de protesto generalizado do sector da Saúde contra a política do Governo.

A importante luta dos bancários que culminou com a greve quase geral no sector no fim do mês passado desenvolve-se agora contra as decisões governamentais de transformar os bancos nacionalizados em sociedades por acções. Aliás o Governo está ilegalmente generalizando a outras empresas públicas o estatuto de SARL, em violação aberta da própria Constituição.

A ofensiva de reprivatização do sector público e empresarial do Estado desenvolve-se, aliás, nas formas mais pífidas e ilegais. O caso mais recente da CNP — que círculos governamentais já confessaram estar nas intenções entregar à exploração privada —, o da destruição e desmantelamento da indústria naval, que em três anos passou de 25 050 trabalhadores para 18 500, os projectos relativos à Quimigal, Petrogal, EDP, TAP, Siderurgia, Metalomecânica pesada (empresas nacionalizadas), Covina, e outras, são outros tantos alvos da tentativa de fazer regressar à posse dos monopólios e dos seus antigos possuidores as mais importantes empresas do País e do sector empresarial do Estado.

O Primeiro-Ministro, na sua diatribe de Faro contra a oposição democrática faz acusações que têm no seu miolo o propósito de apresentar as grandes empresas públicas como modelos anacrónicos das novas tendências da economia capitalista.

Diz Cavaco Silva que a oposição está atrasada de dez anos em relação à Europa (a da CEE) que actualmente «aposta na pequena e na média empresa» e na «livre iniciativa».

Cavaco segue os passos de Tofler quando diz o mesmo, ocultando um e outro que as grandes empresas, sob o impacto das novas tecnologias, aceleram, por efeitos da nova e complexa divisão interna do trabalho, a criação de empresas mais pequenas lá onde existem grandes secções especializadas e principalmente para iludir a fiscalidade, fugir aos impostos e perpetuar sobre elas o controlo do grande capital.

O Primeiro-Ministro silencia o facto de sob o consulado do seu Governo minoritário se terem precisamente liquidado milhares de pequenas e médias empresas condenadas à falência, muitas de origem fraudulenta outras por ruína real. Oculta afinal que a destruição das pequenas e médias economias é um dos objectivos da sua política económica e financeira de submissão aos monopólios.

A brutal ofensiva contra o sector público e nacionalizado está afectando duramente a economia nacional e tomba em primeiro lugar sobre as costas dos trabalhadores.

O discurso de Faro do Primeiro-Ministro tem sobretudo um significado político que não deve nem pode escapar à atenção e à posição das forças democráticas.

Cavaco acusa «alguns partidos que mostram apetência por regressarem ao poder mas recusam a hipótese de novas eleições».

É uma chantagem pouco inteligente do Primeiro-Ministro. É de notória evidência que se houvesse agora novas eleições o PSD não conseguiria mesmo reunir à sua volta nem o conjunto da direita, ela própria minoritária e dividida em termos eleitorais e políticos.

Cavaco, por outro lado, ainda não se deu conta — ou finge que ainda não deu por isso — das alterações produzidas na arrumação de forças em Portugal depois dos últimos actos eleitorais. Procura ocultar que a direita e o seu Governo são francamente minoritários no plano parlamentar e político e que a estafada tecla do anticomunismo para isolar o PCP e dividir a oposição democrática é chão que começa a não dar uvas.

Mas o que se extrai principalmente da diatribe de Faro é a natureza destabilizadora do chefe do PSD e do Governo. O que Cavaco não agarrou ou pretende confundir é que quando os partidos da oposição democrática afirmam (todos) que o Governo pode ser substituído no quadro actual da AR por um governo democrático capaz de recolher o voto maioritário dos deputados exprimem a possibilidade real de se chegar a uma convergência para um novo governo e uma nova política capaz de resolver os problemas de Portugal e dos portugueses.

Cavaco que fala com fanfarronice da hipótese de novas eleições — que não dependem dele nem do seu Governo minoritário — tem de facto medo delas, medo de largar as alavancas do Poder e de ficar reduzido à sua fraqueza real e à sua expressão mais simples.

Os partidos da oposição democrática não podem morder o anzol da divisão e deixar-se embarcar na chantagem do Primeiro-Ministro. Dentro de um mês a nova sessão da AR retomará os seus trabalhos. Cavaco agita já com a posição dos partidos democráticos na questão do Orçamento do Estado para 1987.

Teme evidentemente que a AR lhe atire com os planos por terra.

A situação actual não se compadece com atitudes dúbias, com propósitos inconfessados e com jogos de bastidores. A questão da convergência em terrenos de acção que é imperioso alargar é não apenas uma questão vital para a democracia, como para alguns partidos democráticos a quem as lições da experiência e da vida parece não terem ainda suficientemente ensinado.

Os partidos democráticos em cujas mãos reside a possibilidade de uma alternativa de Governo e de política estão diante de responsabilidades que não podem enjortar e cuja fuga pode fazer fracassar objectivos essenciais do movimento popular democrático que estão ao seu alcance.

O PCP como força indispensável e insubstituível de uma alternativa democrática continua disponível para o diálogo e a convergência necessária das forças democráticas.

Resumo

13
Quarta-feira



RN: os trabalhadores exigem resolução positiva do conflito

Mais de mil trabalhadores da RN vindos de todo o País concentram-se em Lisboa e exigem do Governo «uma resolução rápida do conflito, tendo em conta os interesses dos trabalhadores, da empresa e da população». A luta dos trabalhadores dos cimentos obtém uma importante vitória com a obtenção de um acordo que consagra um aumento na massa salarial global de 18 por cento, persistindo ainda divergências quanto à tabela salarial. A Comissão de Trabalhadores da RP considera num documento entregue na Assembleia da República que, em alternativa aos pretensos defensores da privada, a RTP deveria aumentar a produção nacional com recurso a autores e artistas portugueses. No final de uma visita a Angola, Andrew Young afirma que a Unita e Jonas Savimbi «são uma criação e fantoches do governo sul-africano». A ditadura de Zia Ul-Haq no Paquistão ordenou a prisão de centenas de opositores, entre os quais seis dirigentes do Movimento para a Restauração da Democracia (MRD) que liga as comemorações da independência do país à luta pela convocação de eleições livres. Eric Honecker, presidente do Conselho de Estado da RDA, afirma durante as cerimónias evocativas da construção o muro de Berlim que «esta acção histórica preservou a liberdade do nosso povo».

14
Quinta-feira

Uma delegação de centena e meia de trabalhadores dos Serviços de Transportes Colectivos do Porto (STCP) vem a Lisboa, para procurar discutir com os ministros dos Transportes e do Trabalho, que se recusam a recebê-los, soluções para o conflito naquela empresa. O Governo aprova um decreto em que retira à EDP o exclusivo da distribuição de energia. Em apoio às reivindicações dos polícias que pretendem maior número de vagas para a sua integração no Serviço Nacional de Saúde, uma assembleia realizada no Sindicato dos Médicos da Zona Sul aprova uma proposta de greve geral de 24 horas para o dia 4 de Setembro. A Comissão de Trabalhadores da Socamar, uma empresa pública de cargas e descargas marítimas que ocupa 330 trabalhadores, alerta em conferência de imprensa para as manobras do Governo de entregar a empresa «viável» ao sector privado. Segundo afirma a Angop, as Forças Armadas angolanas já causaram 95 mortos às tropas da África do Sul, desde o início do ataque que os racistas lançaram contra uma vila na província de Cuanabango, no Sul de Angola. Daniel Ortega considera uma «declaração de guerra», a aprovação pelo Senado norte-americano de um programa de fi-

nanciamento aos terroristas somozistas. A polícia paquistanesa reprime manifestações antigovernamentais e prende Benazir Bhutto, dirigente do Partido Popular Paquistanês e filha do antigo primeiro-ministro do Paquistão, derrubado pelo actual ditador Zia Ul-Haq. Segundo bateu na Inglaterra, durante o passado mês de Julho, um «novo recorde», atingindo 3,224 milhões de pessoas.

15
Sexta-feira



Repressão aumenta e a luta também

Na África do Sul, cerca de 900 presos políticos iniciam uma greve de fome em protesto contra a sua prisão e milhares de estudantes, brancos e negros manifestam-se em cinco universidades para exigir o fim do estado de emergência. O Senado dos EUA, contra a política preconizada por Reagan, aprova um conjunto de sanções económicas contra a África do Sul.

16
Sábado

O presidente da Federação Nacional das Cooperativas de Habitação, Carlos Silva, afirma num colóquio integrado nas comemorações do nono aniversário da Cooperativa de Construção e Habitação do Porto que, o actual quadro legislativo tende a «descharacterizar as cooperativas de habitação considerando-as quase apenas como meras promotoras imobiliárias». O ditador Zia Ul-Haq, do Paquistão, envia um contingente de tropas para a província de Karachi para reprimir a contestação popular ao seu regime.

17
Domingo

Em comunicado, a União dos Sindicatos do Distrito de Évora acusa o Governo de «orientações» à Inspeção-Geral do Trabalho e aos serviços da Segurança Social no sentido de «boicotarem» a aplicação da legislação sobre salários em atraso aprovada pela AR. A Direcção Regional do Porto do PCP exige, em comunicado, «medidas imediatas em defesa dos pequenos e médios agricultores», ao mesmo tempo que denuncia os acordos feitos pelo Governo com a CEE que «obrigam o País a importar aquilo que os agricultores portugueses produzem». O presidente do Peru, Alan García, afirma que o seu país não teme as acções de boicote do FMI, «policia e guardião financeiro dos países credores».

reagindo, assim, ao anúncio por parte do FMI de que o país não mais poderia receber «ajudas».

18
Segunda-feira

Todos os partidos da oposição condenam o discurso de Cavaco Silva no fim-de-semana: a SIP do PCP considera que, por detrás da arrogância do discurso, «encontra-se a consciência da fraqueza». Em parecer enviado ao ministro das Finanças, a direcção do Sindicato dos Bancários do Centro reprova e considera inconstitucional o projecto do Governo de transformação de bancos públicos em sociedades anónimas. Os pescadores do arrasto costeiro iniciam uma paralisação que se irá prolongar até ao fim da semana, em luta pela assinatura do contrato colectivo de trabalho que não é renovado desde 1980. A União Soviética, pela voz de Mikhail Gorbachev, decide prolongar pela terceira vez a moratória unilateral sobre ensaios nucleares, ao que os EUA respondem serem as experiências nucleares importantes para manterem «a dissuasão nuclear dos Estados Unidos».

A Nova Zelândia decide aplicar sanções económicas contra o apartheid, nomeadamente a proibição da importação de produtos agrícolas e matérias-primas. A URSS critica o empolamento, por parte de Israel, do significado do encontro (entretanto suspenso ao fim de 90 minutos) entre delegações dos dois países para tratar «exclusivamente das temas consulares que permitem proteger e defender os interesses dos cidadãos soviéticos residentes em Israel», e apela aos países árabes para que não se deixem «confundir com a campanha de propaganda israelense» sobre a referida reunião. Em comunicado conjunto, a Frentein e a UDT consideram que o propagandeado milagre económico operado em Timor-Leste não passa de uma miragem.

19
Terça-feira

O aumento médio anual dos salários negociados e revistos no primeiro semestre deste ano foi de 17,3 por cento, enquanto o aumento do salário real foi de 2,5 por cento, refere-se no comunicado da CGTP-IN que adianta terem estes aumentos sido conseguidos à custa de uma dura luta reivindicativa dos trabalhadores. O Presidente da República remete para o Tribunal Constitucional o decreto-lei do Governo que visa a entrega ao capital privado da empresa pública Socamar, de cargas e descargas marítimas. Perante a decisão da URSS de prolongar a moratória declarada unilateralmente de suspensão dos testes nucleares, Ronald Reagan afirma não ser do interesse da segurança dos EUA a suspensão das experiências, mas em Bonn, o vice-ministro dos Negócios Estrangeiros da RFA Lutz Stavenhagen afirma que a RFA irá assinar o acordo com a União Soviética destinado à total proibição dos testes nucleares. José Eduardo dos Santos reafirma a disposição do governo angolano de «encetar negociações positivas com a administração dos EUA» que conduzam à paz em Angola e na África Austral há cinquenta anos, Federico Garcia Lorca era barbaramente assassinado pelos fascistas espanhóis.

Avante!

Proletários de todos os países: UNI-VOS!

O jornal dos trabalhadores da democracia e do socialismo

PROPRIEDADE: Partido Comunista Português, Rua Soares Pereira Gomes, 1699 - Lisboa CODEX. Tel. 76 83 45

ADMINISTRAÇÃO: Av. Santos Dumont, 57-3.º - 1000 Lisboa

DISTRIBUIÇÃO: CGL, Central Distribuidora Litoral, SARL, Serviços Centrais, Av. Santos Dumont, 57-2.º - 1000 Lisboa Tel. 77 98 28/77 98 25/76 97 51

Casa da Venda em Lisboa: Rua do Século, 80 - 1200 Lisboa Tel. 37 22 38

Centro Distribuidor de Évora: Alameda do Baxo, 13 - 7000 Évora Tel. 26361

Centro Distribuidor de Faro: Rua 1.º de Dezembro, 23 - 8000 Faro Tel. 200447

Delegação do Norte: Centro Distribuidor do Porto: R. Miguel Bombarda, 57B - 4000 Porto Tel. 69 38 08/69 96 15

Centro Distribuidor de Coimbra: Terreiro da Erva, 6 - 3000 Coimbra Tel. 28394

ASSINATURAS: Av. Santos Dumont, 57-4.º Esq.º - 1000 Lisboa. Tel. 76 64 02

EXPEDIÇÃO: R. João de Deus, 24 - Venda Nova 2700 Amadora. Tel. 90 00 44

PUBLICIDADE CENTRAL: Alameda S.º António dos Capuchos, 6-B - 1100 Lisboa. Tel. 77 69 36/77 67 50

Composto e impresso na Heika Portuguesa - R. Elias Garcia, 27 - Venda Nova - 2700 Amadora

Depósito legal n.º 205/86

Tiragem média do mês de Junho: 33 475

Semana

Avante!

Ano 56 — Série VII
N.º 660

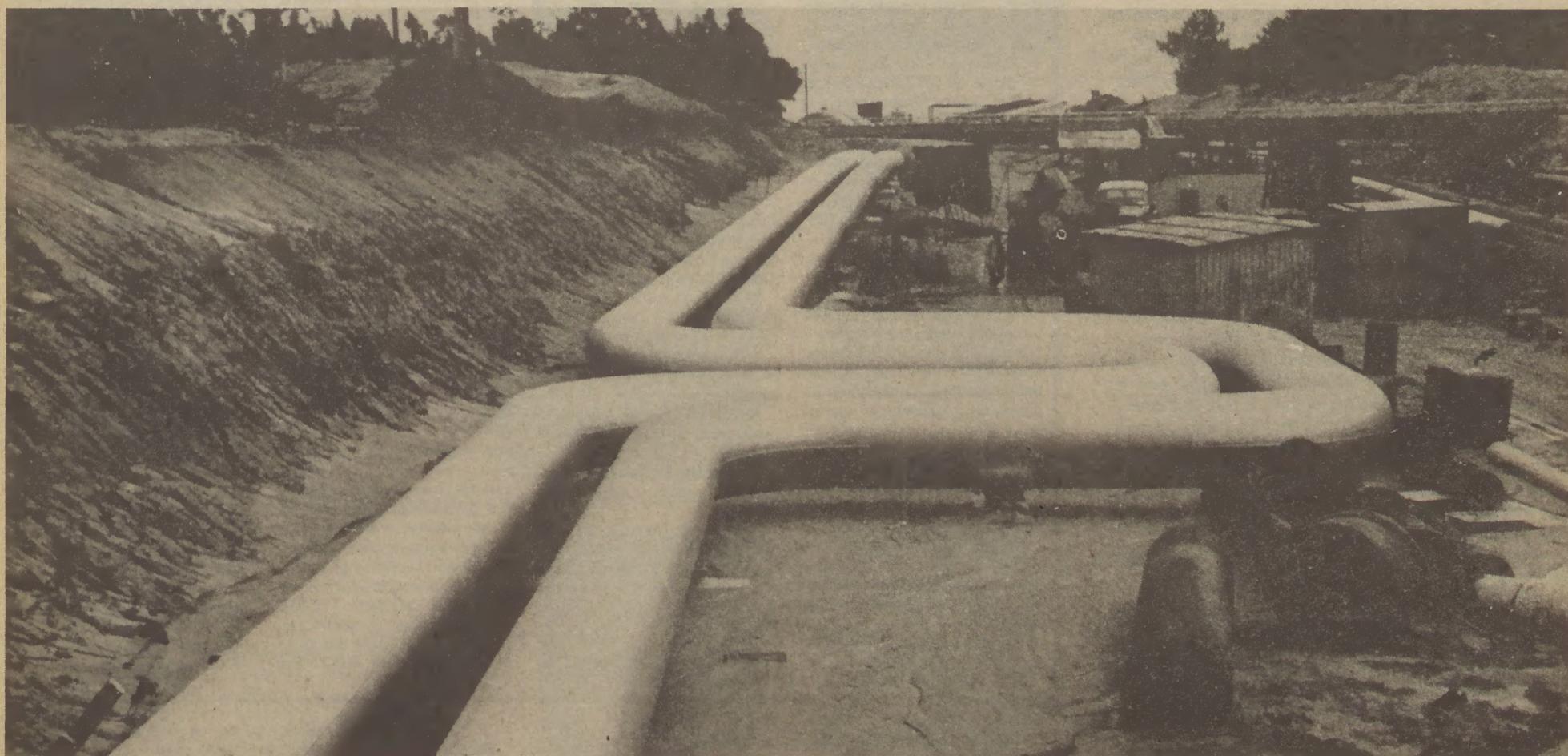
21 de Agosto de 1986

2.º Caderno

Não pode ser vendido
separadamente

A CNP é necessária à economia nacional

• Com os outros partidos democráticos o PCP
tudo fará para que seja anulada a extinção



A Direcção da Organização Regional de Setúbal (DORS) do PCP apoia a luta dos trabalhadores da Companhia Nacional de Petroquímica (CNP) contra a extinção da empresa decretada pelo Governo. Recorde-se que o grupo parlamentar do PCP já apresentou na Assembleia da República um pedido de ratificação no sentido de anular o decreto-lei do Governo que manda extinguir aquela empresa do sector empresarial do Estado lançando no desemprego 1300 trabalhadores.

O Executivo da DORS afirma que a CNP é viável, como «provam os resultados de exploração do primeiro semestre de 1986». O recente decreto-lei 209-A/86 aprovado pelo Conselho de Ministros insere-se na ofensiva governamental contra o sector empresarial do Estado e relaciona-se com a crescente dependência económica da política do Governo relativamente às multina-

cionais e aos interesses estrangeiros em geral.

«O Executivo da DORS repudia com veemência a extinção da CNP» e condena «a atitude vergonhosa do Governo ao aguardar as férias parlamentares para fazer publicar tal decreto-lei, no intuito nítido de se tentar esquivar à fiscalização democrática da Assembleia da República».

A concretizar-se essa medida do Governo Cavaco Silva não só seriam atingidos os 1300 trabalhadores já despedidos (mas a empresa continuava a funcionar a 90 por cento ainda há uma semana), «como também os trabalhadores de várias outras empresas do complexo de Sines e da região», acrescenta a DORS do PCP.

Notícias entretanto publicadas referem a adesão de outras forças políticas, incluindo o PS, à condenação da medida do Governo para a CNP, que a DORS considera um atentado à Constituição e à economia nacional.

Como aconteceu recentemente com o pacote agrícola, o pacote laboral e outras arremetidas do Governo, «o PCP tudo fará para que, com os outros partidos

democráticos, esta manobra do Governo fracasse» na Assembleia da República e na própria empresa, através da luta dos trabalhadores e das suas organizações representativas, designadamente os sindicatos, que por sua vez tomaram firme posição contra a extinção da CNP.

Decisão muito suspeita

A Comissão de Trabalhadores (CT) da CNP considerava entretanto «muito suspeita» a decisão do Governo, pois aquela unidade do sector empresarial do Estado teve só no primeiro semestre do ano corrente um lucro de exploração de 2,33 milhões de contos.

Tomando posição logo no princípio deste mês, quando a decisão foi conhecida, a CT e as ORTs da CNP desafiaram o Governo para um debate público sobre o assunto da extinção, pois consideraram que a medida do Governo vem precisamente numa altura em que as «petroquímicas mundiais estão em franco progresso».

Segundo a CT, as vendas da CNP atingiram no primeiro semestre deste ano 16,19 milhões de contos e as exportações 68,33 milhões de dólares.

A CT considera ainda que o momento escolhido para a extinção — no caso de ele se justificar, o que não sucede — foi o pior possível não só por causa das boas condições do mercado internacional, mas ainda porque,

se se pretende vender total ou parcialmente as instalações, a medida do Governo provoca «naturalmente o alarme em credores, fornecedores e clientes».

Os representantes dos trabalhadores perguntam, por outro lado, como é possível justificar o encerramento do segundo complexo petroquímico mais novo da Europa, quando 70 por cento das empresas europeias do género estão perto do termo da sua vida útil.

Mas as questões úteis estão fora do alcance deste Governo, que só se preocupa com a imagem que as coisas úteis podem ter para a opinião pública quando a pretende desarmar com as doses cavalares de propaganda fútil que nos moe a paciência diariamente.

Proletários de todos os países: UNI-VOS!

O Militante

BOLETIM DE ORGANIZAÇÃO DO PARTIDO COMUNISTA PORTUGUÊS

saiu hoje



Traduzir é fácil

- Um café, se faz favor.
- **No bica.**
- Como?
- **No bica, here. There's no coffee. You dont' understand?**
- Ai, desculpe. É que eu não sei falar Francês.
- **English. Do you speak English?**
- Pois, já percebi, é aquela língua no programa da TV. Não senhor, não sei falar. Só queria uma bica, se faz favor.
- **No bica!!!**
- Pronto, pronto, já ouvi, escusa de zangar-se...

Este curto e significativo diálogo passou-se no Algarve, num destes dias soalheiros. Entre um português e um inglês. Mas asseguramos que poderia ter-se passado entre dois portugueses, um a turistar pela costa Sul do País, outro aí a ganhar a vida. O último dedicou-se às línguas antes de dedicar-se ao comércio — seja ele qual for. O primeiro esqueceu-se de aprender um idioma CEE antes de fazer a viagem.

Os mais favorecidos são os estrangeiros que se instalaram já a vender um pouco de tudo, facilitados pelas marcas estrangeiras dos produtos; e os que do estrangeiro vieram à cata de um bom sol e de boas estrelas nos hotéis. Tanto uns como outros já sabiam falar estrangeiro antes de chegarem.

Os outros... que aprendam!

É fácil. Nem se percebe muito bem porque há ainda portugueses a teimarem em falar na língua lusa, quando é tão cómodo, tão in, tão nice falar Inglês. Pois será que não repararam ainda que entrámos na CEE?

Para os mais teimosos, que não querem seguir o exemplo dos nossos emigrantes — estes falam Inglês em variados sotaques, do estadunidense ao canadiano, falam Francês, falam Alemão, alguns mesmo chegam a falar Espanhol — o Estado faz-lhes o favor de fornecer gratuitamente uma língua estrangeira logo à saída da primária, organiza através da RTP o simpático «Follow Me», onde se pode aprender Inglês sorrindo com os dentes todos. E o próprio Primeiro-Ministro, que antes tanto criticara as viagens do governo anterior, sujeitou-se ele próprio a mostrar aos portugueses como é.

Na Inglaterra explicou aos actuais ocupantes do quarto que foi o seu durante os estudos, como viver melhor em pouco espaço. Em bom Inglês fez-se entender.

Na Alemanha não deixou de ir espreitar por cima do muro e de preferir — não sabemos em que babilónica Língua — algumas solenidades.

Pelo menos ficámos a saber do pendor do Primeiro-Ministro para os países de Línguas germânicas. Já não é mau. E, para continuar a dar o exemplo, Cavaco escolheu o Algarve para o seu primeiro discurso ao voltar da sua última viagem lá fora. Talvez por lá haja muito estrangeiro que lhe entenda a Língua.

Mas os portugueses, do Algarve ao Minho e da Madeira aos Açores, há muito se habituaram a traduzir estes discursos. Não como quem, nas praias do Sul, ande de dicionário na mão e procure um restaurante de **fish** para comer um prato de peixe, ou um de **meat** para conseguir um pedaço de bife, ou uma **beer-house** para encontrar uma caneca de cerveja. Pôde o Primeiro-Ministro mostrar-se arrogante a acusar a oposição de estar atrasada «dez anos em relação ao resto da Europa».

Traduzindo, o português de poucas letras e de muito trabalho quando o há, bem depressa chegou à conclusão de que o significado do discurso de Cavaco era bem simples: o Primeiro-Ministro disfarçava simplesmente a consciência da «fraqueza, vulnerabilidade e insegurança do Governo»...

Afinal, traduzir política é fácil. Muito mais do que a gente fazer-se entender nas praias do Algarve. O português de poucas letras sabe que, se a oposição está atrasada dez anos em relação à Europa, o Governo está atrasado mais de doze em relação a Portugal, é um governo de antes, mascarado com roupinha nova.

Se é fácil encontrar sob as fantasias «europeias» do turismo o verdadeiro Algarve com os seus problemas, também não é difícil encontrar sob a arrogância do discurso cavacal os sinais de fracasso e os problemas do País que o Governo tem vindo a agravar.

Traduzir é fácil.

Trabalhadores

Uma paz social às avessas

Contratação colectiva rejeitada pelos sindicatos

Embora o grande patronato industrial da CIP declare abertamente que a contratação colectiva não é neste momento a sua preocupação principal no que respeita às leis laborais, o Governo Cavaco Silva insiste no seu projecto sobre o regime jurídico das relações colectivas de trabalho. A posição do movimento sindical sobre o caso, que esteve em discussão pública até ao passado dia 14, é de rejeição total do projecto de decreto-lei. Além da rejeição já tornada pública pela CGTP, merece destaque particular a análise que a Federação Portuguesa dos Sindicatos do Comércio, Escritórios e Serviços efectuou recentemente sobre o mesmo projecto que considera «organicamente inconstitucional».

A inconstitucionalidade do projecto é apoiada pela Federação (FEPACES) em razões indiscutíveis. Adianta aquela organização intermédia da CGTP que, sendo «o direito de contratação colectiva um direito fundamental dos trabalhadores, como manifestação da liberdade sindical, o órgão competente para legislar é a Assembleia da República, podendo esta, mediante autorização legislativa, permitir ao Governo fazê-lo. Não é o caso».

Isto no que respeita ao aspecto orgânico. Quanto à matéria, a inconstitucionalidade do projecto do Governo é assinalada pela Federação «porque mantém e agrava as limitações e restrições ao objecto e direito de negociação e contratação, discrimina ilicitamente trabalhadores, restringe o direito à greve, pretende impor normativos de conduta, como seja o do chamado «dever de paz social» tendente a impor a censura de direitos elementares».

Os sindicatos federados e a FEPACES, numa reunião que para o efeito realizaram em Lisboa, baseiam a rejeição do projecto de decreto-lei, sintetizada acima, nas alterações mais significativas que ele introduz ao de-

creto-lei 519-C/79 em vigor.

Segundo a FEPACES e os sindicatos do comércio, escritórios e serviços, o novo projecto publicado na Separata do Boletim de Trabalho e Emprego n.º 2 de 14 de Julho findo, com menos de um mês para discussão pública obrigatória por lei, tem um sentido e apresenta um conteúdo «profundamente negativo, de todo inaceitável pelos trabalhadores, designadamente»:

- Manutenção e alargamento das restrições ao objecto e liberdade da negociação colectiva;
- Ausência de mecanismos que promovam e protejam o direito de negociação colectiva;
- Subversão do actual regime de emissão de portarias de extensão (PEs);
- Não consagração de um sistema eficaz de conciliação e arbitragem;
- Persistência na indefinição legal do âmbito e objecto das PEs;
- Imposição do chamado «dever de paz social»;
- Restrição do direito à greve.

As alterações positivas

As alterações positivas são muito limitadas. Reduzem-se às

que na prática os trabalhadores já alcançaram pela luta. O referido projecto de decreto-lei sobre as relações colectivas de trabalho (contratação colectiva) apenas «institucionaliza», segundo o que a FEPACES refere:

- A revisão conjunta das tabelas e cláusulas de expressão pecuniária;
- A eficácia retroactiva das tabelas (embora contenha uma tentativa de limitação) até doze meses após a data em que a convenção revista tenha sido celebrada.

Ao decidirem emitir um parecer negativo sobre o projecto as organizações sindicais representativas dos trabalhadores do comércio, escritórios e serviços referem que o regime jurídico de relações colectivas de trabalho na fórmula Cavaco/Mira Amaral, ministro do Trabalho, etc. «retorna, com ligeiras alterações de pormenor, o projecto de 1982 («AD») que desapareceu juntamente com a queda daquele governo.

No entender do Governo Cavaco as convenções colectivas de trabalho deveriam ser reduzidas à «função de fixar salários mínimos, com perda sistemática do poder de compra dos trabalhadores».

A Federação sindical do comércio, escritórios e serviços rejeita naturalmente essa ambição dos governos de direita no sentido de «reproduzir a lei imperativa que regulamenta as relações individuais» mediante contrato.

Os trabalhadores, acrescenta a FEPACES, defendem a posição segundo a qual «a contratação colectiva deve poder regular todos os aspectos da relação indi-

vidual e colectiva da organização do trabalho».

Foi nessa perspectiva que foram aprovadas sugestões e reivindicações inovadoras no V Congresso da CGTP e no próprio II Congresso da FEPACES realizado anteriormente.

A Federação e os sindicatos filiados «defendem a eliminação de todas as limitações e normas imperativas que o projecto mantém e aumenta».

Para apoiar as posições dos trabalhadores deve desenvolver-se o debate sobre as relações colectivas de trabalho. A FEPACES propõe também uma campanha de esclarecimento ligando as questões da contratação a outras escaladas deste Governo, «designadamente aos projectos derrotados de cessação do contrato individual de trabalho e da segurança interna».

O Secretariado do Conselho Nacional da FEPACES, em comunicado de 12 do corrente, garante que esses projectos derrotados na AR, juntamente com este sobre a contratação colectiva, constituem tentativas para subverter radicalmente a legislação «a favor da ditadura patronal» a nível da empresa, e a instituir um Estado policial a nível da sociedade portuguesa em geral».

Na reunião de Lisboa em que foi debatido o projecto do Governo sobre a contratação colectiva estiveram, além da FEPACES, todos os sindicatos filiados: CESL, Coimbra, Leiria, CES/SUL, Porto (Comércio), Braga, Viana do Castelo, Santarém, Castelo Branco, Guarda, Viseu, STADE (Aduaneiros e Despachantes), SPV (Portaria e Vigilância), SITAM (Madeira) e SESN (Sindicato dos Escritórios do Norte).

Diploma ofensivo

As ORTs da Quimigal reprovaram o projecto de lei sobre o «Novo Regime Jurídico das Relações Colectivas de Trabalho» recentemente publicado no Boletim do Trabalho e Emprego, afirmando que tal diploma é «ofensivo dos direitos constitucionais dos trabalhadores, particularmente o direito à livre contratação e o direito à greve».

Na opinião da estrutura representativa dos trabalhadores daquela empresa, o referido Decreto-Lei para além de restringir o objectivo da contratação colectiva e a liberdade de negociação abre caminho à limitação administrativa directa da liberdade de contratação, impõe o chamado «dever de paz social» durante a duração da convenção e limita o «exercício e eficácia da greve com a criação da «portaria de regulamentação exclusiva, para certas actividades sensíveis».

Governo boicota lei

A legislação sobre salários em atraso (Lei 17/86) aprovada pela Assembleia da República continua a não ser respeitada pelo Governo que, para o efeito, tem dado orientações à Inspecção Geral do Trabalho (IGT) e à Segurança Social «no sentido de boicotarem» a sua aplicação. A acusação partiu da União dos Sindicatos de Évora e foi tornada pública através de um comunicado onde se afirma que a delegação local da IGT tem alegado «falta de meios» para não intervir nos prazos legais, como ainda recentemente sucedeu com a firma «Cidade e Irmãos».

De acordo com a União dos Sindicatos de Évora o «Secretário de Estado da Segurança Social está emitindo orientações para os centros regionais da Segurança Social no sentido de que todos os processos que entrem naqueles serviços baseados na Lei 17/86 sejam «suspensos até existir regulamentação sobre o assunto por parte do Governo».

Interpretando estas determinações com um «boicote orquestrado e declarado por parte do Governo» com vista a obrigar os trabalhadores a «utilizarem o famigerado decreto-lei 7-A-86 que não dá quaisquer garantias aos trabalhadores», aquela União sindical alerta ainda para o facto de muitas dezenas de trabalhadores verem os «seus benefícios da Segurança Social cortados» em virtude das empresas em que laboram não procederem ao pagamento dos respectivos descontos.

Eleições na Autocoop

Realizam-se no próximo sábado, dia 23, as eleições para os corpos sociais da Autocoop, acto a que concorre uma lista única (unitária) sob o lema «Unidade a nossa força, trabalho a nossa arma».

Nos propósitos dos elementos que compõem a lista que se propõe dirigir a Cooperativa durante o próximo mandato conta-se o prosseguimento do trabalho da actual direcção com vista à consolidação da Autocoop, objectivo que passa pela concessão de subsídios e outras facilidades fiscais por parte do Governo, conforme estipula a Constituição.

Os futuros dirigentes propõem-se ainda lutar pela isenção do IVA sobre o gasóleo e procurar que sejam atenuados os custos do seguro automóvel resultantes dos significativos acréscimos impostos pela adesão à CEE.

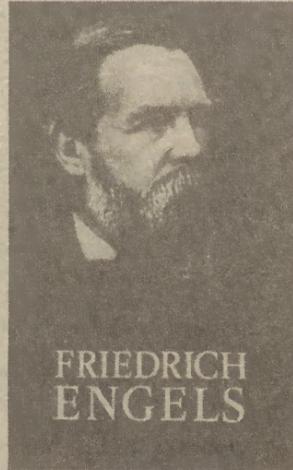
NOVIDADES 1986

NOVIDADES 1986

edições
Avante!

Francisco Miguel Das Prisões à Liberdade

Na venerável galeria dos heróicos combatentes antifascistas portugueses e que durante décadas se opuseram ao regime opressor, é fácil encontrar dezenas de homens e mulheres com longos anos de prisão e vidas inteiras de sacrifício e sofrimento inteiramente consagradas à luta pela libertação do povo e da pátria. Mais difícil é encontrar alguém que, como Francisco Miguel, tanto e durante tanto tempo tenha sofrido e lutado.



Biografia de Friedrich Engels

A elaboração de uma biografia científica de Friedrich Engels — genial pensador e lutador político, revolucionário convicto e destemido — é uma tarefa muito complexa. Contar a vida de Engels é contar a história gloriosa da luta da classe operária contra o capital, desde as primeiras acções do proletariado, dispersas e muitas vezes ainda espontâneas, até à sua transformação numa poderosa força política.

XI Congresso (Extraordinário) do PCP

Reúnem-se na presente edição as intervenções e documentos relativos aos trabalhos do XI Congresso (Extraordinário) do PCP, realizado na Amadora, em 2 de Fevereiro de 1986.

Convocado em 28 de Janeiro pelo Comité Central do PCP para definir a atitude do Partido na 2.ª volta das eleições presidenciais, o XI Congresso (Extraordinário) do PCP constituiu, em condições de uma grande complexidade política, uma nova demonstração da profunda identificação dos comunistas com os superiores interesses da defesa da liberdade e do regime democrático.



Friedrich Engels A Origem da Família, da Propriedade Privada e do Estado

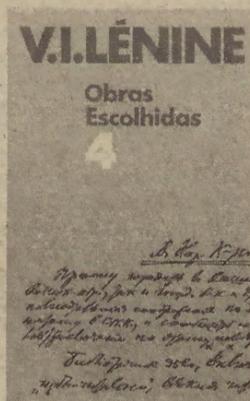
Segundo a concepção materialista, o momento em última instância determinante na história é a produção e reprodução da vida imediata. Esta é, no entanto, por sua vez também, de dupla espécie. Por um lado, a produção de meios de vida, de objectos, de alimentação, vestuário, habitação e dos instrumentos necessários para isso; por outro lado, a produção dos próprios homens, a reprodução da espécie.

Friedrich Engels

Mikhail Filatov e Alexandre Riabov O Fascismo dos Anos Oitenta

Em 1945, o plano nazi-fascista de dominar o mundo foi derrotado. Mas as raízes do fascismo não foram completamente extirpadas. Hoje existem grupos e partidos fascistas ou de tipo fascista em quase 60 países do mundo capitalista, que actuam como ponta de lança da reacção imperialista.

Os autores da presente obra revelam a essência de classe do fascismo dos anos 80, analisam os seus instrumentos psicológico-sociais, as vias e os métodos de penetração da sua propaganda nas massas, mostram a inconsistência da ideologia do fascismo.



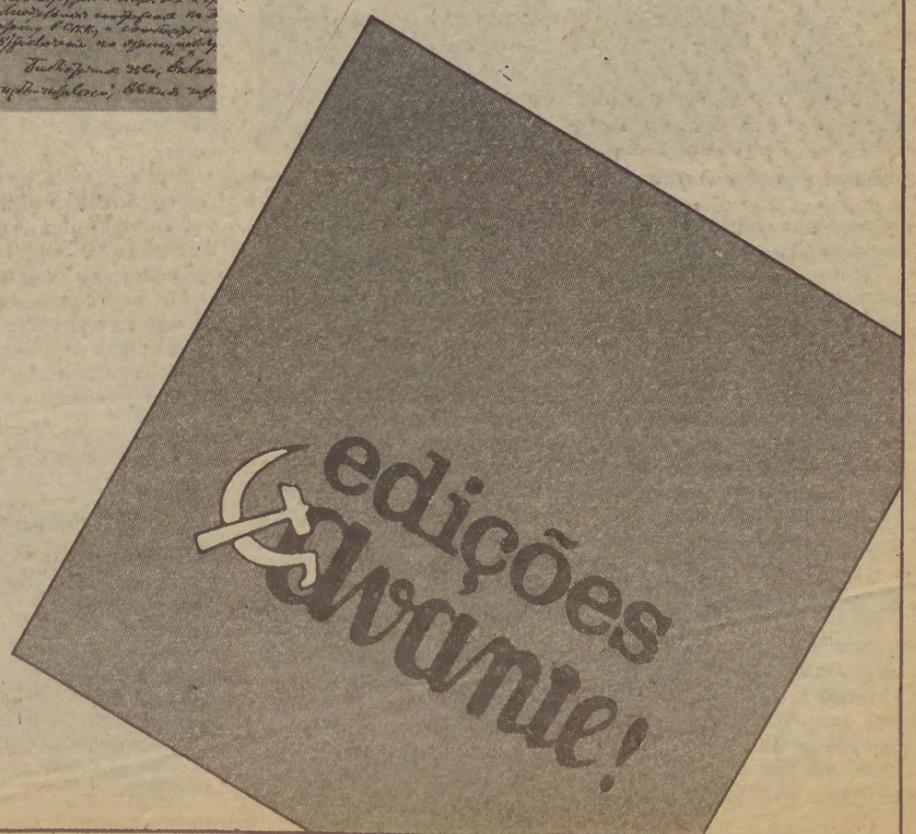
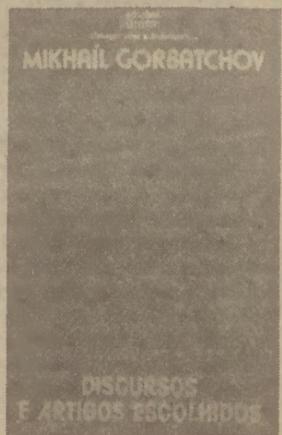
V. I. Lénine Obras Escolhidas, tomo 4

No quarto tomo das *Obras Escolhidas* de V. I. Lénine em 6 tomos são incluídos trabalhos escritos entre Julho de 1918 e Dezembro de 1919, período do desencadeamento e intensificação da intervenção militar estrangeira contra a república soviética e da guerra civil no país.

Mikhail Gorbatchov Discursos e Artigos Escolhidos

Não existe campo, quer se trate da política, da economia ou da cultura, em que a União Soviética não esteja disposta a desenvolver frutuosa relações com Portugal na base do entendimento, da igualdade de direitos, da tomada em consideração dos interesses mútuos. É vasto o terreno para a cooperação soviético-portuguesa. E importa que ele não seja obstruído pela incompreensão, pelos preconceitos, pela desconfiança.

«Do Prefácio escrito para este livro por Mikhail Gorbatchov.»



Trabalhadores

Resposta firme dos trabalhadores à intransigência do Governo

Em pleno período de férias, enfrentando a intransigência e a ausência de diálogo de conselhos de gerência e de membros de um Governo apostado na confrontação, trabalhadores de vários sectores prosseguem firmemente acções reivindicativas por legítimas e justas aspirações e direitos, conflitos que quais se tem evidenciado, a par de uma forte mobilização e unidade, uma extraordinária combatividade no sentido de sustentar a ofensiva do patronato e do Governo de Cavaco Silva.

Mineiros

No sector mineiro, por exemplo, está em curso até terça-feira próxima uma semana de luta pela reabertura das minas ilegalmente encerradas, pela defesa dos postos de trabalho e dos direitos sociais dos trabalhadores e pelo pagamento dos salários em atraso.

Convocada pela Federação dos Sindicatos do sector, esta luta surge como resposta à ofensiva que o patronato e o Governo têm desenvolvido, nomeadamente à tentativa de despedimento de três mil trabalhadores e ao encerramento parcial ou total das empresas metalúrgicas de transformação, nomeadamente de estanho.

Recorda-se que esta política está a gerar no plano social situações de miséria para os trabalhadores mineiros e suas famílias, facto que é acompanhado de uma degradação do aparelho produtivo com reflexos negativos



Em defesa dos postos de trabalho



Contrato colectivo «congelado» há seis anos

no panorama económico e social de várias regiões do País.

Opondo-se a tais designios, os trabalhadores acusam Cavaco Silva de utilizar um discurso demagógico e de ser o responsável pela situação presente, manifestando-se dispostos a não aceitar esta política de destruição ao mesmo tempo que insistem na existência de alternativas que, devidamente consideradas, permitirão resolver os problemas, com que se defronta o sector.

Arrasto costeiro

Com uma paralização iniciada na passada segunda-feira, prevista até à meia-noite de amanhã, sexta-feira, também os trabalhadores do arrasto costeiro estão em luta como forma de obrigar a entidade patronal a

«boicote total às taxas moderadoras» constituiu uma das decisões do plenário de médicos da Zona Sul realizado na passada semana no Hospital D. Estefânia, em Lisboa, no decorrer do qual foi ainda aprovado um calendário de acções, a primeira das quais — uma vigília entre as 19 e as 23 horas junto à residência oficial do Primeiro-Ministro — estava prevista para ontem como forma de apoio a uma delegação sindical que havia solicitado audiência com o chefe do Executivo.

Entre as decisões aprovadas pelos médicos, presentes em elevado número no referido plenário, contam-se ainda o alargamento da greve administrativa nas urgências levada actualmente a cabo pelos policlínicos a todos os estratos médicos entre 25 de Agosto e três de Setembro a que se seguirá, caso não haja acordo com a ministra da Saúde, uma greve geral de 24 horas de todos os médicos da Zona Sul.

RN e STCP

Na sequência da primeira reunião de conciliação, na passada terça-feira entre os representantes dos trabalhadores e o conselho de gerência da Rodoviária Nacional e com o intuito de analisar os seus resultados, estava previsto para ontem um plenário de dirigentes, delegados sindicais e membros das CTs da RN.

Os sindicatos da FESTRU, respeitando a vontade expressa dos trabalhadores manifestada nas grandes concentrações realizadas na passada semana em Lisboa, tinham já marcada, entretanto, para amanhã, sexta-feira, uma greve de 24 horas a partir das 4,30 horas, caso a reunião de anteontem não permitisse «uma evolução positiva do processo que vá ao encontro dos interesses dos trabalhadores».

Em tudo idêntica se mantinha, por outro lado, a situação dos trabalhadores dos Transportes Colectivos do Porto, os quais aguardavam do conselho de gerência, para a primeira sessão da fase de conciliação marcada para a última terça-feira, a apresentação de propostas «susceptíveis de permitirem um acordo».

De acordo com fontes sindicais, apesar da total disponibilidade dos Sindicatos para dialogar com a Associação dos Armadores de Pescas Industriais, a suspensão das greves só virá a verificar-se «se, efectivamente, se vierem a reunir condições consideradas satisfatórias».

Médicos

A aprovação de um apelo dirigido à população no sentido do



Firmeza na defesa de justas reivindicacões

PCP

António Gervásio no Escoural:

«É bom que o Governo não possa cumprir o seu programa»

Convívio, cultura e esclarecimento foram as notas dominantes da Festa da Liberdade, realizada no passado fim-de-semana no Escoural por iniciativa da Comissão de Freguesia local do PCP. O comício, no domingo, constituiu o momento alto da festa, com uma intervenção do camarada António Gervásio, membro da Comissão Política do Co-

mité Central do Partido. A actual situação política, os ataques do Governo Cavaco Silva/PSD à Reforma Agrária e a luta dos trabalhadores foram os temas em foco.

Sobre a actual situação política afirmou o camarada António Gervásio que «é vital para bem do nosso povo e do país que o Governo Cavaco Silva não pos-

sa cumprir o seu programa», pois que tal programa visa a «restauração do poder dos monopólios e dos agrários ao serviço do imperialismo».

Em resultado da política de direita dos últimos dez anos, prosseguida e aprofundada por este governo, «o país caminha para uma grande instabilidade política e tensão social». O camarada citou a proposta de situação social no distrito de Évora, com cerca de quinze mil desempregados, e o grosso dos quais mulheres «que o Governo quer passar a domésticas».

Ao mesmo tempo, referiu António Gervásio, «desenvolve-se com grande resistência a luta de massas em largos sectores da vida nacional, em forte contestação à política antipopular de Cavaco Silva».

Citando algumas das derrotas sofridas por Cavaco Silva e a direita no seu conjunto, o camarada António Gervásio sublinhou a importância da derrota na AR da proposta do Governo sobre a nova Lei de Bases da Reforma Agrária.

Mas, referiu António Gervásio, «a luta de massas é o caminho certo para derrubar o Governo Cavaco Silva, para criar con-

SIP do PCP comenta discurso de Cavaco A arrogância esconde a fraqueza crescente

Em comentário a algumas afirmações de Cavaco Silva proferidas este fim-de-semana em Pontal, no Algarve, a SIP do PCP emitiu uma nota em que considera tal discurso como «uma cansativa repetição das falsidades e mistificações com que esforçadamente vem de há muito procurando iludir a opinião pública».

Adianta a nota da SIP que «o Primeiro-Ministro não quer olhar a realidade do fracasso do seu Governo nacional. Prefere congeminar fantasias simplistas sobre inegáveis excelências de uma população que os factos mostram realmente inepta e antipopular».

O Primeiro-Ministro não quer enfrentar a evidência de um crescente descontentamento popular. Prefere perorar sobre fantasiosas maquinações dos partidos da oposição e atribuir-lhes uma irresponsabilidade que caracteriza de facto o Governo.

O Primeiro-Ministro foge a encarar os resultados práticos e concretos do seu Governo, os quais revelam, em balanço global, a manutenção e agravamento dos principais problemas nacionais. Prefere inelutir em tiradas demagógicas e em operações propagandísticas que são uma ofensa à inteligência dos cidadãos.»

A concluir a nota da SIP considera: «O discurso de Cavaco Silva evidenciou novamente que, por detrás da arrogância da frase, se encontra a consciência da fraqueza, vulnerabilidade e insegurança do seu Governo que, incapaz de dar solução aos problemas do povo e do País, entrou manifestamente em contagem decrescente e cuja sorte se encontra dependente de eventuais iniciativas convergentes dos partidos democráticos.»

E o Telejornal dá uma ajuda

Entretanto a RTP, depois de em desenvolvida reportagem transmitida no Telejornal de domingo ter noticiado o referido discurso, voltou de novo à carga. No dia seguinte, depois de apresentar as reacções dos partidos de oposição às arrogantes afirmações do líder do PSD, o Telejornal numa clara manobra de grosseira manipulação voltou, de novo, a reproduzir extractos das declarações de Cavaco Silva sublinhadas agora pelo recurso ao insersor de caracteres para vincar as ideias expostas no discurso.

Perante esta inqualificável atitude, a SIP do PCP emitiu, na passada terça-feira um comunicado em que considera que a orientação sectária, discriminatória e ofensiva do pluralismo dos serviços noticiosos da RTP atingiu níveis de tal maneira escandalosos que se impõe uma pronta e enérgica intervenção dos órgãos e instituições que, constitucionalmente, estão vinculados à missão de assegurar o respeito dos princípios legais por parte dos órgãos de comunicação social do Estado.

É legítimo — adianta a nota da SIP — a suspeita de que a audição por parte da RTP do PS, do PCP e do CDS, teve unicamente em vista construir um pretexto para a imposição aos telespectadores de uma nova dose de mistificações de Cavaco Silva, num ostensivo acto de manipulação a que nem faltou o nada usual recurso, através do insersor de caracteres, ao sublinhado visual de algumas das ideias expostas pelo líder do PSD.»

A nota da SIP do PCP termina afirmando que a opinião pública não pode deixar de tirar as devidas conclusões do facto evidente de hoje os principais mandantes e beneficiários da instrumentalização da RTP serem exactamente um dirigente político — Cavaco Silva — e um partido — o PSD.



«15 mil desempregados no distrito de Évora, a maioria mulheres»

dições para uma alternativa democrática para resolver os problemas dos trabalhadores e do país».

Detendo-se no exame da questão da alternativa democrática, o camarada António Gervásio apelou à reflexão sobre a vida e a realidade da política portuguesa nos últimos dez anos. «A direita tem governado e tem atacado as conquistas de Abril encavalitada em partidos democráticos.»

António Gervásio analisou as teses veiculadas por alguns sectores de opinião e partidos democráticos, acerca da «alternância», «bipolarização», «hegemonia da esquerda democrática» e concluiu, a este propósito, que «nestes dez anos de luta árdua, a vida ensinou-nos muito. Ensinou que o PCP é uma força política indispensável à democracia e não pode, por isso, ser afastado de uma alternativa democrática».

Por essa razão, o reforço do Partido é uma questão fundamental no momento actual. «Há que dizer a todos os trabalhadores e democratas: se queremos uma alternativa democrática participa activamente na luta, junta a tua voz do PCP, contri-

bui para o reforço orgânico e político do Partido. O reforço do PCP interessa aos trabalhadores, aos democratas, a todo o país», concluiu António Gervásio.

Mas nem só do comício viveu a Festa da Liberdade no Escoural. Foi a música popular, o convívio, os petiscos tradicionais. São assim as festas do PCP, luta criadora, alegria e confiança renovadas. A Festa da Liberdade que animou o Escoural este fim-de-semana teve início na sexta-feira à noite com um baile com o conjunto «Panóias» e prosseguiu no sábado com a actuação do grupo de música popular «Os Banza do Seixal», o Rancho Folclórico da Tourega e um grupo coral dos Pinheiros de Viana. À noite, foi de novo, o baile desta vez com o conjunto «Fweet Moke».

Domingo a Festa começou animada, com uma vacada. Foi igualmente com animação e combatividade que se realizou o comício a que já fizemos referência. À noite «continuou a dança», com os ranchos folclóricos das Cortiçadas de Lavre e da Casa Branca e com mais um grupo de música popular, o «Vozes da Terra».

Incêndios florestais em debate Arganil, dia 24, às 10h

Está a despertar grande interesse na região, o debate anunciado para dia 24, a partir das 10 horas, na Casa do Povo de Arganil sobre «Florestas, Madeiras e Economia Serrana», numa iniciativa de Comissão Distrital de Coimbra do PCP.

Nele vão participar os engenheiros Lucílio Martins e Vítor Louro e o deputado eleito pelo círculo de Coimbra, João Abrantes, além de elementos dos serviços florestais e outros serviços

oficiais, associações de bombeiros, organizações unitárias de camponeses e cooperativas florestais. Entretanto, diversas outras estruturas e associações de camponeses e pessoas interessadas deram já o seu apoio a esta oportuna iniciativa.

Prevenção, detecção e combate aos incêndios florestais, as madeiras e o código florestal português serão alguns dos temas em foco neste debate.

Difusor do «Avante!» — um exemplo

Do distrito de Évora nos chega a notícia: o camarada Francisco da Silva Jardim, de Vila Viçosa, difusor do «Avante!», vendeu até hoje mais de 42 mil exemplares do nosso jornal!

Este camarada, operário de mármore reformado, lançou-se a esta tarefa desde 27 de Outubro de 1977, com o espírito de conseguir sempre mais leitores. Se na primeira semana vendeu uma dúzia de «avantes», na segunda venderia 23, na terceira 51 e na quarta atingia o número de 66. Mas não iria ficar por aqui — de 1978 a 1980 vendia semanalmente uma média de 70 a 75 jornais, média que iria subir até atingir os 80 jornais entre 1981 e 1984.

O nosso camarada, apesar de doente, não desmobiliza. Nem o desmobiliza o facto de hoje encontrar muito mais gente a dizer que a vida está cara. Diz ele que, enquanto puder, não poupará forças para vender o jornal do Partido.

Mas não é apenas como difusor do «Avante!» que o camarada Francisco Jardim se destaca como exemplo. Ele tem sido também um grande recrutador de militantes. Só a ele se deve o recrutamento de 99 novos camaradas, boa parte da organização do concelho.

Que continue com esse entusiasmo e militância, e com saúde, são os nossos votos.



Nacional

Descontentamento e protestos percorrem campos do Norte e Centro

• ARAAM toma posição sobre incêndios e guias de gado

A obrigatoriedade da passagem de guias para a circulação e comercialização de gado continua a estar na origem de múltiplos e variados protestos dos agricultores e suas organizações os quais exigem a cessação de tal exigência e a sua substituição pelo boletim de sanidade animal.

Alinda recentemente, em Ponte da Barca, cerca de três centenas e meia de agricultores reunidos em plenário decidiram encetar diligências junto das forças militarizadas do concelho no sentido de deixarem de ser exigidas tais guias, as quais, em seu entender, «em nada se justificam, não servem para nada e não servem para promover o contrabando de gado de Espanha para o nosso País», muitas vezes em condições de duvidosa sanidade.

Segundo um documento divulgado pela Associação Regional dos Agricultores do Alto Minho (ARAAM), onde se dá a conhecer esta posição dos agricultores de Ponte da Barca, o contrabando de gado proveniente de Espanha continua a processar-se

«todos os dias», pese embora a exigência das guias as quais, na verdade, acabaram por vir «facilitar aquela prática ilícita» já que, de acordo com o comunicado, «o envolvimento das entidades que têm o dever de fiscalizar, em práticas nebulosas, deixam as nossas fronteiras e a costa à mercê dos contrabandistas».

Não às taxas!

Aquela organização representativa dos homens do campo do Alto Minho tomou pública posição de acordo com o pagamento de taxas relativas ao número de cepas a incluir no cadastro actualmente em curso na região demarcada dos vinhos verdes.

Constatando esta determinação imposta pelo Decreto-Lei 504-1/85 de 30 de Dezembro, a ARAAM afirma estar de acordo que se faça o cadastro da vinha «mas que se pague unicamente o impresso onde vamos inscrever o número de cepas», discordando ainda dos «prazos propostos para o procedimento de

declaração do número de cepas». De acordo com o referido Decreto-Lei os viticultores cujas vinhas sejam alvo de cadastro estão sujeitos ao pagamento de uma taxa cujo montante varia segundo o número de pés, imposition esta que os agricultores interpretam como uma medida destinada a «levar o produtor de vinho a arrancar voluntariamente as videiras».

Para além da gravidade desta disposição, inserida no entender da ARAAM numa «ofensiva contra o pequeno e médio agricultor», importa ainda registar a autorização concedida pelas autoridades oficiais para a importação de 24 mil pipas de vinho estrangeiro, autorização que constitui um verdadeiro escândalo se atendermos a que grande parte da produção nacional continua ainda por escoar.

Madeiros sem escrúpulos

Os incêndios florestais que

têm assolado o Norte e Centro do País mereceram também um comentário da ARAAM que considerou estar na origem de tal flagelo um conjunto de «interesses fundamentalmente económicos de madeiros menos escrupulosos que pagam a marginais para que ateiem fogo nas florestas a fim de comprarem as madeiras por metade do preço e depois as venderem às celulósas pelo preço igual ao das madeiras não incendiadas».

Adiantando algumas medidas que a seu ver permitiriam pôr cobro a esta praga a ARAAM salienta a proibição dos madeiros adquirirem directamente as madeiras afectadas pelos fogos, criando-se para o efeito «estaleiros ou por freguesia ou por concelho que funcionarão como depósito de madeira a vender posteriormente a preço de tabela pelos organismos do Estado e serviços florestais, conjuntamente com os Conselhos Directivos de Baldios».

Auto-estrada Lisboa-V. F. Xira Câmara luta pela abolição das portagens

Continua a decorrer em bom ritmo a recolha de assinaturas para a abolição das portagens em Sacavém e em Alverca, uma iniciativa da Câmara Municipal de Vila Franca de Xira lançada há cerca de quinze dias na sequência dos aumentos decretados pelo Governo para as portagens nas auto-estradas nacionais.

Inserida numa campanha destinada a sensibilizar a opinião pública e os diferentes órgãos de soberania para a justiça desta pretensão do município — recorde-se que ela é coincidente com os interesses quer das populações quer das actividades eco-

nómicas da região —, esta forma de protesto decorre de outras acções levadas a cabo pela Câmara, designadamente um encontro com a comunicação social promovido no início do corrente mês junto à portagem de Sacavém no qual participou Daniel Branco, presidente do executivo camarário.

Entre as principais razões apontadas para a necessidade de abolir as portagens na auto-estrada entre Lisboa e Vila Franca de Xira contam-se os mais de 25 anos em que o seu pagamento está em vigor (tempo considerado mais do que suficiente), a que há que juntar,

como sublinha o texto do abaixo-assinado, o «tempo perdido e o correspondente combustível consumido nas longas filas de espera» que se formam junto às cabinhas de portagem, contratectivo que constituem um «efectivo prejuízo e demonstram a desadequação da actual via à função que devia desempenhar».

A juntar a estas razões, ainda de acordo com o abaixo-assinado, torna-se imperioso a curto prazo «permitir a ligação de novos nós entre a Estrada Nacional como forma de encontrar um mais racional encaminhamento do intenso tráfego que circula nesta zona».

Num comunicado entretanto emitido a propósito o presidente da Câmara Municipal refere que «tal como a portagem da ponte de Vila Franca de Xira desapareceu, também desaparecerão as portagens da auto-estrada em Sacavém a Alverca», convicção tanto mais forte quanto é sabido que a «acção conjunta das autarquias, das populações e das actividades económicas da região acabará por conseguir concretizar aquilo que a vida impõe».

Os postos de recolha de assinaturas situam-se em Vila Franca de Xira e em Alverca, existindo ainda um móvel a percorrer o concelho.

Câmara de Almada empenha-se na conservação da Caparica

• 30 mil sacos em 20 km de areal

A Câmara Municipal de Almada continua a desenvolver esforços no sentido de manter limpas as ruas, matas e praias sob sua administração, estando neste momento a decorrer uma «campanha de limpeza das praias», orientada em primeiro lugar para a sensibilização dos veraneantes no sentido de defender e preservar o ambiente.

Enquadrado no programa de «Ocupação dos Tempos Livres» iniciado no passado dia sete de Julho — programa em que colaboram 40 jovens que combatem os maus hábitos dos utentes deitando nos sacos colocados ao longo da praia os lixos abandonados —, esta iniciativa do Executivo de Almada resulta da sua preocupação em empenhar a população na alteração de alguns hábitos colectivos e fazê-la participar mais activamente com os serviços municipais, objectivos tanto mais necessários quanto

se sabe que a limpeza constitui não apenas um «problema de engenharia sanitária, mas, também, um problema sociocultural».

Apesar desta tarefa não se apresentar fácil — basta recordar que os banhistas da Costa da Caparica produzem por dia, em média, cinquenta toneladas de lixo uma parte do qual, por desleixo, não é depositado nos cerca de 30 mil sacos de plástico espalhados por 20 quilómetros de areal e diariamente recolhidos durante a noite —, a Câmara Municipal mostra-se decididamente empenhada em concretizar com êxito esta operação de conservação da Costa da Caparica, encontrando-se para o efeito a ser já profusamente distribuídos sugestivos desdobráveis aos utentes das praias lembrando-lhes que «só com a sua colaboração» será possível manter

despoluído aquele lugar que é afinal «a sua praia».

Regulamento de águas residuais

Os Serviços Municipalizados de Água e Saneamento do município de Almada acabam entretanto de editar o seu regulamento de águas residuais, extenso documento de 244 páginas consagradas ao articulado e a numerosos gráficos, esquemas e ilustrações, abordando a «terminologia técnica», «disposições gerais», «disposições de carácter técnico», «projectos e obras», «Tarifas», «penalidades, reclamações e recursos», encerrando com as «disposições finais e transitórias».

Considerado um trabalho de inegável importância que certamente despertará o interesse de muitas outras câmaras de todo o

País, o preâmbulo deste regulamento de águas residuais salienta a dado passo que «as fontes poluidoras que mais afectam a saúde do homem, o restante biota, o solo e os recursos hídricos são, sem dúvida, as águas residuais e os excretos produzidos pelo próprio metabolismo vital dos organismos vivos, incluindo o homem e pelas actividades económicas das sociedades modernas».

Para aferir do interesse deste trabalho realizado pelos Serviços Municipalizados de Almada referia-se ainda o facto, como salienta uma informação camarária, do quadro legislativo e regulamentar português ser, nesta matéria, na maior parte dos casos, limitado, antigo ou incompleto».

Na elaboração deste Regulamento trabalharam autarcas, técnicos e juristas de todos os municípios do distrito de Setúbal.

Internacional

Roménia festeja vitória

Em 23 de Agosto festeja-se na Roménia a vitória da revolução de libertação social e nacional antifascista e anti-imperialista. Em 1986 passam 42 anos sobre esse acontecimento histórico que abriu caminho a grandes transformações revolucionárias democráticas, de ordem política, económica e social — o caminho da criação da sociedade socialista. Particular significado têm este ano as comemorações do Dia Nacional da Roménia, pouco depois do 65.º aniversário do Partido Comunista Romeno e dos festejos de mais de 100 anos de existência do movimento operário e revolucionário naquele país.

Sob o impacto do avanço irresistível do Exército Soviético e das grandes vitórias sobre os exércitos nazis, organizada e dirigida pelo Partido Comunista Romeno em aliança com outras forças políticas e com o exército, a revolução de libertação social e nacional antifascista e anti-imperialista da Roménia iniciou-se com a insurreição armada de 23 de Agosto de 1944. Nesse dia histórico, o governo de Antonescu foi preso e formou-se um novo governo de unidade nacional, com a participação dos comunistas e das principais forças democráticas do país, de especialistas e de militares. A Roménia saiu da coligação hitleriana e da guerra anti-soviética e voltou as suas armas contra a Alemanha nazi.

Todo o exército romeno, juntamente com as guardas patrióticas criadas pelo Partido Comunista, iniciou a luta contra os

mutações revolucionárias em todos os campos, no domínio político, económico e social, desde Agosto de 1944. Tomando nas mãos o seu próprio destino, o povo romeno passou à edificação da sociedade socialista e mudou estruturalmente o panorama social e económico do país. A Roménia agrária, com uma indústria pouco desenvolvida, transformou-se num país industrial-agrícola, com uma poderosa indústria moderna dotada em grande parte de avançada técnica, com uma agricultura socialista e uma efervescente vida cultural e científica.

O poder político é exercido pelo povo sob a direcção do Partido Comunista Romeno — pela Grande Assembleia Nacional (órgão supremo do poder estatal) e pelos Conselhos Populares, órgãos do poder do Estado nas comunas, cidades e distritos. Foram constituídos organismos de-



Bucareste: novos bairros. Mais de 80% dos romenos passaram, desde 1944, a viver em novas casas

Quarenta e dois anos depois...

Em comparação com o ano de 1944, a produção industrial foi em 1985 mais de 100 vezes maior. Dela, cerca de 80% foi realizado nos últimos 20 anos. A produção agrícola aumentou mais de 4 vezes, e a renda nacional mais de 32 vezes. Foi realizado um vasto programa de construções industriais, agrícolas, socioculturais, mudou todo o aspecto do país. Mais de 80% da população passou a viver em novas casas. Um grande desenvolvimento conheceram a ciência, o ensino, a cultura, a actividade político-educacional de formação do homem novo, factor determinante para o progresso económico e social. Os rendimentos reais dos trabalhadores aumentaram cerca de 8 vezes.

ocupantes hitlerianos que tentaram derrubar o novo governo e restabelecer a ditadura militar fascista. Em poucos dias foram liquidadas as unidades militares alemãs de Bucareste e da maior parte do país. Desde Setembro, o exército romeno, junto com o exército soviético que avançava para ocidente, passou a combater pela libertação do território do Noroeste da Roménia, ocupado pelas forças fascistas de Horthy da Hungria. Em finais de Outubro de 1944, todo o território romeno fora libertado. Ao lado do exército soviético, o exército romeno participou nas grandes batalhas contra o fascismo, na libertação da Hungria e da Checoslováquia de parte da Áustria, até à vitória final em 9 de Maio de 1945.

O que mudou

A Roménia conheceu profundas

mocráticos originais, nomeadamente o Conselho Supremo do Desenvolvimento Económico e Social, com atribuições de parlamento económico, a Câmara Legislativa dos Conselhos Populares distritais e outros, que aperfeiçoam o quadro de participação dos cidadãos na actividade legislativa e na direcção geral do país.

As organizações sindicais e juvenis, as comissões e comités de mulheres, as outras organizações sociais, profissionais e cooperativas, os conselhos de trabalhadores, as uniões dos criadores, as associações e sociedades científicas, culturais e desportivas, e ainda outras organizações, inclusivamente os cultos religiosos, colaboram no âmbito da Frente da Democracia e da Unidade Socialista, que se afirma como forma superior de acção unida do povo romeno para o desenvolvimento do país.



De país atrasado, a Roménia transformou-se em país industrial e agrícola. Na foto, uma nova fábrica de tractores

Preparar o futuro

Nestes anos foi garantida a solução do problema nacional herdado do passado. A sociedade romena garante amplas liberdades e direitos democráticos a todos os cidadãos, sem distinção de nacionalidade, de raça, de sexo ou de religião.

Os cidadãos romenos de outras nacionalidades — húngaros, alemães e outros — dispõem de escolas, publicações, livros, teatros e outras iniciativas culturais nas respectivas línguas maternas.

Com base nas realizações até agora concretizadas, a Roménia projecta os seus programas para o futuro no caminho do progresso social.

No ano corrente iniciou-se a realização do oitavo plano quinquenal (1986-1990) cujo objectivo fundamental é o da passagem do estágio de país em vias de desenvolvimento ao de desenvolvimento médio. Até ao ano 2000 a perspectiva é a de a Roménia se tornar num país socialista multilateralmente desenvolvido.

Paz e desenvolvimento

No novo quinquénio, particular acento recai no desenvolvimento da energia e da base de matérias-primas, para solucionar em linhas gerais, até 1990, o problema da energia, com a entrada em produção de novas centrais eléctricas, inclusivamente nucleares, de acordo com o programa energético do país.

Atenção prioritária será concedida à revolução técnico-científica e à revolução agrária. A introdução do progresso técnico e a

organização científica da produção e do trabalho determinarão o aumento da produtividade do trabalho (em 8-10% anualmente).

Os objectivos principais da política de desenvolvimento económico e social da Roménia no quinquénio de 1986-1990 residem no desenvolvimento intensivo da indústria, da agricultura e dos outros ramos da actividade, no aumento da rentabilidade e da eficiência económica, na realização de uma nova qualidade do trabalho e da vida de todo o povo.

Internacional

Pretória ameaça com «medidas punitivas» os países vizinhos

Afirma a agência noticiosa angolana, Angop, que de Pretória surgiu nova ameaça para os restantes países da África Austral, pois o ministro da Defesa sul-africano anunciou que o seu país tomará «medidas punitivas» contra os Estados que apoiam a aplicação de sanções económicas ao seu governo.

Na linguagem política usada pelos «senhores do apartheid» palavras como «medidas punitivas» significam bombas, destruições, violações, muitos mortos. Em Angola tem sido assim. Assim é neste momento.

No caso concreto de Angola, das palavras à prática foi um ápice. Três batalhões sul-africanos, enquadrando os seus lacaios, travam desde o dia 9 violenta batalha com as FAPLA, no Cuito Canavale.

As razões da nova ameaça de Magnus Malan, ministro da Defesa sul-africano é a unidade dos países independentes da África Austral a favor de sanções económicas globais ao regime racista que governa a África do Sul.

Mas a ameaça não é extensiva a todos os países que no mundo se manifestam favoráveis à adopção de medidas económicas contra o regime racista.

A agressão continua

O último balanço feito pelas autoridades militares angolanas sobre a agressão sul-africana ao seu país era o seguinte:

Eleva-se a 95 o número de mortos causados pelas FAPLA às tropas invasoras sul-africanas que desde 10 de Agosto assediavam a vila de Cuito Canavale, na província de Kuando-Kubango.

As FAPLA destruíram ainda um total de seis viaturas ao inimigo, um blindado do tipo AML-90, recuperaram uma viatura, nove armas ligeiras de infantaria, quatro metralhadoras, um morteiro de 60 mm, seis obuses de morteiro e diferentes meios de comunicação-rádio.

Há a lamentar a morte de dois combatentes das FAPLA e 23 mortos e feridos entre a população civil e ainda a destruição de uma viatura e de sete vivendas.

O regime racista sul-africano desencadeou o ataque a Cuito Canavale no passado dia 10 de Agosto, utilizando forças avaliadas em três batalhões, além do conhecido batalhão «Búfalo», apoiados por baterias de artilharia reactiva do tipo «Kentron», baterias auto-propulsadas de 155 mm, baterias de 106,5 mm e blindados AML-90.

O exército angolano repeliu os ataques de 10 de Agosto. Às zero horas do dia seguinte, os invasores reiniciaram o fogo de artilharia passando ao assalto com forças compreendendo três batalhões apoiados por viaturas blindadas AML-90, mas foram mais uma vez travados pelas FAPLA que os obrigaram a passar à defesa.

O inimigo racista voltou a atacar as posições angolanas pelas 6 horas do dia 12, com um agrupamento de três batalhões apoiados por peças de artilharia G-5 e cinco blindados AML-90. Às 4 horas do dia 13 de Agosto, as forças sul-africanas reiniciaram os ataques com fogo de artilharia contra as FAPLA, que têm resistido a todas as ofensivas do inimigo, causando-lhe já profundas baixas.

Nos comunicados difundidos pelo Ministério da Defesa angolano têm sido denunciadas as manobras propagandísticas que antecederam a invasão de Angola, invocando «presumíveis preparativos de invasão do norte da Namíbia por forças das FAPLA e da Swapo».

Com esta desinformação, realça-se, «o regime racista pretendia distrair a opinião pública internacional, enquanto realizava preparativos de guerra».

As movimentações das tropas sul-africanas dentro e junto da fronteira angolana têm vindo a ser prontamente denunciadas pelas autoridades angolanas nos mais diversos fóruns. Na recente Cimeira da OUA, o presidente angolano José Eduardo dos Santos denunciou a presença de forças sul-africanas no nordeste da Namíbia junto à fronteira angolana, avaliadas em três a quatro brigadas de infantaria motorizada, oito a dez batalhões regulares e outras unidades e sub-unidades.

Estas unidades contam, segundo foi revelado, com um efectivo de cerca de 20 000 homens apoiados por 120 tanques, 800 blindados, mais de 350 peças de artilharia, morteiros e canhões de grande e médio calibres e cerca de 60 sistemas de mísseis ar-terra do tipo «Entac».

Entretanto, na província do Moxico — a 3.ª Região Político-Militar — as FAPLA abateram 187 bandoleiros da Unita e fizeram alguns prisioneiros. No decurso da operação foram capturadas mais de uma centena de armas ligeiras e pesadas, bem como grandes quantidades de outro material de guerra de origem sul-africana.

As Forças Armadas angolanas libertaram neste período 265 camponeses cativos dos bandoleiros da Unita e que viviam na mata em condições infra-humanas.

Jesse Jackson visita Angola

Uma delegação norte-americana chefiada pelo reverendo Jesse Jackson visitou a República Popular de Angola. Esta delegação tem como missão criar uma nova política dos Estados Unidos em relação à África.

Jesse Jackson salientou que foi a Angola visando uma política nova que assentaria na compreensão, humanismo e respeito da integridade territorial dos países independentes, permitindo a er-

radicação do «apartheid» e as suas variadas formas.

Pronuncia-se a favor de uma comissão constitucional na África do Sul, a independência da Namíbia e a cessação dos ataques sul-africanos a Angola e Moçambique.

Assinalando que os Estados Unidos são o parceiro comercial número um de Angola e que um gesto de amizade requer o respeito e o reconhecimento deste território soberano, acrescentou: «Infelizmente só os Estados Unidos e a África do Sul não reconhecem a legitimidade de Angola.»

Disse igualmente que os EUA não devem colaborar com a África do Sul e permitir acções agressivas para desestabilizar os governos da Linha da Frente.

Por seu turno, na recepção que ofereceu à delegação norte-americana, o chefe do Estado angolano, José Eduardo dos Santos, considerou que as relações entre Angola e os Estados Unidos não reflectem a disponibilidade existente de Angola para ampliação das relações económicas, comerciais e financeiras.

O presidente angolano precisou ainda que o actual governo norte-americano continua a conceber a sua política para a África Austral e Angola em especial partindo de uma análise não realista.

Expressou, por outro lado, que os esforços de Angola para a solução dos problemas da África Austral numa base justa e duradoura não têm sido convenientemente interpretados pela actual administração norte-americana.

«A sua contribuição para o estabelecimento da paz na nossa sub-região — disse ainda José Eduardo dos Santos — teria sido bastante positiva se quisesse exercer com imparcialidade o papel de mediação no processo de negociações.»

O presidente José Eduardo dos Santos assinalou que a política agressiva e belicista da África do Sul fizeram com que Angola recorresse à ajuda internacional para salvaguarda da soberania e integridade.

Elemento da Unita preso na Zâmbia

As forças de segurança da Zâmbia detiveram na província do Zambeze, no noroeste do país, um elemento da Unita, segundo informou a agência noticiosa «Zana».

Foram igualmente presos sete habitantes locais recrutados pelos bandidos. Recentemente, o «chefe» da Unita, Jonas Savimbi, ameaçou a Zâmbia exigindo que o governo de Lusaka se recuse a prestar ajuda ao governo da República Popular de Angola.

A «Zana» informa ainda que partidários de Savimbi já realizaram no noroeste da Zâmbia uma série de acções terroristas.

Por que os conservadores ingleses não querem sanções à África do Sul

Na África do Sul continua a degradação do regime racista que recorre cada vez mais à violência para prolongar a sua agonia.

No último fim-de-semana 16 pessoas foram mortas na África do Sul, segundo dados fornecidos pela agência de notícias governamental que, nos termos do estado de emergência, monopoliza a divulgação de tumultos no país.

Normalmente, as autoridades minimizam o número de vítimas e silenciam a quantidade dos presos que, segundo estimativas das organizações democráticas, atingiu 13 mil pessoas.

O Partido Federal Progressista, na oposição, declarou que os seus deputados ao parlamento tencionam exigir que o governo divulgue informações detalhadas sobre as acções da polícia e do exército.

Daquele número de presos, cerca de 2200 foram detidos ao abrigo da chamada «lei dos passes» que autoriza detenções por um prazo ilimitado sem que sejam apresentadas quaisquer acusações. Os restantes reclusos foram detidos aquando da vigência do anterior estado de emergência levantado em março último.

Entretanto, o bureau do Partido Federal Progressista, incumbido de registar as pessoas dadas como «desaparecidas» tem uma lista com 6400 nomes de cidadãos presos recentemente. Muitas pessoas desapareceram sem deixar vestígios, pois as autoridades sul-africanas recusam-se a comunicar o paradeiro dos desaparecidos aos seus familiares.

Um representante do Partido Federal Progressista revelou, há dias, que os dirigentes do seu partido receberam uma informação procedente de Eveltemba, subúrbio da cidade do Cabo, sobre o desaparecimento de mais de uma centena de africanos. O Partido não exclui a possibilidade de do seu aniquilamento físico.

O «apartheid» sempre

O recente congresso do Partido Nacionalista de Pieter Botha, no poder, não trouxe mudanças, contrariando as afirmações de certos países ocidentais, particularmente a Grã-Bretanha e os EUA, que viam a possibilidade de acabar com o «apartheid» através do diálogo.

«A lei sobre desenvolvimento separado dos brancos e dos negros permanecerá intacta enquanto eu continuar a dirigir este país» afirmou em guisa de balanço o presidente sul-africano Pieter Botha, no discurso de encerramento do congresso do seu partido, realizado em Durban.

Os oradores que intervieram no último dia do congresso, entre eles Magnus Malan e Louis Le Grange, respectivamente ministros da Defesa e da Lei e da Ordem, atacaram violentamente o Congresso Nacional Africano, acusando-o de «terrorismo» e renovaram as suas ameaças aos países vizinhos.

O congresso afirmou que a cúpula governamental de Pretó-



O governo britânico não alinha nas sanções. Alinha no apartheid

ria tenciona defender a todo o custo o sistema do «apartheid» na África do Sul.

Sanções

O Presidente moçambicano Samora Machel salientou há dias em Maputo a necessidade de aplicar medidas energéticas para pôr termo «à política de desestabilização e expansionismo seguida pelo regime de Pretória em relação aos países vizinhos».

Samora Machel declarou que a comunidade internacional deve conjugar esforços na luta pela liquidação total do «apartheid», sublinhando que Moçambique tem seguido uma política que visa o estabelecimento de uma paz sólida na África Austral.

Porém, acrescentou o Presidente moçambicano, «os esforços da República Popular de Moçambique esbarraram com a oposição dos racistas da RAS, que procuraram transformar a África Austral num foco de instabilidade e terror».

Entretanto, a Nova Zelândia decretará a 1 de Dezembro próximo sanções limitadas contra a África do Sul, declarou o primeiro-ministro neo-zelandês.

O chefe do governo da Nova Zelândia acrescentou, em declarações à imprensa que as sanções compreenderão a ruptura do acordo entre as linhas aéreas «Air African Airways» e a «South African Airways», a proibição de importar alguns produtos agrícolas e de fazer novos investimentos na África do Sul.

Anteriormente, em Outubro do ano passado, a Nova Zelândia proibiu a aquisição de moedas de ouro sul-africanas («kruggerand») e a exportação, para a África do Sul, de computadores susceptíveis de serem utilizados pelos serviços de segurança e pela polícia.

Por que não querem as sanções

Cerca de um quarto de todos os parlamentares conservadores da Grã-Bretanha, entre os quais vários ministros, são directores, accionistas ou conselheiros de companhias que mantêm estreitas relações comerciais e financeiras com o regime de Pretória, denunciou a revista britânica «Labour Research».

As empresas que cooperam com a África do Sul concederam donativos financeiros aos conservadores num valor de 1,2 milhões de libras esterlinas, assinala a revista, que acrescenta constituir essa soma cerca de metade dos subsídios financeiros recebidos pelos magnates da indústria conservadores.

Não admira assim que o gabinete da senhora Thatcher se recuse ostensivamente a aplicar sanções económicas eficazes contra o regime do «apartheid».

Essa renitência dos conservadores foi confirmada mais uma vez no encontro de chefes de estado e de governo de sete países da «Commonwealth», realizado em Londres, sobre a aplicação de sanções contra a África do Sul, onde Londres cedendo à pressão dos demais participantes da cimeira concordou apenas em tomar «medidas limitativas», em particular proibir parcialmente viagens turísticas à África do Sul e novos investimentos na economia sul-africana.

Os conservadores não pretendem empreender contra o regime de Botha nada mais que vá além destas medidas, pois caso contrário perderão o apoio dos magnates da indústria. Em vésperas de eleições, isto seria para eles ainda mais perigoso do que o aumento da insatisfação nacional e internacional com a política de convivência com Pretória.

Mikhail Gorbatchov anunciou prorrogação da moratória da URSS

Mais uma vez a União Soviética estende a sua mão numa importante iniciativa de paz. O camarada Mikhail Gorbatchov, em declaração televisada na passada segunda-feira anunciou uma nova moratória unilateral, prorrogando até Janeiro de 1987 a deliberação de não efectuar explosões nucleares.

Lembrando que em 6 de corrente expirou o prazo da moratória soviética, observada estritamente, durante um ano, pela URSS, o dirigente comunista recordou também os fundamentos principais de tal atitude — a consideração de que a aceleração da corrida armamentista, apesar das montanhas de armamentos actualmente existentes, cria uma situação cada vez mais intolerável em que mesmo o «equilíbrio do medo» deixa de ser um factor de contenção; o sentido da responsabilidade elevada e do dever de a URSS, como país socialista e como potência nuclear, de tudo fazer para salvaguardar o futuro pacífico da humanidade; a consciência da complexidade do mundo contemporâneo, cada vez mais interdependente e integrado, o que obriga as relações internacionais a desenvolverem-se de forma realista, sem o que «estarão condenadas», «em última análise, a uma confrontação catastrófica».

Dois tragédias

Depois de afirmar que o nosso tempo «exige a máxima mobilização possível da razão e do

bom senso, o dirigente soviético recordou duas recentes tragédias — a do acidente do «Challenger» e a da avaria da central atómica de Tchernóbil:

Todas as pessoas, sobretudo os estadistas, devem tirar lições concretas. Segundo parece, a principal lição consiste em que as armas nucleares criadas pelo homem jamais devem ser utilizadas e que hoje seria um suicídio assentar as relações interestatais na ilusão de alcançar a supremacia nestes horribéis meios de extermínio.

Liquidá-los na sua totalidade, eis a única via rumo à verdadeira paz. Enveredar por esta via significa passar a prova histórica de maturidade. Isso diz respeito a todos os líderes políticos, aos quais cabe esta alta missão humana.

E mais adiante:

Achamos que as propostas soviéticas de 15 de Janeiro do ano em curso sobre a liquidação das armas nucleares em todo o mundo até ao ano 2000 correspondem na íntegra às exigências da nossa época.

Mostrámo-nos dispostos a procurar soluções de compromisso para os problemas que

causam disputas e suspeitas.

A União Soviética apresentou um «pacote» de propostas construtivas na mesa das conversações soviético-americanas sobre os armamentos nucleares e espaciais.

Juntamente com os nossos aliados do tratado de Varsóvia avançamos com uma série de medidas a fim de reduzir as forças armadas e os armamentos convencionais na Europa, desde o Atlântico aos Urals. Gostaríamos de avançar, conjunta e consequentemente, também nesta área rumo a menores e menos perigosos níveis de contraposição militar.

Levamos avante novas propostas sobre as armas químicas que, no nosso entender, permitem assinar até ao fim deste ano ou no próximo ano uma convenção sobre a proibição das armas químicas e a liquidação dos seus «stocks», assim como da base industrial da sua produção.

Apelo à razão

Apelando à ponderação da administração dos EUA «sobre o real valor dos novos programas militares e da corrida aos armamentos em geral do ponto de vista dos interesses e da segurança dos Estados Unidos», o dirigente soviético anunciou:

Resumindo, camaradas, o Bureau Político do Comitê

Central do PCUS e o governo da União Soviética, depois de ponderarem circunstanciada e meticulosamente todos os prós e contras e pautando-se pelo sentido de responsabilidade pelos destinos do mundo, tomaram a deliberação de prorrogar a moratória unilateral às explosões nucleares até 1 de Janeiro de 1987.

Confiamos, ao dar este passo, que as pessoas em todos os países do mundo, os círculos políticos e a opinião pública Internacional dêem o devido valor ao silêncio que reina há tanto tempo nos polígonos nucleares soviéticos.

Em nome do povo soviético, apelo à razão e à dignidade dos americanos para que não percam uma vez mais o ensejo histórico de acabar com a corrida aos armamentos.

Apelo ao presidente dos Estados Unidos, Ronald Reagan, para que faça uma vez mais e com objectividade o ponto da situação que se criou, pondo de lado todas as questões secundárias e ultrapassando os equívocos relativamente à União Soviética e à sua política externa.

A União Soviética tem a certeza de que é possível chegar rapidamente a um acordo sobre a cessação dos ensaios nucleares e assiná-lo já este ano numa cimeira soviético-norte-americana. Tal acontecimento seria indubitavelmente



o principal resultado real desse encontro, um passo significativo rumo à cessação da corrida aos armamentos, uma espécie de prelúdio de futuros progressos nas conversações sobre os armamentos nucleares e a sua eliminação, o saneamento radical de toda a conjuntura mundial.

E a concluir:

A moratória da União Soviética às explosões nucleares, sendo um acto e não uma mera proposta, é uma prova prática da sinceridade e da seriedade do nosso programa de desarmamento nuclear e dos nossos apelos a uma política nova, política de realismo, paz e cooperação.

Mais uma iniciativa para a paz mundial

O «Grupo dos Seis» que recentemente se reuniu no México, enviou após a reunião uma mensagem aos dirigentes da URSS e dos EUA. A referida mensagem propõe a realização de um encontro de peritos de países dos «Seis» com homólogos soviéticos e norte-americanos para um esclarecimento pormenorizado das propostas do Grupo referentes ao controlo de uma futura proibição dos testes nucleares.

A mensagem, que se congratula com o recente início das conversações bilaterais entre a URSS e os EUA sobre os ensaios nucleares, defende ainda um vasto programa de trabalhos que englobe quaisquer aspectos do controlo que os peritos considerem dignos de exame e propõe que a data e o local desse encontro sejam acordados através de consultas recíprocas.

A reunião do «Grupo dos Seis» decorreu na cidade mexicana de Ixtapa e contou com a participação de chefes de Estado e de governo dos seguintes países: Argentina, Grécia, Índia, México, Tanzânia e Suécia.

O encontro foi inaugurado pelo presidente mexicano Miguel de La Madrid a 7 de Agosto, data alusiva ao 41.º aniversário do bombardeamento atómico de Hiroxima e visava a proibição deste tipo de armas.

Na sessão inaugural o presidente mexicano disse que «os seis países não são as maiores potências económicas e militares. A nossa arma é a razão e a vontade de viver. Queremos apenas expressar as exigências da Humanidade de impedir a destruição, prevenir a guerra e

assegurar a existência do género humano, que criou tantas belas obras.»

Em nome dos dirigentes dos Seis países membros do grupo, o chefe de Estado mexicano exortou as pessoas de boa vontade e os povos da Terra a apoiarem os esforços orientados para conter a corrida aos armamentos a fim de reorientar os recursos gastos com armas para os objectivos da cooperação e para a solução dos problemas mais candentes da Humanidade.

Na cerimónia de abertura do encontro foram tomadas públicas mensagens de saudação do secretário-geral das Nações Unidas e dos presidentes das câmaras de Hiroxima e Nagasaki.

Declaração do México

No final da reunião, os máximos representantes da iniciativa dos Seis Estados reafirmaram em Ixtapa a sua decisão de continuar com os esforços comuns para a criação de um clima internacional de desanuviamento e de confiança.

Através de esforços permanentes, deverá tornar-se possível

reduzir os arsenais de armas e obter finalmente um acordo sobre a proibição total de todas as armas nucleares, declararam.

Os contactos entre os EUA e a União Soviética ao supremo nível político e a perspectiva de mais um encontro entre o presidente Reagan e o secretário-geral do PCUS, Gorbatchov darão novos impulsos ao «Grupo dos Seis» para reforçarem continuamente as suas actividades para a manutenção da paz mundial e o impedimento de um inferno nuclear.

No encerramento da cimeira foi aprovada a «Declaração do México» e ainda um documento com medidas para o controlo internacional do fim dos testes nucleares.

Os dois documentos contêm importantes propostas concretas dos representantes da Argentina, Grécia, Índia, México, Suécia e Tanzânia, visando o fim da corrida aos armamentos nucleares, a conclusão de um acordo sobre a proibição de testes nucleares, o impedimento da militarização do espaço cósmico e o empenho de todas as forças pela manutenção da paz mundial e a sobrevivência da Humanidade.

Foram apresentadas recomendações detalhadas e medidas práticas para o controlo do cumprimento da proibição de explosões nucleares nos EUA e na URSS.

Todos os países, não só as potências nucleares, têm o dever de participarem activamente em

esforços pelo desarmamento, lê-se no documento que acrescenta ainda: «Insistimos num acordo internacional que proíba o emprego de todas as armas nucleares.»

Uma verdadeira segurança só pode ser alcançada através de uma redução das armas, sublinha-se na declaração. «O desarmamento nuclear e, finalmente, a proibição total das armas nucleares têm a prioridade absoluta». É também necessário prestar atenção às medidas de desarmamento no sector das armas convencionais, salienta-se ainda.

Os «Seis» declaram-se dispostos a elaborar juntamente com os EUA e a URSS medidas interinas. Foi proposto um encontro entre especialistas soviéticos e norte-americanos e também dos Seis Estados para elaborarem um sistema de controlo pelo fim dos testes nucleares. Na declaração expressa-se a esperança de que é possível impedir uma corrida aos armamentos no espaço cósmico. Foi ainda feito um apelo a todos os povos, parlamentos e governos para apoiarem activamente as iniciativas da cimeira dos Seis.

Esta foi a segunda cimeira dos Seis países e decorreu durante dois dias na cidade mexicana de Ixtapa, nas margens do Pacífico e na qual participaram, para além do presidente mexicano Miguel de La Madrid, o presidente argentino, Raul Alfonsín, os primeiros-ministros Andreas

Grupo dos Seis

Papandreou, da Grécia, Rajiv Gandhi, da Índia, Ingvar Carlsson, da Suécia e o antigo presidente da Tanzânia, Julius Nyerere.

Condenação da força

Recentemente, numa entrevista ao jornal norte-americano «Washington Post», o presidente mexicano Miguel de La Madrid condenou a aposta na força feita pela administração Reagan como via da solução dos problemas da América Central.

O chefe de Estado mexicano declarou que a concessão pelo Congresso dos EUA de 100 milhões de dólares para a ajuda aos «contras» nicaraguenses só leva à intensificação da violência e deteriora as perspectivas da regularização pacífica nesta região.

Os problemas da América Central, sublinhou Miguel de La Madrid, devem ser resolvidos pela via de conversações, não servindo aqui métodos de força, prenhos do alastramento do incêndio militar, pelo que o México e os demais países latino-americanos insistem na necessidade do diálogo.

Na opinião do presidente mexicano, a linha seguida por Washington com vista ao derrube do governo da Nicarágua pela força pode exercer uma influência nefasta sobre as relações inter-americanas.

«Quando o problema das colónias portuguesas foi levantado na ONU, os colonialistas portugueses mostraram-se indignados, gritaram que «o colonialismo é coisa desconhecida na comunidade portuguesa». Mas, apressadamente, deram indicações às autoridades salazaristas de Angola para não obrigarem os trabalhadores negros a aceitarem pela força o «contrato voluntário»; era preciso dar uma aparência de liberdade, pois as coisas não corriam bem para eles na ONU e no mundo.

(...)

«Em Sanza Pombo Alto Cauale, o governador do distrito ordenou uma concentração oficial de trabalhadores, mas nem um só apareceu. No mesmo dia o governador quis convencer 300 trabalhadores a procurar «o trabalho a que todos somos obrigados», ameaçando mandá-los para os serviços públicos, no Sul, longe das suas terras, por 3 ou 4 anos sem qualquer vencimento, portanto, era melhor «irem trabalhar de sua vontade para Uíge». Mantendo-se firmes e unidos nem um só se dispôs a ir trabalhar para os roceiros opressores.»

«Os trabalhadores de Angola Despertaram Para a Luta» — «Avante!», VI Série, n.º 240, 1.ª quinzena de 1957)

Avante!

«A solução do problema de Berlim seria uma contribuição poderosa para o alívio da tensão internacional e para a unidade do povo alemão. Por isso a União Soviética, empenhada numa política de apaziguamento e de melhoria das relações entre todos os povos, apresentou às outras potências propostas concretas tendentes a facilitar a solução do problema alemão e a conduzirem à assinatura de um tratado de paz com os dois Estados alemães. Estas propostas, que tinham em conta a realidade presente e as aspirações do povo alemão, têm sido sistematicamente rejeçadas pelos círculos governantes das nações ocidentais, empenhados acima de tudo em manterem os agentes da reacção internacional no seio da Alemanha Democrática, em evitarem a democratização da Alemanha Ocidental e a sustemem no Poder os reaccionários revanchistas de Bona.

«Ante a recusa sistemática das potências ocidentais em negociarem uma solução — mesmo provisória — do problema de Berlim, o governo da União Soviética, como potência ocupante, reservou-se o direito de transferir para o povo alemão — isto é, para o governo da República Democrática Alemã — o controlo das vias de acesso à cidade, as quais se fazem através do território da RDA. Ao mesmo tempo que apresenta esta sugestão, a URSS defende o ponto de vista que a unificação das duas Alemanhas é um problema que só diz respeito ao povo alemão e que é a este, portanto, que cabe decidir quando e como se deve fazer tal unificação.

«As propostas e sugestões soviéticas causam profundo alarme entre os nazis e revanchistas de Bona que querem manter indefinidamente o regime de ocupação na Alemanha Ocidental pois sabem que só desta forma poderão travar a marcha do povo alemão para a democracia e evitar que ele expulse do poder o governo do dr. Adenauer.

(...)

«A posição dos círculos reaccionários da Alemanha Ocidental encontra franco acolhimento nos governantes norte-americanos, nos degaullistas e nos regimes fascistas de Salazar, Franco e outros. Porém, a opinião pública internacional exige a solução rápida do problema de Berlim, repudia abertamente a ideia de um conflito internacional por causa de Berlim.»

«A Conferência de Berlim e o Problema Alemão» — «Avante!», VI Série, n.º 279, Agosto de 1959).

Em Foco

Avante!

Ano 56 - Série VII
N.º 660

21 de Agosto de 1986

3.º Caderno

Não pode ser vendido
separadamente



CHILE



Treze anos depois do golpe fascista de Pinochet, o Chile continua a viver sob a repressão. Algo porém mudou; à medida que cresce a resistência e que cada vez mais amplas massas participam na luta pelo derrube da ditadura, à medida que se fortalecem os laços entre os diversos sectores democráticos,

crece também a esperança e a confiança de que a libertação está próxima.

Treze anos depois, a liberdade tem quase data marcada. É que são cada vez mais, no Chile, os que estão de acordo: é preciso acabar com Pinochet.

Uma aposta do MDP chileno

Acabar com Pinochet

este ano

○ Movimento Democrático Popular (MDP) chileno é uma organização unitária que engloba as principais forças de esquerda do Chile, em luta contra a ditadura de Pinochet e pelo restabelecimento da democracia no país.

Na difícil e conturbada situação interna que se vive no Chile, o MDP pronuncia-se a favor do diálogo com alguns sectores militares e pela formação de um governo democrático provisório que permita a transição pacífica para a democracia plena. Não é um caminho fácil nem um processo linear. Dos problemas que há a enfrentar e das grandes esperanças depositadas neste ano de 1986 — apontado insistentemente como o ano do derrube de Pinochet — falaram os dirigentes do MDP em entrevista conjunta concedida recentemente ao jornal mensal argentino «Entre Todos», que reproduzimos.

Têm a palavra German Correa, do Partido Socialista do Chile e presidente do MDP; Rafael Maroto, sacerdote, porta-voz do Movimento de Esquerda Revolucionária e vice-presidente do MDP; José Sanfuentes, dirigente do Partido Comunista do Chile, secretário do Movimento; Julio Ruiz, do Partido Socialista Unitário, conselheiro, e Reinaldo Sáez, dirigente do MAPU Operário e Camponês, conselheiro do MDP.

— Qual é a actual situação da luta contra a ditadura de Pinochet?

German Correa — Este é um ano decisivo e determinante na luta do povo chileno para a conquista da liberdade e da democracia. As forças do Movimento Democrático Popular estão dispostas a fazer todos os esforços para pôr fim ao regime em 1986. O imperialismo e as forças da direita, pelo contrário, vão procurar impedir que haja uma saída política com predominio democrático-popular. Vão procurar que o regime permaneça ao abrigo da Constituição de 1980, que expressa em termos jurídico-institucionais a clara preponderância das forças armadas. Receamos, por outro lado, que as vacilações existentes entre os centristas se acentuem, ao ponto de se deixarem tentar pelo caminho que o regime lhes oferece. Para a ditadura, qualquer negociação tem de fazer-se com base na exclusão das forças de esquerda. Para nós isso significa atrair o objectivo democrático para o Chile.

— A definição de que este ano será decisivo implica acções de luta específicas?

German Correa — Este será um ano decisivo na medida em que o tornemos decisivo, elevando substancialmente a luta de massas contra o regime. Para isso, é necessário elevar os níveis de coordenação e concertação das forças sociais e políticas da oposição. Chegar a acordo num plano de mobilização concreto, com objectivos parciais, que vão permitindo uma luta de massas permanente e ascendente que signifiquem o avançar para o objectivo democrático. Ao mesmo tempo, é fundamental que as forças políticas tracem uma proposta de futuro; trata-se de oferecer, também, uma alternativa democrática profundamente participada, onde o povo seja o protagonista e o dirigente central e a partir do qual se construa o futuro regime democrático. Uma democracia sólida que, além do mais, possa enfrentar os gravíssimos problemas do país após o fim da ditadura.

A Assembleia Cívica

— É nessa medida que a criação da Assembleia Cívica é um passo positivo?

German Correa — Sem dúvida. Demos todo o nosso contributo e apoio para a formação da Assembleia Cívica. Agora, colocamos como objectivo o aprofundamento do seu trabalho, para que se transforme num instrumento de participação. Para que todos os sectores da vida nacional que nela se incorporaram se sintam representados pelas reivindicações que ali se levantam. A Assembleia Cívica é um instrumento vital para dar à luta de massas a extensão, a profundidade e a força necessária para pôr fim ao regime.

— Deve haver diálogo com as forças armadas?

German Correa — O inimigo do povo do Chile não está nas forças armadas, mas sim em Pinochet e nos altos comandos militares que deram origem ao regime e que o têm sustentado a sangue e fogo nestes treze anos. Não temos nenhum problema em conversar com as forças armadas que tenham manifestado efectiva vontade de devolver ao povo do Chile o exercício da sua soberania. Com forças armadas que tenham ajudado o objectivo democrático de afastar Pinochet e que estejam dispostas a abandonar o poder. No entanto, ainda não se manifesta no seio das forças armadas uma tendência que permita pensar num processo deste tipo a curto prazo. Cremos que para isso irá contribuir a mobilização das massas contra a ditadura.

— Agora, aparentemente, também o governo norte-americano está a favor da democratização. Existem alguns interesses comuns?

German Correa — Existem interesses completamente opostos entre os do imperialismo e os do povo do Chile. No entanto, devido às profundas mudanças regressivas que o regime ditatorial provocou, defendemos uma aliança entre as forças de esquerda e as forças centristas.

Um grande acordo democrático nacional para derrubar quanto antes o regime, mas também tendo em vista o carácter de um futuro governo democrático provisório e as tarefas democráticas que terá de executar. Tarefas que vão necessitar de um grande consenso nacional, semelhante ao con-

senso nacional que se registou aquando da nacionalização do cobre, em 1971.

Uma luta ascendente

— A metodologia de luta divide neste momento as forças democráticas?

José Sanfuentes — Até aos anos 80, o povo não havia desenvolvido amplamente todas as formas de luta. Até então, não havia nenhum acto conjunto, nenhum entendimento das forças políticas da oposição. Hoje pode afirmar-se que o nosso povo saiu definitivamente desse período de refluxo, de defesa face ao avassalamento da ditadura, e iniciou a sua grande marcha para a libertação. Para isso, desenvolveu a mobilização social, a luta de massas em todos os terrenos e fortaleceu a luta graças, entre outras coisas, às múltiplas formas de acção, incluindo a autodefesa no desenvolvimento da própria actividade. Este factor contribuiu para o desenvolvimento das lutas de massas, em particular nas povoações e na universidade. Neste contexto, a luta de massas permitiu desenvolver os melhores níveis de entendimento e de acção comum da oposição, o que não





German Correa (PS), Rafael Maroto, sacerdote (MIR), José Sanfuentes (PC), Julio Ruiz (PSU) e Reinaldo Sáez (MAPU Operário e Camponês)

tinha acontecido nos anos 80/82, quando o povo não utilizava largamente todas as formas de luta.

— Em que é que se concretizam esses avanços?

José Sanfuentes — Durante o ano passado e este ano, quando se recorreu a todas as formas de luta, deram-se os passos mais importantes para a unidade. Todos os protestos foram realizados planificadamente em conjunto por todas as forças da oposição. Efectuámos duas concentrações públicas no parque O'Higgins com milhões de pessoas. Este ano formou-se também a Assembleia Cívica, que é a união de todas as forças sociais do país e mais afastadas possível do capital monopolista pró-imperialista. E a aproximação entre as forças do MDP e a Esquerda Cristã, o Partido Radical e o Partido Socialista (de Briones) que integram a Aliança Democrática. Não é um obstáculo para ninguém que o povo exerça o seu legítimo direito à autodefesa e a todas as formas de luta para derrubar o tirano. A vida já o demonstrou. A nossa política aqui não é apenas de princípios, mas obedece também à experiência histórica do nosso povo e dos nossos partidos. Perguntamos: por acaso alguém pôe em causa os europeus que usavam as diversas formas de luta contra Hitler? Alguém pôs em causa San Martí e O'Higgins por se colocar à frente da luta pela independência política das nossas nações? Da mesma forma,

face ao terror fascista de Pinochet, é política e socialmente necessário que o povo se expresse das mais diversas formas na luta pela democracia.

Uma luta de sempre

Rafael Maroto — Quero acrescentar que toda a luta anterior aos anos 80 foi também uma luta unitária iniciada nos sectores da população que levou à unidade desses mesmos sectores e que não podemos esquecer que em momento algum o povo do Chile deixou de lutar. Desde o próprio golpe que se desencadeou uma resistência activa, forte e constante que permitiu que em 1980 se desenvolvesse todo este outro movimento, já de uma forma mais generalizada. Mas que não nasceu, como a «callampa», de geração espontânea em 80; é fruto da luta unitária que nasceu desde o golpe militar.

— Com que força chegará a esquerda à democracia?

German Correa — Alguns sectores da esquerda chilena defenderam a tese dos três terços. De que no Chile se registaria um empate entre um sector de direita, um sector do centro e um sector de esquerda. Essa tese não tem correspondência com os factos. Porque o Movimento Democrático Popular, que reúne um conjunto de forças que não inclui toda a esquerda,

está a demonstrar uma capacidade mobilizadora que se aproxima de um terço. Se lhe juntarmos o resto da esquerda, poderíamos dizer que a esquerda ultrapassava os 40 por cento. A que há que acrescentar o peso das forças progressistas do centro, empenhadas na defesa dos interesses populares.

José Sanfuentes — Pinochet quis extirpar o «cancro marxista», como ele lhe chamou. Com isso, propunha-se combater qualquer ideia progressista e democrática no país, para gerar um período de larga dominação do imperialismo e do grande capital. Hoje, doze anos depois, estamos convencidos de que o Chile voltará a ser um país de esquerda, um país progressista, com um peso ainda maior do que aquele que teve nos anos 70. O Chile será um país onde a democracia terá uma extraordinária maioria.

dia seguinte

— O que propõem para depois da queda de Pinochet?

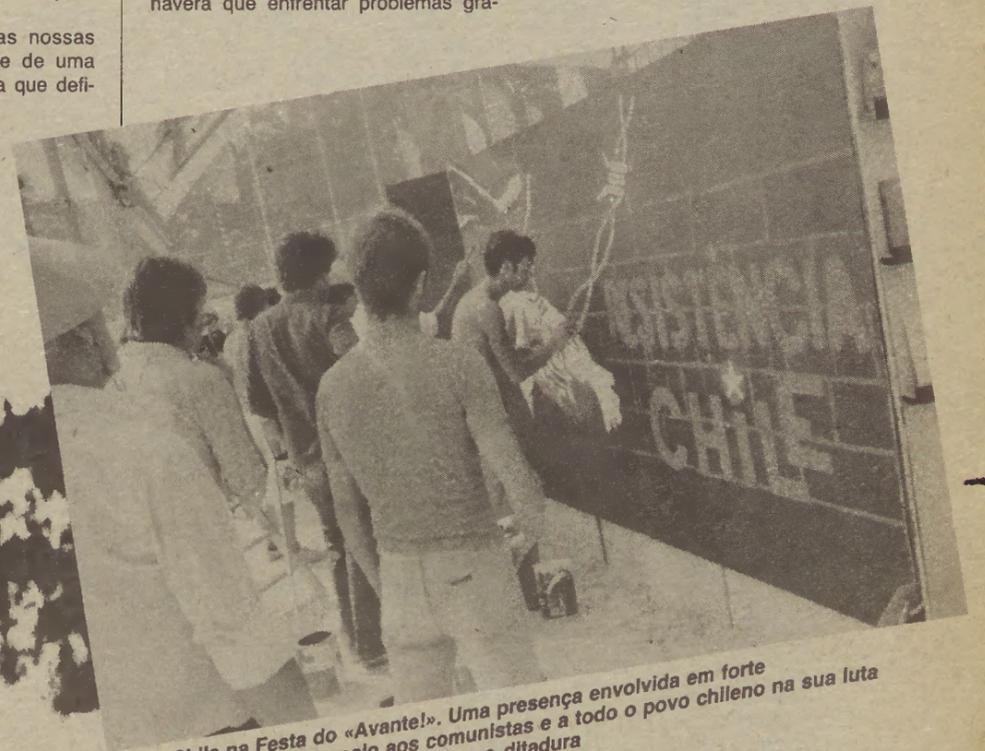
Julio Ruiz — Uma das nossas propostas é a necessidade de uma concertação social e política que defina



na as bases institucionais fundamentais para permitir a consolidação democrática e a independência nacional.

Reinaldo Sáez — Num período de emergência como o que se avizinha, haverá que enfrentar problemas gra-

do Chile aumentem a solidariedade para com o nosso povo, a um nível ainda mais elevado do que foi a solidariedade logo após a queda do go-



O Chile na Festa do «Avante!». Uma presença envolvida em forte solidariedade, um apoio aos comunistas e a todo o povo chileno na sua luta pela liberdade, contra Pinochet e a ditadura

víssimos, como o desemprego. Por isso não temos nenhum problema em considerar formas de desenvolvimento da iniciativa e da propriedade privada que absorvam a mão-de-obra o mais rapidamente possível.

— Que solidariedade esperam do povo argentino?

José Sanfuentes — A responsabilidade de liquidar a ditadura de Pinochet é do povo chileno. Porém, na luta contra a ditadura desempenha um importante papel a solidariedade internacional dos povos de todo o mundo que amam a liberdade. Esperamos que os argentinos e os povos vizinhos

verno popular de Salvador Allende. Essa é uma necessidade fundamental, um grande apelo, mas contamos com isso porque a solidariedade deve corresponder ao supremo esforço que neste momento o nosso povo está a fazer.

Rafael Maroto — A solidariedade com o Chile ajuda a Argentina na manutenção da democracia no seu país. Este é um novo momento histórico para a grande união dos povos latino-americanos, que se frustrou depois da primeira independência. Nessa altura nasceram uma série de nações que se guerrearam entre si. Esta é a nova oportunidade que nos permite, como povo latino-americano, enfrentar todos os problemas do futuro. ■

Botha contra todos

São raros já os antigos aliados do *apartheid* que se mostram como tal. Ao cheiro pestilento do cadáver fogem os melhores amigos e ainda o corpo dá alguns sinais de vida. E se todos, de algum modo, estão hoje contra Botha, Botha decide mostrar-se contra todos. E avisa o mundo: «Não subestimem a determinação dos afrikaners tentando com a chantagem que eles venham a fazer cedências políticas inaceitáveis»...

Um general do *apartheid* socorre Botha, ameaçando (como «O Expresso» veiculou na sua edição última):

«Aqueles africanos que cantam bem alto no coro das sanções devem tomar nota que ainda não começámos a usar todos os nossos músculos e capacidades»...

«Banana» em desespero

Ameaças de carrasco, arremedos de força, rogos de acochado, choraminguicas... O desespero insinua-se já no discurso de Botha: «Não pensem que sou um banana», vocifera.

«A nossa unidade tem de ser sacrificada por um Mundo em discórdia», queixa-se.

«O sangue do cordeiro sacrificado por séculos de injustiça», clama. «Não aceitaremos essa injustiça», exclama...

A ajuda do «Dia»

Se Botha desespera e se o isolamento atinge o *apartheid* e os seus dirigentes máximos, há ainda quem os socorra e lhes

Pontos Cardeais

suavize o calvário. Aqui em Portugal, além das ajudinhas do telejornal, destaca-se o pasquim «O Dia». Em primeira página dá largas às convicções «humanitárias» do racismo e afirma que Pretória é a «defensora dos valores cristãos»... «num continente de ditadores»!!!

Arranjando um verdadeiro par de «bothas», «O Dia» não se limita a veicular a opinião de Pik Botha — que afirma que as sanções só encorajam a violência. Cita também Pieter Botha que «encerrou a semana passada

um comício do seu partido com um grito profundamente sentido: África do Sul pela cristandade»...

«Esperanças»

A «cristianíssima» visão de «O Dia» não se fica ao nível dos «bothas». No campo da política nacional, sobe-lhe mesmo à cabeça, afirmando que o «poder de compra está a melhorar». Sob o título «Esperanças», afirma:

«Um invejável aumento do bem-estar de quem trabalha verifica-se agora pela primeira vez em doze anos. O poder de compra melhora de forma substancial, os salários reais crescem cinco por cento, as pensões sobem uns dez por cento»...

É claro que o pasquim se defende, dizendo que quem o afirmou foi o Primeiro-Ministro. Claro que «O Dia» não foi perguntar a opinião aos trabalhadores. Nem aos portugueses em geral, embora fale em nome deles: «As esperanças renascem para os portugueses», diz...

O plano do ministro

«O ministro da Educação afirmou em Viana do Castelo que o ensino superior vai estar mais facilitado daqui a dez anos.» Notícia sensação. O telejornal deu-lhe o destaque. Numa altura em que os estudantes que terminaram o ensino secundário tentam a sua sorte nos concursos para o ensino superior, a afirmação do ministro da Educação é, no mínimo, curiosa. Se pensarmos nas suas últimas medidas no respeitante ao ensino superior, como, por exemplo, os benefícios descarados que está a oferecer às «universidades» privadas, fica-nos a interrogação quanto à forma como o sr. Deus Pinheiro pretende resolver o problema. A asfixia financeira das universidades públicas — que em alguns casos já pôs mesmo em risco o pagamento de salários aos professores — e a criação de um ensino superior de segunda, naturalmente que para os filhos das classes trabalhadoras, ajudam a perceber melhor os planos do Governo.

Apoiar o privado, elitizar ainda mais a Universidade (vidé o mapa de vagas este ano), eis o seu plano. Nesta medida o problema do ensino superior resolve-se. Ninguém tem dinheiro para sustentar um curso universitário, ninguém concorre. Um apontamento final. Valha a franqueza do sr. ministro: Num Governo de promessas e demagogia feito, prometer algo para daqui a dez anos, particularmente para os milhares de jovens que este ano vão ver o seu futuro comprometido, não está mal.

Felizmente que ele não vai lá estar daqui a dez anos.

Gazetilha

por Ignotus Sum

I

Com seu feroz olhar distante pelos caminhos da dor furtiva passa Leonor.

Lá vai ríspida e taxante bloco de gelo em andor diz que seja como for pobre tem de ser pagante que para o povo é bastante cem mil doentes pra um doutor, pois um pobre sem favor sofrendo, o Céu mais garante...

Furtiva passa Leonor. Mas até quando, Senhor?...

II

Governo anunciou com imensa festa as medidas a haver contra os fogos que invadem a floresta. O resultado verificado: toda a floresta já se encontra a arder...

Falaram de aviões que iam, de frágua em frágua, lançando água e apagando os clarões... E com os helicópteros que ele tinha para voar a esmo não ia arder nem mesmo uma pinha...

Do que afinal se deu nada vos digo eu. Se após isto, porém, ainda der alguém um crédito à palavra do Cavaco palavra de honra: então é porque, acreditando-o, o pobre cidadão já deixou arder tudo: até o próprio caco...

III

Diz o Governo — paciência! — que os ministros são uns ases que dominam a ciência são capazes, são capazes...

São capazes, já se vê. Mas são capazes de quê?

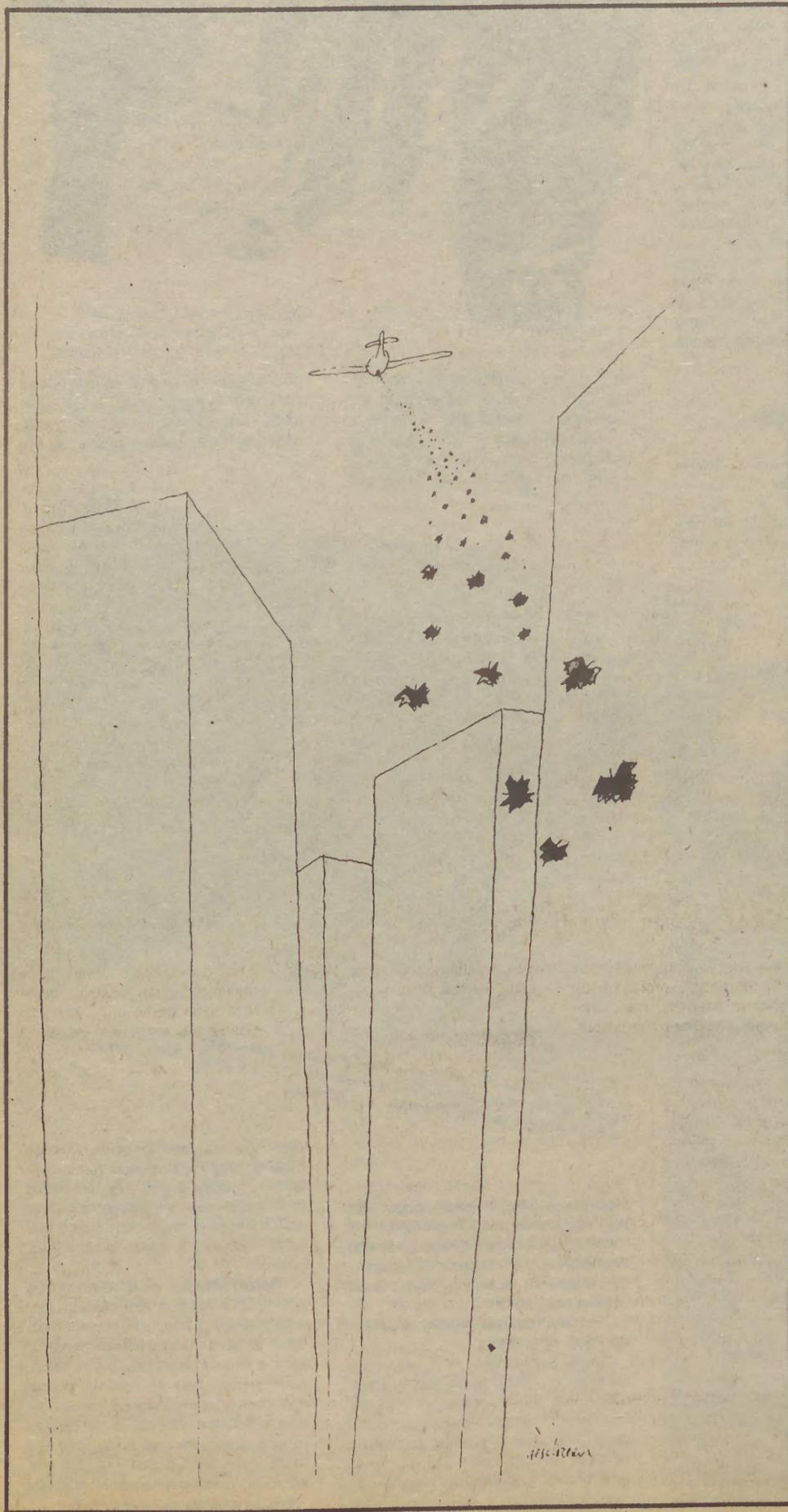
Capazes de mal gerir e até são — coisa mais louca! — capazes de fazer rir na TV, se abrem a boca...

Capazes? Demagogia. Capazes? A propaganda. Capazes? A fancaria. Capazes? O faz que anda...

Capazes estes ministros capazes, por manha vária são capazes de, sinistros!, ferir a Reforma Agrária!

Capazes os capatazes do que acabo de dizer de mais ainda capazes se a oposição não disser:

Alto, governo matreiro alto e fora do poleiro!



Agenda /

Avante!

Ano 56 — Série VII
N.º 660

21 de Agosto de 1986

4.º Caderno

Não pode ser vendido
separadamente



Todos à Ajuda concluir a Festa!

Costa da Caparica

Verão 86

Sexta, sábado e domingo
junto ao Campo dos Pescadores

Cultura, recreio, desporto

Grande Simultânea de Xadrez com Mestre Mário Dinis Vaz.

Espectáculos com Carlos Paulo, Grupo Nova Esperança, Fadistas Amadores da Costa.

Debates: mulheres, autarquias, situação política.

Comício com António Abreu no domingo, 21.30

Exposições.
Petiscos.

Organização da Freguesia da Costa da Caparica

Entrada livre

Floresta, madeiras e incêndios

Domingo

Debate em Arganil

Floresta, Madeiras e Incêndios são o tema do debate, iniciativa da Comissão Distrital de Coimbra do PCP, a realizar com início às 10 horas na Casa do Povo de Arganil.

Foram endereçados convites de parti-

cipação a técnicos florestais, bombeiros, serviços oficiais, organizações camponesas do distrito e cooperativas florestais. Participam ainda os engs. Lucílio Martins e Vítor Louro e o deputado do PCP por Coimbra João

Abrantes.

Objectivos: como fazer a prevenção, detecção e combate aos incêndios florestais, tão frequentes e devastadores neste distrito; o que deve ser o Código Florestal Português.



Giles. Publicado pela primeira vez em 1944 com a legenda: «Pode arrumar os seus mapas, Herr General. Tenho a impressão de que o seu contra-ataque não vai resultar.» In «Avec la caricature contre le fascisme» — OIJ — Praga, sem data

Domingo

● Lousã

«De Lousã à Figueira — Um Abraço da Serra ao Mar», ca-

ravana ciclista que terminará na Figueira da Foz com um convívio, integrados na preparação da As-

sembleia da Organização Concelhia prevista para 5 de Outubro.

edições *Avante!*
Colecção «Paz e Socialismo»

MIKHAÍL
GORBATCHOV

DISCURSOS
E ARTIGOS
ESCOLHIDOS

com um prefácio
para a edição portuguesa



QUE SE PASSA NA URSS?
«Actualmente todo o nosso povo discute os planos para o futuro, que serão ratificados pelo XXVII Congresso do PCUS. A sua essência consiste no seguinte: acelerar o desenvolvimento socioeconómico do nosso grande país e assegurar a elevação do bem-estar do povo. Trabalho para a paz e a prosperidade, paz para a actividade criadora — tais são os nossos pontos de referência.»

TV

O Programa

Quinta 21

RTP1

- 11.00 — Sumário
- 11.05 — Videopólia
- 11.30 — Espaço 11/13
- 12.30 — Telenovela — «Vereda Tropical», 94.º Epis.
- 13.15 — Jornal da Tarde
- 15.00 — Desenhos Animados
- 15.30 — Inventário Musical
- 15.30 — Série — «Retalhos da Vida de um Médico», 7.º Epis.
- 17.00 — Natação — Campeonato do Mundo de Madrid
- 18.00 — Sumário
- 18.05 — Tempo dos Mais Novos
- 18.45 — País, País
- 19.15 — Natação (Madrid)
- 19.50 — O Livro Grande de Petete
- 20.00 — Telejornal
- 20.30 — Boletim Meteorológico
- 20.40 — Telenovela — «Corpo a Corpo», 118.º Epis.
- 21.35 — Danças Loucas — «Os Anos 40»
- 22.00 — Noite de Touros
- 00.00 — Últimas Notícias.

RTP2

- 16.30 — Europa TV
- 19.30 — Ashkenazy e a Orquestra Filarmónica de Londres interpretam os concertos n.ºs 17 e 21, para piano e orquestra de Mozart
- 20.15 — Notícias
- 20.20 — Caminhos do Eterno — «Museu de Évora»
- 20.45 — Gente do Mar
- 21.45 — Notícias
- 21.50 — «O Rapaz da Trompa Mágica» (Canções de Mahler, tradução de Vera Sampayo Lemos)
- 23.00 — Últimas Notícias
- 23.05 — Telenovela — Vereda Tropical», 110.º e 111.º Epis.

Sexta 22

RTP1

- 11.00 — Sumário
- 11.05 — Setentrão — Casa Museu Guerra Junqueiro
- 11.30 — Espaço 11/13
- 12.30 — Telenovela — «Vereda Tropical», 95.º Epis.
- 13.15 — Jornal da Tarde
- 15.00 — Desenhos Animados
- 15.35 — Espaço Visual — O escultor José Aurélio
- 16.00 — Série — «Entre Marido e Mulher»
- 16.30 — Série — «O Mar e a Terra» — Senegal
- 17.00 — Natação — Campeonato do Mundo de Madrid
- 18.00 — Sumário
- 18.05 — Tempo dos Mais Novos — «Animação», selecção e apresentação de Vasco Granja
- 18.45 — País, País
- 19.15 — Natação (Madrid)
- 19.45 — Boletim Meteorológico para a Agricultura
- 19.50 — O Livro Grande de Petete
- 20.00 — Telejornal
- 20.30 — Boletim Meteorológico
- 20.40 — Telenovela — «Corpo a Corpo»
- 21.25 — Diplomax
- 21.55 — Série — «Fortunata e Jacinta»



23.00 — Últimas Notícias.

RTP2

- 16.30 — Europa TV
- 20.00 — Notícias
- 20.05 — Coleccionando
- 20.30 — Adágio — Obras para três violoncelos
- 21.00 — Museu de Cinema (último prog.)
- 21.30 — Notícias
- 21.35 — Directo/2

- 22.35 — Últimas Notícias
- 22.40 — Telenovela — Vereda Tropical».

Sábado 23

RTP1

- 12.00 — Sumário
- 12.05 — Tempo dos Mais Novos
- 13.00 — Sumário
- 13.10 — Desenhos Animados
- 14.00 — Revista de Tolros
- 14.30 — Fados na Azambuja
- 15.20 — Série — «Os Jovens Heróis de Shaolin»
- 16.20 — Os Marretinhas
- 17.05 — O Novo Mundo Selvagem
- 17.30 — Série — «O Corpo Humano — O Sistema Nervoso-I»
- 18.00 — Top Disco
- 18.50 — Série — «América do Sul, Terra de Contrastres» (o Carnaval do Rio)
- 19.45 — Totoloto
- 20.00 — Telejornal
- 20.40 — Boletim Meteorológico
- 20.50 — Aplauso — «Peter's Pop Show»
- 22.00 — Série — «Dinastia»
- 22.55 — Sábado Especial — «Toca o Tambor Devagar», real. John Hancock, interp. Robert De Niro, Michael Moriarty (EUA/1973, 96 min.)

RTP2

- 12.00 — Troféu — incluindo o Campeonato do Mundo de Remo/Nottingham e o Campeonato do Mundo de Natação/Madrid
- 20.00 — Do Classicismo ao Realismo — A Estatuária Grega
- 20.20 — «Abbadun, Retrato de Ernesto Sabato»
- 20.30 — RTP/Brazil
- 21.00 — Eurocinema — «O Judeu Errante», real. Maurice Elvey (Ingl./1933)
- 22.30 — Paris é Uma Canção — Trenet, Chevallier, Patachou, Piaf, Montand, Ferré...

Domingo 24

RTP1

- 11.30 — Sumário
- 11.35 — 70 Vezes 7
- 12.00 — Missa Dominical
- 13.00 — Sumário
- 13.10 — TV Rural
- 13.40 — Tempo dos Mais Novos
- 15.15 — Sessão da Tarde — «Uma Brecha no Mundo», real. Andrew Marton (EUA/1965, 94 min.)
- 17.00 — Festa Rija
- 18.15 — M de Mulher
- 19.10 — Falando de Mozart
- 19.40 — Como, Quem, Porquê?
- 20.00 — Telejornal
- 20.35 — Fados
- 21.20 — Série — «O Último Lugar da Terra»
- 22.15 — Domingo Desportivo.

RTP2

- 15.00 — Remo — Campeonato do Mundo de Remo (Nottingham)
- 17.00 — Falar de Macau
- 17.30 — Adágio — Cantatas e Duets Italianos de Haendel
- 18.00 — RTP/Brazil
- 18.30 — Europa TV — Countdown
- 20.00 — Novos Horizontes
- 20.30 — Nós Por Cá
- 21.15 — Teatro — «A Idiota», de Marcel Achard, trad. de Marina de Moraes, real. TV de Rui Ramos.

Segunda 25

RTP1

- 11.00 — Sumário
- 11.05 — Passeios de Coimbra
- 11.30 — Espaço 11/13
- 12.30 — Telenovela — «Vereda Tropical»
- 13.15 — Jornal da Tarde
- 15.00 — Desenhos Animados

- 15.45 — O Homem é um Mundo (Elysis de Moura)
- 16.45 — Série — «As Aventuras do Zé Gato»
- 17.05 — Caldo de Pedra
- 17.30 — Ontem Vlu?
- 18.00 — Sumário
- 18.05 — Tempo dos Mais Novos
- 18.45 — País, País
- 19.15 — As Profissões, — 1.º Progr. (A Moagem da Farinha e o Engenho dos Homens)
- 19.50 — O Livro Grande de Petete
- 20.00 — Telejornal
- 20.30 — Boletim Meteorológico
- 20.40 — Telenovela — «Corpo a Corpo»



- 21.25 — Esta Noite Com... — Alexandra, cançonetista
- 22.25 — Série — «Sete Maravilhas da Técnica», 1.º Epis.
- 22.55 — Últimas Notícias

RTP2

- 16.30 — Europa TV; às 19.10, «Claude Monet»
- 20.05 — Notícias
- 21.30 — Espaço Jazz
- 22.30 — Notícias
- 22.35 — Telenovela — «Vereda Tropical»

Terça 26

RTP1

- 11.00 — Sumário
- 11.05 — Conheça Melhor
- 11.30 — Espaço 11/13
- 12.30 — Telenovela — «Vereda Tropical»
- 13.15 — Jornal da Tarde
- 15.00 — Desenhos Animados
- 15.35 — Série — «Risco Inadiável»
- 16.00 — Série — «A Tragédia da Rua das Flores», adaptação do romance de Eça de Queiroz
- 17.00 — Atletismo — Campeonato da Europa (transmissão de Estugarda/RFA)
- 18.00 — Sumário
- 18.05 — Tempo dos Mais Novos
- 18.45 — País, País
- 19.15 — Tránsito
- 19.45 — Boletim Meteorológico para a Agricultura
- 19.50 — O Livro Grande de Petete
- 20.00 — Telejornal
- 20.30 — Boletim Meteorológico
- 20.40 — Telenovela — «Corpo a Corpo»
- 21.30 — O navio-escola Sagres
- 22.35 — Série — «Um César Americano»
- 23.00 — Últimas Notícias

RTP2

- 16.30 — Europa TV; às 18.30, bailado: «Os Amores de Franz» — (Roland Petit/Franz Schubert)
- 20.00 — Notícias
- 20.05 — Videopólia
- 20.30 — Falar de Macau
- 21.00 — Cinema — «Moral Privada», real. Luigi Comencini (Itália/1963, 93 min.)
- 23.30 — Últimas notícias
- 23.40 — Telenovela — «Vereda Tropical»

Quarta 27

RTP1

- 11.00 — Sumário
- 11.05 — Memória de um Povo
- 11.30 — Espaço 11/13
- 12.30 — Vereda Tropical
- 13.15 — Jornal da Tarde
- 15.00 — Desenhos Animados
- 15.35 — Série — «O Homem Montanhês»
- 16.05 — Série — «Duarte & C.ª»
- 16.55 — Atletismo — Campeonato da Europa (Transmissão de Estugarda)
- 18.20 — Tempo dos Mais Novos
- 18.55 — País, País
- 19.25 — Telemundo
- 19.50 — O Livro Grande de Petete
- 20.00 — Telejornal
- 20.30 — Boletim Meteorológico
- 20.35 — Vamos Jogar no Totobola
- 20.45 — Telenovela — «Corpo a Corpo»
- 21.40 — Noite de Cinema — «Sol Vermelho» (western) real. Terence Young (1972, 110 min.)
- 23.25 — Últimas Notícias.

RTP2

- 16.30 — Europa TV
- 20.00 — Notícias
- 20.05 — Atletismo — Campeonato da Europa (transmissão de Estugarda)



- 21.15 — Notícias
- 21.31 — Fol'êxito na TV — «Gente Fina é Outra Coisa»
- 22.15 — Últimas Notícias
- 22.20 — Telenovela — «Vereda Tropical»



Monet — Segunda, RTP-2

Cinema

A selecção

...e ainda

Música, debates, etc.

		António Durão	David Lopes	Manuel Machado da Luz	Manuel Neves	Paulo Torres
A	Alice Já Não Mora Aqui	★★★	★★★★	★★★	—	★★★
B	África Minha	★★★★	★★★	★★★	★★★	★★★
C	Os Amigos de Alex	—	—	—	★★★★	★★★
D	O Ano do Dragão	★★★★	★★★	★★★	★★★★	★★
E	A Casa Encantada	—	—	★★★	—	★★★
F	Era Uma Vez na América	★★★★	★★★★	★★★★	★★★	★★★★
G	Nova York Fora de Horas	★★★★	★★★★	★★★★	★★★★	★★★★
H	Revolução	—	—	★★	—	★★
I	Sangue Por Sangue	—	—	★★★	★★★	★★
J	Terror na Auto-Estrada	—	★★★	★★★	—	★★★★

Museu da Água

Museu da Água Manuel da Maia se chama. Trata-se do Aqueduto das Águas Livres, que se conhece tão pouco excepto quando ele aflora ali em Alcântara, por exemplo. A EPAL, Empresa Pública das Águas Livres organiza visitas a este verdadeiro monumento

lisboeta que foi ao mesmo tempo o primeiro sistema de abastecimento de água para servir Lisboa e cuja construção, autorizada em 1731 só veio a concluir-se em 1799. O Aqueduto principia na Fonte das Águas Livres, a norte de Carenque, atravessa o termo de Lisboa sobre a Ribeira de Alcântara, passa por Campolide e pelo triunfal arco das

Amoreiras e vai «desaguar» ao reservatório, também chamado Mãe de Água das Amoreiras. É esta Mãe de Água, que já foi passeio lisboeta — construção projectada por Carlos Mardel em 1752 e concluída só em 1834 — que de novo se abre à curiosidade dos visitantes, na Praça das Amoreiras, 10, ao Rato, de terça a sexta, das 13 às 17 horas.

MÚSICA

O Jazz em Agosto 86 prossegue hoje no Anfiteatro ao Ar Livre da Gulbenkian com o segundo e último concerto pelo Quarteto de Saheb Sarbib. Às 21.30. O festival finaliza com o Trevor Watts' Moiré Music — uma formação com 4 saxofonistas (alto, tenor, soprano e soprano), dois violinistas, um baixista, 2 percussionistas e um pianista sob a direcção de Watts, que também tocará saxes. Nos dias 27 e 28, às 21.30, ainda no Anfiteatro ao Ar Livre. Os bilhetes são caros (600\$00), mas os estudantes e os jovens até aos 18 anos beneficiam como sempre do desconto de 50%, desde que devidamente se identifiquem. Jazz foi também incluído esta semana no Festival de Música dos Capuchos: é «Swingin' Blue Evenin'», homenagem da cantora Maria João à canção americana, com temas de Gershwin, Bill Evans, Hupfeld e outros. Com Maria João e Vasco Henriques (piano), Nuno Gonçalves (contraba-

ixo), Urbano Oliveira (bateria). Sábado, 23, às 21.30, no Convento dos Capuchos. Outros espectáculos musicais: A Ronda dos Quatro Caminhos em Trancoso (amanhã) e em Abrantes (sábado); Sérgio Godinho em Portel (amanhã); os Trovante também amanhã na Marinha Grande.

Os bilhetes são caros (600\$00), mas os estudantes e os jovens até aos 18 anos beneficiam como sempre do desconto de 50%, desde que devidamente se identifiquem.

Jazz foi também incluído esta semana no Festival de Música dos Capuchos: é «Swingin' Blue Evenin'», homenagem da cantora Maria João à canção americana, com temas de Gershwin, Bill Evans, Hupfeld e outros. Com Maria João e Vasco Henriques (piano), Nuno Gonçalves (contraba-



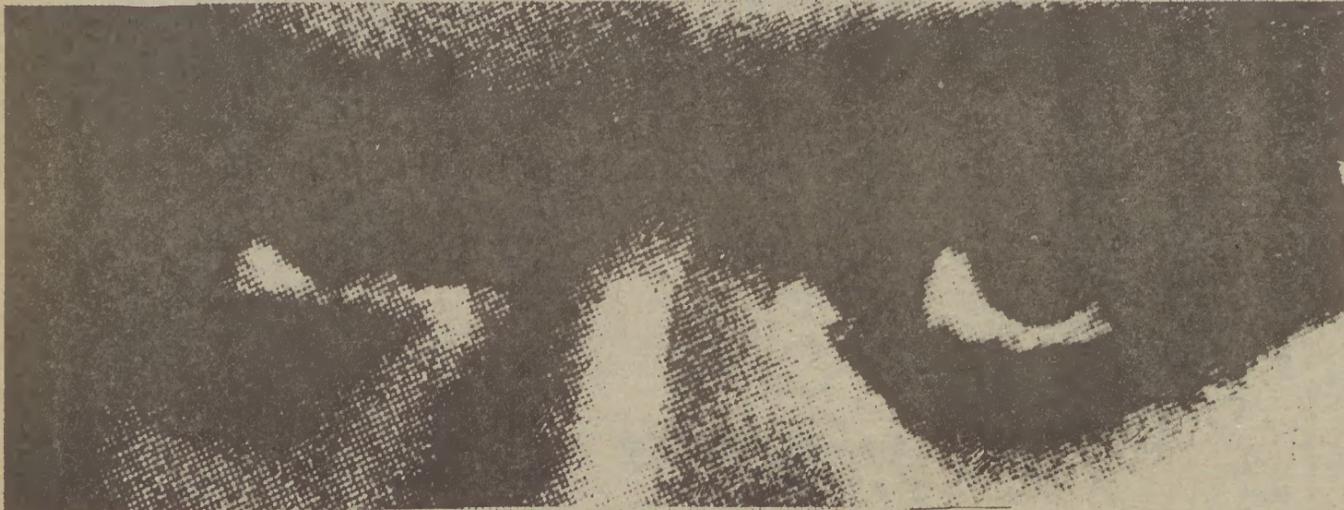
CINEMA

No ciclo «Cinema e Comunicação» que o Forum Picoas tem estado a exhibir, destaca esta semana para O Monstro na 1.ª Página — um filme de Marco Bellocchio interpretado por Gian Maria Volonté. Nos dias 25 e 26 (segunda e terça), às 19.00 e 21.45.

- A — Real. Martin Scorsese — Cine 222 (14.00, 16.30, 19.00, 21.30) — Lisboa.
- B — Real. Sidney Pollack — S. Jorge/2 (14.15, 17.30, 21.30) — Lisboa.
- C — Real. Lawrence Kasdan — Nimas (14.00, 16.30, 19.00, 21.30) — Lisboa.
- D — Real. Michael Cimino — Amoreiras/2 (13.45, 16.45, 19.15, 21.45, 00.15) Lisboa.
- E — Real. Alfred Hitchcock — Quarteto/2 (14.30, 16.45, 19.00, 21.30), — Lisboa.
- F — Real. Sérgio Leone — Berna (15.00, 21.00) Lisboa.
- G — Real. Martin Scorsese — Estúdio 444 (15.00, 17.00 19.00, 21.30), Quarteto/3 (14.30, 16.45, 19.00, 21.30) — Lisboa.
- H — Real. Hugh Hudson — Alfa/2 (14.15, 16.45, 19.15, 21.45, 00.15); Amoreiras (14.00, 16.30, 19.00 21.30, 24.00) — Lisboa.
- I — Real. Joel Coen — Quarteto/1 (14.30, 16.45, 19.00, 21.30), Xenon (14.15, 16.30, 19.00, 21.30) — Lisboa.
- J — Real. Robert Harmon — Hollywood/1 (14.30, 16.45, 19.00, 21.30, 23.45), Las Vegas/1 (14.00, 16.15, 18.45, 21.30); Roxy (14.00, 16.30, 19.00, 21.30) — Lisboa.



Exposições



Federico Garcia Lorca e a Guerra Civil de Espanha. «Estou e estarei sempre do lado dos que têm fome». Exposição na Biblioteca Nacional.

Artesanato em Vias de Extinção, documental, organizada por uma equipa da Esc. Sup. de Belas Artes do Porto, FIL, Pç. das Indústrias (até 30/9).
Artistas premiados na I e na II Exposição de Artes Plásticas Gulbenkian. Museu do CAM, Av. de Berna. 3.ª, 5.ª, 6.ª e dom./10.00 às 17.00; 4.ª e sáb./14.00 às 19.30 (até 2/9).
Cesário Verde, bibliográfica. Palácio

Galveias, Campo Pequeno, das 14.00 às 19.00 (até 31/8).
Colectiva de pintura (Dario Alves, Isabel Garcia, João Nascimento). Livr. Bertrand, R. Garrett. De 2.ª a 6.ª/10.00 às 19.00.
Colectiva de Pintura. Cervejaria Trindade, R. Nova da Trindade. Das 12.00 às 15.00 e das 19.00 às 22.00 (até 22/8).
Colectiva de pintura e desenho. Atrium da Imprensa, R. da

Horta Seca, 20. De 2.ª a 6.ª/10.00 às 20.00 (até 31/8).
Colectiva de pintura e gravura (Charters de Almeida, Manuel Cargaleiro, etc.). Gal. Multifaces, Centro Comercial Gemini. Das 10.00 às 14.00 e 15.00 às 19.00.
Dall, gravura. Livraria Barata, Av. Roma, 11-A. Das 12 às 23.00 (até 30/8).
Escultura Africana em Portugal. Museu de Etnografia, Av. da

Madeira (ao Restelo). De 3.ª a dom./10 às 12.30 e 14 às 17 (até Dezembro).
Fotografia nas revistas alemãs de 1924-33. Forum Picoas, Av. Fontes Pereira de Melo. Das 12.00 às 23.00 (até 26/8).
Gente de Palco-II Acto-Desenho Teatral. Museu Nacional do Traje. Estrada do Lumiar, 10. De 3.ª a sáb. Das 10.00 às 13.00 e das 14.30 às 17.00; dom. das 10 às

13 e das 14.30 às 18.00.
A Guerra Civil de Espanha e a Morte de Garcia Lorca. Biblioteca Nacional, Campo Grande. De 2.ª a 6.ª/10.00 às 13.00 e 14.00 às 17.00.
Mona Brito, pintura. Centro de Dança, Av. João Crisóstomo, 6. De 2.ª a 6.ª/9.00 às 20.00 (até 30/8).
«Nizuma» (Japão), escultura. CAM, Av. de Berna. 3.ª, 5.ª, 6.ª e domingo/10.00 às 17.00;

4.ª e sáb./14.00 às 19.30 (até 30/8).
«Novas tendências do desenho». SNBA, R. Barata Salgueiro. De 2.ª a sáb./14.00 às 20.00 (até 22/8).
Postais Ilustrados de Lisboa do Princípio do Século. Biblioteca Nacional, Campo Grande. De 2.ª a 6.ª/10.00 às 13.00 e

14.00 às 17.00 (até 5/9).
Tapeçaria de Portalegre, segundo cartões de pintores portugueses, Hotel Meridiano, R. Castilho (até 31/8).
III Exposição de Artes Plásticas da Fundação Gulbenkian. Galerias da sede da Fund. Gulbenkian, Av.

Berna. 3.ª, 5.ª, 6.ª e dom./10.00 às 17.00; 4.ª e sáb./14.00 às 19.30 (até 2/9).
Cristovam Dias, fotografia. Gal. JN, R. Gonçalo Cristóvão, 195. De 3.ª a 6.ª/14.30 às 19.30. PORTO.
Instrumentos Musicais Populares. No Centro de Artes Tradicionais do Porto, organizada pelo Museu de Etnologia. De 3.ª a dom./10.30 às 19.00 (até Setembro) PORTO.
Colectiva de Artes Plásticas: «Representação do animal na arte portuguesa contemporânea». Convento de S. Domingos. De 2.ª a 6.ª/9.00 às 12.30 e 14.00 às 17.30; sáb. e dom./15.00 às 19.00 (até 31/8) ABRANTES.
Susan Norrie, desenho e gravura. Centro Cultural de S. Lourenço (até 29/8) ALMANSIL.
Anibal Sequeira, fotografia. Casa da Cultura CALDAS DA RAINHA.
Lao Chin (China), escultura em barro. Museu José Malhoa CALDAS RAINHA.
Cascais no Tempo dos Romanos, arqueologia. Palácio

da Cidadela (até 30/8) CASCAIS.
Estelas Funerárias da Vila de Ulme, arqueológica. Gal. Municipal. Das 14.00 às 18.00 e das 21.00 às 23.00 (até 22/8) CHAMUSCA.
Colectiva de Fotografia, Coop. Agora, 12. Simões Castro (Até 15/9) COIMBRA.
Música — Manuscritos e Edições do arquivo da Biblioteca Geral da Universidade COIMBRA.
«Sinfonia em Branco», colectiva de pintura, escultura, fotografia. Convento dos Capuchos, no âmbito do Festival de Música. De 4.ª a dom./16.00 às 19.30 (até 30/8) COSTA DA CAPARICA.
Pintura Naif — VI Salão Nacional/II Internacional. Galerias do Casino, das 15.00 às 24.00 (até 31/8) ESTORIL.
III Bienal de Artes Plásticas «Lagos 86». Gal. Mercado de Escravos, Auditório da Messe Militar, Forte Pau da Bandeira (até 30/8) LAGOS.
A Europa na gravura do séc. XVIII (intern.). Até Dezembro,

Palácio Nacional MAFRA.
Gil Teixeira Lopes, pintura, desenho, gravura, escultura. Até 31/8, Pousada do Castelo PALMELA.
D. Pedro IV Pedro I do Brasil — Sua época (até 30/9). Palácio Nacional QUELUZ.
Bonecas («Revivalismo de Novecentos») de Ana Cassiano. Museu de Arqueologia e Etnografia SETÚBAL.
Colectiva — Miguel Barbosa, Susana Barros, Cláudia Lima, Gal. Celária, Pousada de S. Filipe. Das 10.00 às 22.00 (até 22/8) SETÚBAL.
Matos Cardoso, desenho e escultura. Convento de Jesus, das 9.00 às 12.00 e 14.00 às 17.00 (até 30/8) SETÚBAL.
Nuno Theas e Paulo Robalo, pintura. Casa de Bocage. De 2.ª a 6.ª/9.00 às 12.00 e 14.00 às 17.00; sáb. e dom./15.00 às 17.00 (até 31/8) SETÚBAL.
Ourivesaria — Colectiva do Palácio Nacional da Pena. Palácio da Pena SINTRA.
V Bienal, colectiva de Artes Plásticas (até 7/9) VILA NOVA DE CERVEIRA.

Teatro

O Cartaz

Tempo Fim de Semana



Segundo a previsão do Instituto Nacional de Meteorologia e Geofísica referente ao continente, no sábado e no domingo o céu estará pouco nublado e o vento geralmente fraco. Neblinas e nevoeiros matinais.

LISBOA
ABC, Parque Mayer. De 3.ª a sáb./20.30 e 22.45, dom./16.00 e 20.30. **Lisboa, Tejo e Tudo**, de César Oliveira, Solnado, Fialho Gouveia, enc. César Oliveira.
Casa da Comédia, R. Francisco de Borja, 24 (Janelas Verdes). De 3.ª a sáb./21.45, dom./16.00. **A Bela Portuguesa**, de Agustina Bessa Luís, enc.

Flípe La Féria.
CAM — Sala Polivalente, Fundação Gulbenkian, Av. Berna. Dias 21, 18.30; 22 e 23, 21.30; 24 (última representação), 15.00. **O Indesejado**, de Jorge de Sena, enc. Orlando Neves — Ciclo Retorno à Tragédia. Dia 26/18.30; reposição de Frei Luís de Sousa, de Almeida Garrett, enc. Ivone Silva.
Teatro do Século. Comuna — Pç. de

Espanha, Sala Nova — De 3.ª a sáb./21.30, dom./17.00. **Touro**, de Abel Neves, enc. João Mota — Comuna.
Maria Matos, Av. Frei Miguel Contreiras. De 3.ª a sáb. 20.30 e 22.45. dom. 16.00, 20.30 e 22.45. Isto é **Maria Vitória**, de H. Santana, Nicholson, Bracinha, M. Zambujal, enc. Ivone Silva.
Teatro do Século. Rua do Século, 41.

Sala 2 — De 4.ª a sáb. / 21.45, dom./18.30. **Os Negros**, de Jean Genet, enc. Rogério Carvalho.
Sala 1 — De 5.ª a sáb./18.30. **Viagem para a Felicidade**, de Franz Xavier Kroetz, enc. Rogério Carvalho, interpr. Lucinda Loureiro.
Variedades, Pç. Mayer. De 3.ª a dom. / 21.45, sáb./16.00. **Um Coro-**

nel em Dois Actos, adapt. Francisco Nicholson, enc. Varela Silva.
Para Crianças
LISBOA
Padrão dos Descobrimentos, Belém, sáb. / 18.00, dom./11.00. **Fecha os Olhos... Entra na História**, de Alexandra Solnado, enc. Joselita Alvarenga.

a TV

Entre as cassetes e os chavões, algumas informações

1

O programa da Europa TV transmite no segundo canal, por volta das 18 horas, um bloco informativo.

2

Não se vai dizer que é um programa elaborado com isenção, com imparcialidade. A televisão é um instrumento demasiado perigoso e valioso para não ser utilizado na luta de classes. Temos assim que, no essencial, a informação veiculada pela Europa TV defende o processo capitalista.

3

São frequentes os chavões, as cassetes de lavagem ao cérebro. Tipificações abusivas cuja finalidade é criar reflexos automáticos de raciocínio e comportamento.

4

Lá se fala «do mundo comunista e do Ocidente livre». O mundo comunista é uma peste, mas o «Ocidente» com o desemprego, o «stress», a miséria, a violência do quotidiano, esse é que é bom, é «livre»...

Também o muro de Berlim é «a fronteira entre o medo e a liberdade» ou então «a fronteira entre um Mercedes e um automóvel utilitário da RDA...»

5

A manipulação é tão descarada, tão evidente que não vale a pena uma pessoa debruçar-se mais tempo sobre o assunto. Já se sabe o que a casa gasta...

6

Não esqueçamos porém que o mundo capitalista está longe de ser um modelo de harmonia e de Paz. Pelo contrário: a guerra sem quartel é a sua própria alma. Entre capitalistas não há irmãos mas lobos que esperam uma oportunidade de se devorarem uns aos outros. Com perdão, evidentemente, para os pândegos da Nova Esquerda ou da Nova Direita que vêm no capitalismo um recuperado anjinho de asas brancas...

7

As contradições que dilaceram a sociedade mercantilista não podem deixar de se manifestar também nos domínios da informação onde as necessidades actuais se chocam com uma certa tradição de informação factual.

8

Por exemplo: tanto a Europa TV como o Telejornal noticiaram a construção de um complexo habitacional para a população deslocada de Chernobyl. Mas enquanto a Europa informava que as casas da nova povoação «possuíam todos os pertences» e que haviam sido construídas no prazo record de 55 dias, o Telejornal silenciou o complemento factual da notícia. Estão a ver?...

9

Se não se importam leitores, acompanhem-me noutro exemplo.

A campanha «informativa» a propósito dos 25 anos do muro de Berlim alastrou com a força de uma poderosa onda. Europa TV e Telejornal pediram meças a ver quem atirava mais pedras à fronteira da RDA.

No entanto, o Telejornal omitiu dados factuais imprescindíveis ao conhecimento de uma situação. Foi apenas por intermédio da Europa TV que soubemos do seguinte.

Projectava-se uma grandiosa manifestação ao longo do muro, utilizando as pessoas transportadas de todos os lados. Haveria um cordão humano, pessoa a pessoa, de mãos dadas. Mas as pessoas não eram muitas e mesmo essas preferiram ir ver um desafio de futebol. Resultado: fez-se o cordão, sim senhor, mas num reduzido espaço — o espaço coberto pela câmara de televisão que deu as imagens passadas depois, sem explicação, no Telejornal...

10

Por outro lado, a confrontação dos interesses entre os Estados Unidos e a Europa encontra adequado tratamento na ETV. Assim assistimos à «guerra do trigo»: a CEE e os Estados Unidos lutam pelo fornecimento de trigo à URSS. É aproveitar agora, porque dias mais difíceis vão surgir, dado que as medidas introduzidas por Gorbachov levarão brevemente a URSS a prescindir totalmente das importações. E então...

... Então o mundo capitalista entrará em novo ciclo de crise — o que é uma grandiosíssima chatices para os pândegos da Nova Esquerda e da Nova Direita para quem Marx está desactualizado...

■ **Ulisses**

Síntese semanal da IMPRENSA

Cavaco e o clientelismo

As forças políticas de oposição são defensoras de «grupos de interesses e de clientelismos» — terá afirmado Cavaco Silva no seu discurso no Algarve, em que mais uma vez, para não variar, conseguiu jurar que é branco o que é indiscutivelmente preto e garantir que é preto o que é obviamente branco. Oito dias antes, um seu conjuntural prosélito — M. Rebelo de Sousa — havia oportunamente lembrado nas páginas do «Semanário» que «é claro que com o PSD no Governo a clientela social-democrata domina hoje arrasadoramente [excelente advérbio de modo!!!] a gestão do sector empresarial do Estado».

Vêm, por isso, a propósito duas singelas notícias sobre o Governo, os «grupos de interesses» e os «clientelismos», e ainda uma opinião insuspeita sobre os negócios que se escondem atrás das chamas do fogo posto.

Os bons subsídios

«O secretário de Estado do Turismo, Licínio Cunha, concedeu um financiamento de várias dezenas de milhares de contos à empresa Fomentur (que explora o campo de golfe da Aroeira, na Costa da Caparica), apesar de o empréstimo ter sido vetado no ano passado pela Secretaria de Estado do Orçamento, com base na situação alegadamente «irregular» da firma beneficiária.

O anterior secretário de Estado do Orçamento, Alípio Dias, indeferira, no primeiro semestre de 1985, um pedido de apoio financeiro à Fomentur no valor de 57 mil contos a conceder através do Fundo de Turismo (F.T.), então presidido pelo actual titular da Secretaria de Estado da Indústria, Luís Todo-Bom. Uma fonte do gabinete de Alípio Dias dissera na altura ao «Expresso» que o parecer desfavorável só se ficara a dever à «situação pouco clara da empresa: encontra-se dissolvida, com a falência decretada desde 1976, não paga impostos há vários anos, não está registada como pessoa colectiva no Instituto de Informática». A administração da Fomentur declarava então que a falência fora levantada anos antes pelo ex-ministro do Comércio Basílio Horta, mas as Finanças continuavam a afirmar não ter conhecimento da operação.

(...)

«Um informador do grupo de bancos credores da Fomentur revelou, entretanto, ao «Expresso» que o crédito acumulado pela empresa se eleva neste momento a dois milhões de contos, e que o seu passivo global andarà pelos quatro milhões. A mesma fonte emitiu sérias reservas quanto à hipótese de a sociedade poder vir a viabilizar a sua gestão.»

«Expresso» de 15.8.86

Os bons negócios

«A transformação de duas empresas públicas (Socarmar e Dragapor) tuteladas pelo Ministério das Obras Públicas e Transportes em sociedades anónimas deverá justificar um parecer do Tribunal Constitucional, por existirem dúvidas em diversos

meios, incluindo assessores do Presidente da República, sobre a constitucionalidade de algumas disposições dos Dec-Lei que determinam esta transformação.

(...)

«Das duas EP's, a Socarmar é sem dúvida a mais apetecida pelo sector privado, por ter revelado nos últimos anos excelentes índices de rentabilidade.

Na área de cargas e descargas portuárias onde opera a Socarmar correm já as mais diversas versões sobre os interessados «nas acções tipo B». O «Expresso» apurou que os antigos proprietários (família Gerales Barba) veriam com agrado o regresso ao sector, não encarando com o mesmo sentimento a possibilidade de António Figueiredo, da Empresa de Tráfego e Estiva (ETE) — e um dos adversários históricos da Gerales Barba nos negócios portuários — entrar para o capital da Socarmar. António Figueiredo terá já, contudo, revelado interesse nessa hipótese.»

«Expresso» de 15.8.86

Marcelo e o fogo: um testemunho insuspeito

«(...)

A estas dúvidas, outras se somaram e somam agora, relativamente ao fogo posto em zonas suburbanas, como, por exemplo, na área da grande Lisboa.

Também aqui as convergências ocasionais pululam. Há um projecto de urbanização pretendido para certo local. Entrechocam-se defensores e contraditores. Sucede mesmo que o aludido projecto respeita a área de paisagem protegida e, por conseguinte, depara com acrescidas resistências legais e administrativas.

De um lado, há quem queira construir um aldeamento, um ou vários blocos habitacionais, um golfe, um bairro económico ou de luxo. Do outro, há quem se lhe oponha, com maior ou menor razão, dentro do caos urbanístico que tem sido o crescimento na grande Lisboa.

Por curiosa coincidência, um fogo destrói a vegetação cuja preservação se controvertia, abre caminho à urbanização polemizada, resolve, num abrir e fechar de olhos, debates políticos, decisões administrativas, ponderações técnicas.

E o Governo e a Administração Pública não têm nada a dizer sobre isto? E as autarquias locais calam-se? E todos se sentem descansados, nas suas consciências, com a hipocrisia que pode ser fingir que o crime de fogo posto, onde existiu, não teve móveis senão o tresloucamento, a violência pela violência, a delinquência crónica de marginais?

(...)

Seria mesmo dramático que fosse um PC a fazer-se de virgem pura e casta, monopolizando verbalisticamente este apelo e corporizando esta legítima preocupação.

(...)

Marcelo Rebelo de Sousa, no «Semanário», de 14.8.1986

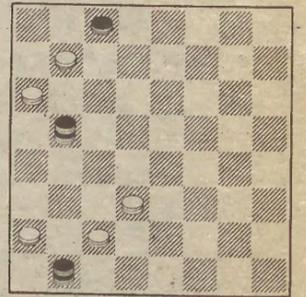
**DEMOCRACIA
DESENVOLVIMENTO
DO PAÍS**

**DEFESA
DOS
EMIGRANTES**

Encontro do PCP sobre problemas de emigração

Damas

LXV - 21 de Agosto de 1986
PROPOSIÇÃO N.º 65
Por: Francisco Henriques - Almeirim
«Em Frente do Tabuleiro» N.º 1 -
Agosto 1940
Pr.: (4)-(20)-31



Br.: 7-8-11-24-28
Jogam as brancas e ganham

JOGO N.º 65
Campeonato Nacional - Apuramento
Almada, 6.IV.1986
Br.: Medalha da Silva
Pr.: José Pereira

1. 12-15, 21-17; 2. 8-12, 23-19; 3. 10-13, 17-10; 4. 5-23, 28-19; 5. 1-5, 25-21; 6. 5-10, 32-28; 7. 10-13, 21-18; 8. 6-10, 28-23; 9. 2-5, 26-21; 10. 13-17, 30-26; 11. 4-8, 29-25; 12. 10-13, 24-20; 13. 15-24, 18-14; 14. 11-18, 25-21; 15. 12-15, 19-12; 16. 8-15, 23-20; 17. 15-19, 22-15; 18. 7-11, 20-6; 19. 3-19, 20-16; 20. 24-28, 31-24; 21. 19-22, 26-19; 22. 17-21, 25-18; 23. 13-31=D Empate.

GOLPE N.º 65
Por.: Strickland, 1883

1. 10-14, 22-18; 2. 5-10, 23-20; 3. 12-16, 20-15; 4. 11-20, 24-15; 5. 14-19, 18-14; 6. 1-5, 21-18; 7. 7-12, 25-21; 8. 16-20, 14-11; 9. 12-16, 18-14; 10. 3-7, 21-17; 11. 20-23? (Perdente!); 27-20; 12. 16-23 Jogam as Pr. e Ganham! Br.: 2-4-5-6-7-8-9-10-19-23 Pr.: 11-14-15-17-28-28-29-30-31-32 J. Pr. G.)

SOLUÇÕES DO LXV

N.º 65 (FH): 11-15, 4-32; 24-28, 32-12; 8-24 G. Br.
GOLPE N.º 65 (S): 23., 26-22; 24. 19-26, 29-22; 25. 10-26, 30-21; 26. 7-14, 28-1=D+

A. de M.M.

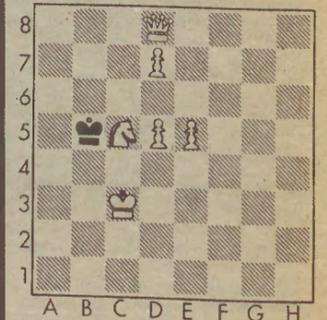
Xadrez

LXV - 21 de Agosto de 1986

PROPOSIÇÃO N.º 65

Por: J. Bajtay
«Népszava», 1937

Pr: (1): Rb5/Rex Solus



Br: (6): Ps.d5, d7, 65-Cc5-Dd8-Rc3

Mate em 2 lances

JOGO N.º 65
BIENNE, 1986

Br: Lobron
Pr: Miles

1. 64,c5; 2. Cf3,d6; 3. d4,c4; 4. Cd4,Cf6; 5. Cc3,g6; 6. Bc3,Bg7; 7. f3, 0-0; 8. Dd2,Cc6; 9. Bc4,Bd7; 10. h4,Tc8; 11. Bb3,h5; 12. 0-0-0,Cc5; 13. Bg5,Cb7; 14. Bh6, B:h6; 15. D:h6,T:c3; 16. b:c3,D:g7; 17. Rb1,Cc4; 18. g4,h:g4; 19. f4,Tc8; 20. Td3,Da5; 21. h5,g5; 22. 65,d65; 23. B:c4,T:c4; 24. Cb3,Dg7; 25. f:g5,Bf5; 26. g6,Cf6; 27. Td2,T:c3; 28. Thd1,B:c2+; 29. T:c2,T:c2; 30. g:f7+; R:f7; 31. Dg6+,Re6; 32. D:c2,D:c2+; 33. R:c2, C:h5; 34. Rd2,Rf5; 35. Rb3,g3; 36. Cd2,Rg4; 37. Cf3,g2; 38. Rf2,Cf4; 39. C:65+,Rh3; 40. Td8,Rh2; 41. Cf3+,Rh3; 42. Cg1+,Rg4; 43. Td7 e as Pr. abandonam.

SOLUÇÃO DO N.º 65

Chave: 1. Df6!
1.,Ra5; 2. Da6 mate
1.,R:c5; 2. Dc6 mate

A. de M.M.



a festa!

ALTO DA AJUDA • 5, 6, E 7 SETEMBRO

Avante!

Director

António Dias Lourenço

SUPLEMENTO N.º 8

21 de Agosto de 1986

Não pode ser vendido
separadamente

Faltam só 15 dias

Campeões

na Ajuda



ARTISTAS

Carlos
Zingaro

Telectu

Mler Ife Dada

Xutos

e Pontapés

Maria João

António

Pinho Vargas

Pedro

Caldeira

Cabral

A festa! que fazemos

Sexta, sábado e domingo constituíram, para muita gente, três dias, quase poderemos dizê-lo, inesquecíveis. A razão é muito simples e, como não poderia deixar de ser — ou o assunto não viesse neste suplemento — prende-se com a Festa do «Avante!». Mais propriamente com a sua implantação. Estávamos apenas a 20 dias da abertura das portas. Por isso mesmo, e por haver ainda muito trabalho a fazer, foi uma multidão que se repartiu por três dias de trabalho. Incansável e voluntariamente. Militantemente que é assim que as coisas se fazem cá pelas nossas bandas. E fazem-se bem. Que quem tenha passado pelo recinto na quinta-feira é muito bem capaz de hoje o não reconhecer, tanto se avançou nestes três dias. No entanto, o facto de muito se ter feito, não invalida que

a jornada de trabalho — nomeadamente no que concerne ao número de camaradas e amigos presentes — tenha ficado aquém das perspectivas e das necessidades. Pelo que cada vez há mais trabalho no Casalinho da Ajuda, uma vez que depois de o terreno ter sido limpo, são as estruturas que se montam. Mal estas estão prontas, passa-se à electricidade e à carpintaria e, finalmente, à decoração, depois do que se tem de colocar todos os materiais que, a 5, 6 e 7 de Setembro estarão à disposição de tantos quantos passarem pelo Alto da Ajuda. Como se vê, é todo um mundo que falta ainda construir no Casalinho da Ajuda. E tem data marcada para abrir. Por isso — e não obstante o impulso dado no fim-de-semana — agora mais do que nunca, todos temos de meter mãos à obra.

Para que tal façamos, os 2 fins-de-semana que ainda há de trabalho são fundamentais. Mas fundamentais também, agora que a contagem decrescente acelera, são todos os outros dias. Quaisquer que sejam, que no terreno há muita gente a trabalhar e tarefas não faltam a quantos queiram dar uns dias das suas férias à construção do maior acontecimento político-cultural do País. Aquela que é a primeira grande iniciativa do Partido no arrancar deste novo ano de lutas. Por isso, a palavra de ordem de momento é a de que todos vão, sempre que possam, até ao Alto da Ajuda para, com o seu trabalho, darem um importante contributo para que a Festa seja uma realidade. E podem ir trabalhar para o terreno a qualquer hora do dia ou da noite. Para tal — e essencialmente ao fim do dia

e à noite — é necessário avisar com antecedência os camaradas que dirigem as operações no terreno, para que tudo esteja a postos para vos receber de modo a que, mal lá chegarem, possam desde logo pôr mãos à obra. Mas voltemos à jornada de trabalho de sexta-feira, sábado e domingo.

No terreno

Quem passasse pelo Alto da Ajuda no passado fim-de-semana, a primeira coisa que notaria seria a torre que se encontra no cruzamento. Já engalanada com panos amarelos e vermelhos e com o logotipo do «Avante!» bem visível.

Era o mote. Ali é que se trabalha. Descia-se a rua e entrava-se na Festa. Logo à entrada, era um magote de gente a querer saber para onde é que iria trabalhar, farnel à tiracolo e chapéu bem enterrado na cabeça. Depois, era o terreno. Em toda a sua vastidão mas ainda sem o colorido que o caracteriza. Tirando uma ou outra excepção, como é o caso da Cidade da Juventude que, a várias cores, anuncia já bem alto ser 1986 o Ano Internacional da Juventude. E já que falamos nos jovens, é de referir que este fim-de-semana prestaram um bom contributo à implantação, nas suas mais variadas frentes.

Mas o que mais impressiona quem entra no terreno da Festa é a imensidade e multiplicidade das tarefas e a grandiosidade das obras, como ficou bem patente na conferência de imprensa dada pela Organização Regional de Lisboa a órgãos de informação regional — e infelizmente pouco concorrida —, onde se disse, por exemplo, que só para a área confiada a esta organização, se gastaram 12 (doze) quilómetros de tubos de construção, e onde se utilizaram 5200 metros quadrados de chapas de aparite. É uma obra à dimensão do Partido que a constrói. Uma realização que só um partido com a implantação, a militância e a organização do Partido Comunista Português pode pôr de pé. Muito há ainda para fazer. Não é trabalho que nos falta. Nem vontade de o fazer. Por isso, vamos fazer de cada dia que nos separa da Festa outras tantas jornadas de trabalho voluntário. Com empenhamento e com amor. Com militância!



Festival em Espinho Beja e Coruche

No passado sábado realizou-se a Final Distrital de Aveiro do Festival da Canção Juvenil da Festa do «Avante!». A iniciativa decorreu em Espinho, na Esplanada junto à praia, e nela participaram cerca de três mil pessoas. No final das actuações dos concorrentes, o júri reuniu e proclamou vencedor o grupo Alavarium. O solista que também se deslocará à Ajuda será Raimundo Coelho. O grupo Alavarium é de Aveiro e interpretou «Quadras Soltas». Por seu lado, Raimundo Coelho, do Riomeão, cantou «Liliana». O júri foi constituído por Domingos Oliveira, encenador teatral; Olívia Silva, animadora cultural do FAOJ, em representação do Clube Juvenil Tubo de Ensaio da Cooperativa Nascente; Alexandre Miguel, da direcção distrital da JCP; Lina Sousa, professora, em representação da Comissão Organizadora; e por Carlos Jerónimo, da Cooperativa Grande Plano, de Aveiro. Depois do concurso, os jovens fizeram nova actuação tendo, no final, intervido o camarada Dias Carneiro, da Comissão Concelhia de Espinho do PCP, para desmascarar a atitude da Câmara Municipal

e, em especial, do seu presidente, que pretendeu impedir a realização do Festival, por a Esplanada se destinar ao «turismo de luxo». A realização do Festival só foi possível graças à Comissão de Moradores do Bairro 25 de Abril, de Ovar, que emprestou o palco onde os artistas actuaram.

Beja

Também em Beja se realizou no passado fim-de-semana a Final Distrital local do Festival da Canção Juvenil da Festa do «Avante!». O Quarteto Semente à Terra foi o vencedor do certame na categoria de conjuntos. O solista vencedor foi Carlos Manuel. O Festival realizou-se na Casa da Cultura.

Coruche

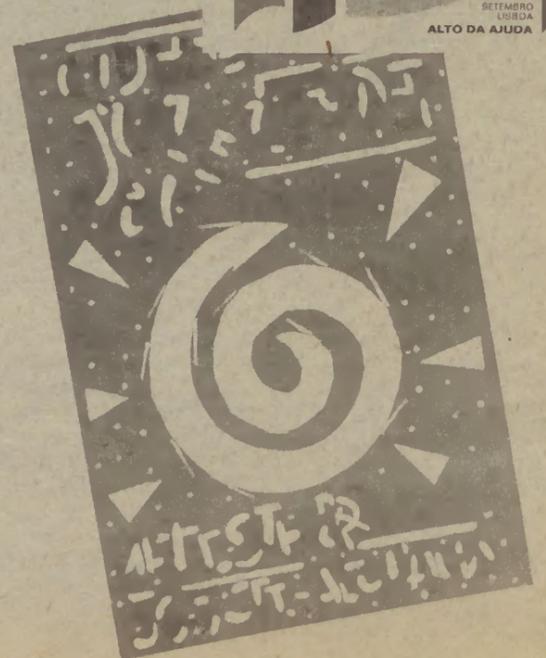
Integrado nas Festas Populares de Coruche, realizou-se a Final Distrital de Santarém do Festival. Ao certame, a que compareceram mais de mil pessoas, concorreram oito solistas. O vencedor, que irá disputar a Final que se realiza na Ajuda, foi Jorge Mendes Rivotti, com a sua canção «Menina Vem à Janela».

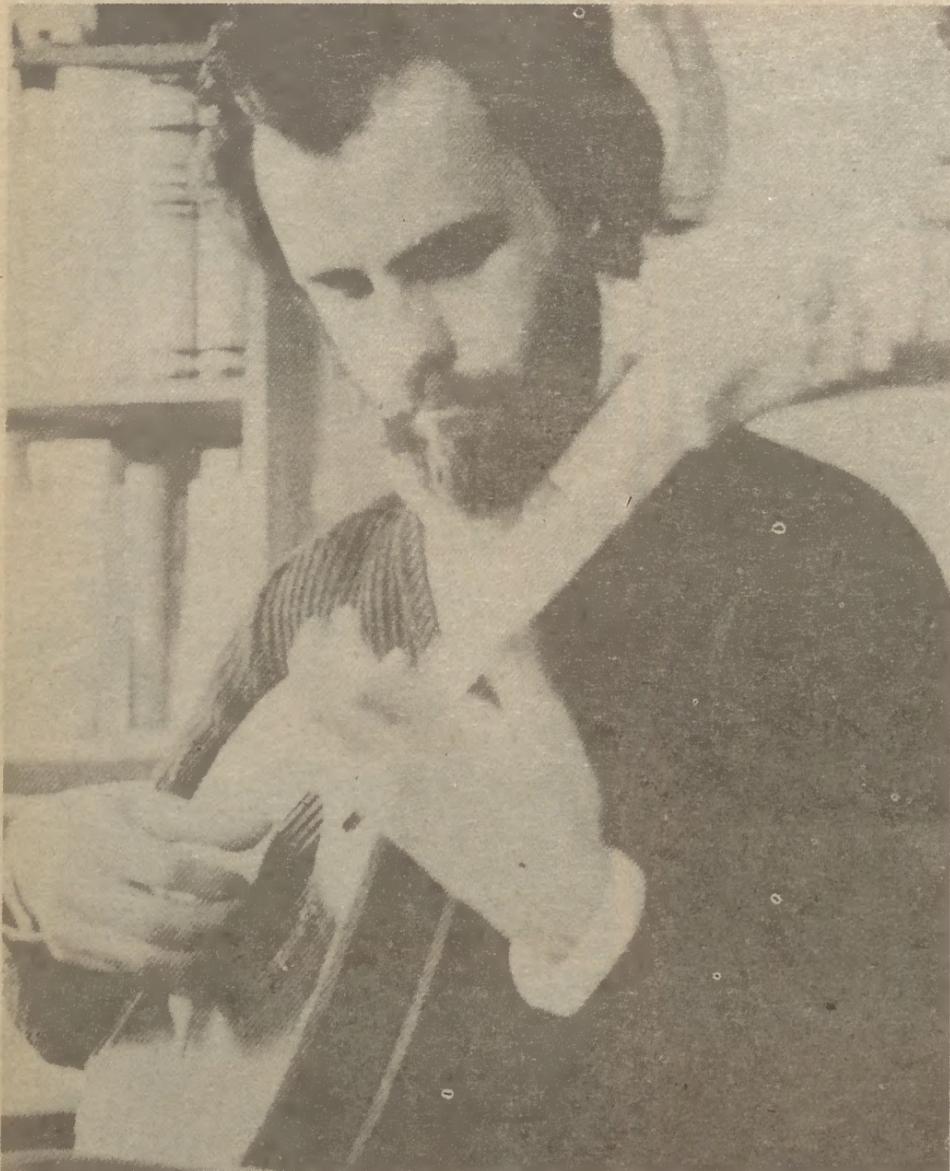
A Festa das paredes



São três. Todos eles diferentes. Todos eles, também, com um objectivo comum. Assim em folha de jornal, vêm-los a preto e branco. Sem cor, mas coloridos em si mesmos pela mensagem que querem deixar bem clara. Como não podia deixar de ser, são cartazes. Cartazes cuja função não é serem reproduzidos a seja quantas cores forem possíveis em qualquer lugar que seja, mas sim serem afixados. Para tal, é preciso gente. Para tal, também, é necessária militância e empenhamento. É que, como certamente já repararam — ou não fossem eles cartazes com o objectivo de serem de fácil leitura logo à primeira vista — todos eles dizem respeito à Festa do «Avante!». Um é sobre a Cidade da Juventude, e por isso mesmo, lá está o sol e a alegria irreverente dos jovens. O outro é sobre o Avanteatros, uma iniciativa nova na Festa. Por isso,

também, lá está o seu programa completo e as máscaras teatrais. Uma chora, e outra ri. O último, finalmente, diz-nos o que é a Festa, nos seus mais variados componentes. Do folclore, ao desporto, passando pelas exposições, pelos espectáculos e pelo Avanteatros. São três formas de se levar a Festa às paredes do País. São três importantes meios de divulgação da Festa do «Avante!», uma vez que devido ao cerco informativo que se regista em relação à actividade do Partido Comunista Português e — consequentemente — à Festa, só connosco podemos contar. Daí os cartazes. Daí também a necessidade de cada vez mais recorreremos a inovadoras formas de propaganda. Daí os murais, o porta-a-porta e as bancas. Daí os boletins. Para que cada vez mais gente passe pelo Alto da Ajuda nos três dias da Festa maior do Portugal de Abril.





Pedro Caldeira Cabral

Desde 1970 que realiza um intenso trabalho no campo da música antiga, essencialmente no domínio da pesquisa organológica, da recuperação e da construção de réplicas de instrumentos antigos, especializando-se na execução de vários instrumentos de corda dedilhada, de arco e de sopro. Estamos a falar, como já repararam certamente, de **Pedro Caldeira Cabral**. Um músico que pelo seu trabalho de recuperação e divulgação da música dos séculos XV e XVI, essencialmente, se tornou conhecido do grande público. Músico de talento, é fundamentalmente um autodidacta, tendo no entanto trabalhado com alguns mestres da música antiga, como Jordi Savall, Pilar Torres, Hopkinson Smith e Santiago Kastner.

O percurso

Tendo colaborado, como solista, nos grupos de Jorge Peixinho e de Constança Capdville, é responsável pela fundação dos grupos «Música Ficta», em 1978, «Lusitani Musici», em 1980 e, mais recentemente, do grupo «La Batalla», que fundou em 1983.

Pedro Caldeira Cabral — que está presente no holandês «Nikos Katalog», que é um dos mais importantes catálogos europeus de artistas para concertos — efectuou já vários concertos no estrangeiro, nomeadamente em Espanha, França, Itália, Bélgica, Holanda, República Federal da Alemanha, República Democrática Alemã, Áustria, Suíça, Inglaterra, Estados Unidos,

Brasil, Hong Kong, Macau e República Popular da China, tendo ainda dirigido um seminário sobre «práticas instrumentais na música do século XVI» que decorreu na Universidade St. John, nos Estados Unidos.

Em 1982 compõe a banda sonora da peça «A Sobrinha do Marquês» que foi apresentada no Teatro Nacional D. Maria II.

Enquanto solista, **Pedro Caldeira Cabral** tem editados os seguintes discos: «Guitarra Portuguesa», «Guitarras de Portugal», «Encontros» e «A Guitarra Portuguesa nos Salões do Século XVIII».

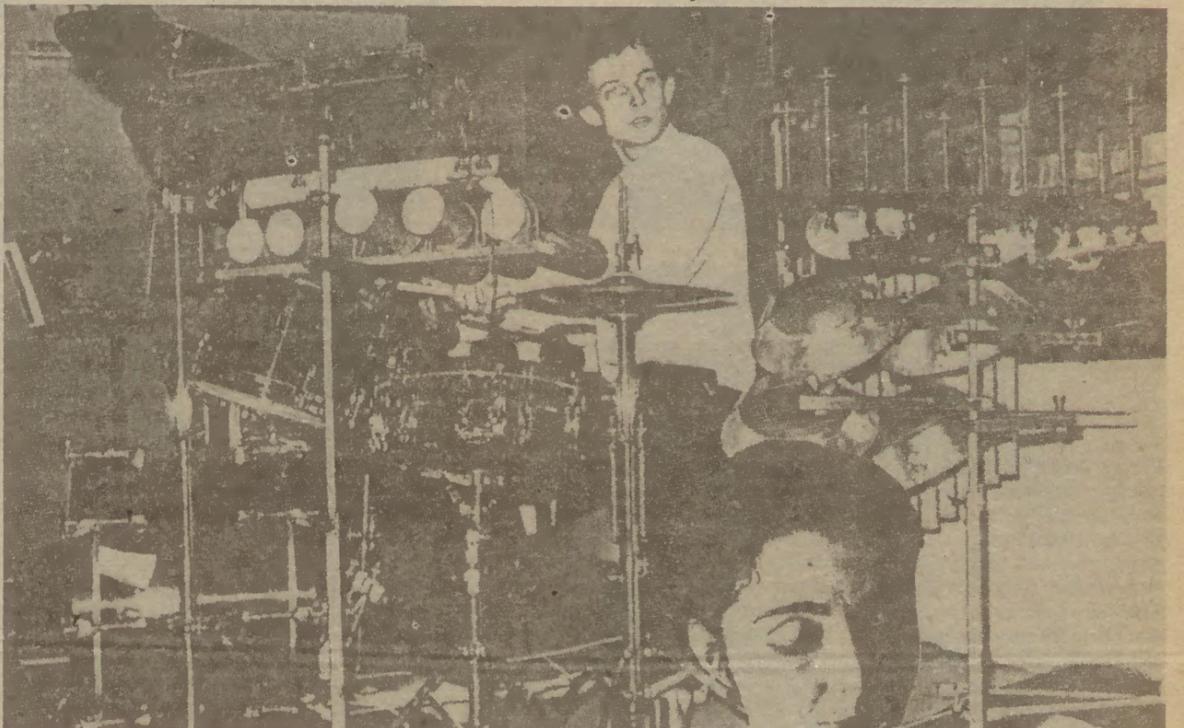
Não sendo a primeira vez que participa na Festa do «Avante!», todos os que já o viram actuar sabem que se trata de um concerto a não perder.

Miso Ensemble

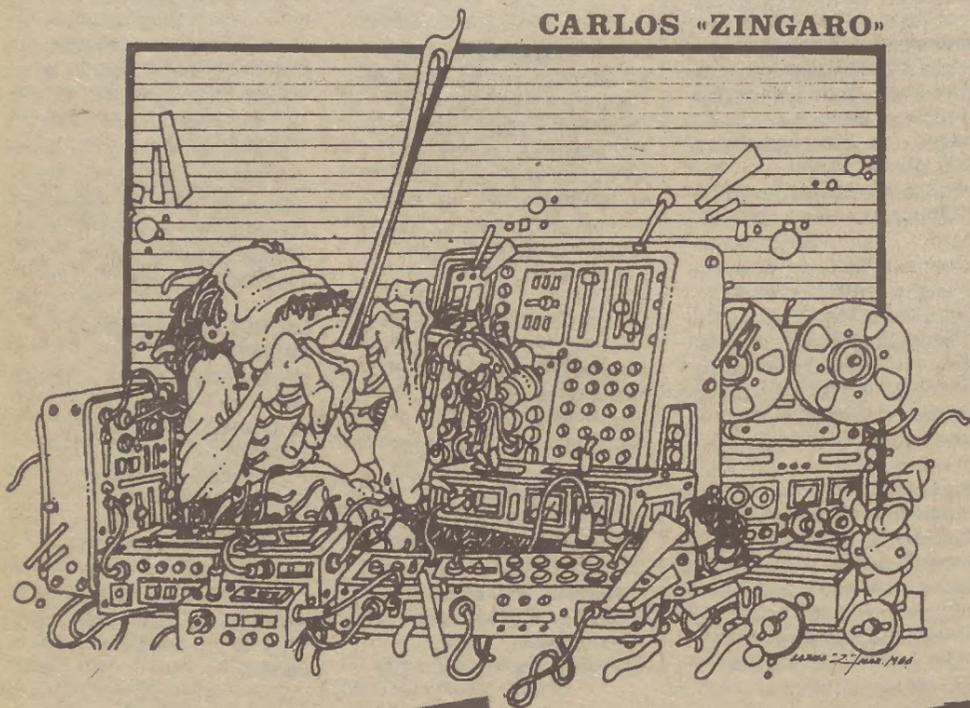


Miso Ensemble surpreende pela novidade, pela abertura, o talento, o entusiasmo e a consciência profissional demonstrados pelos seus intérpretes na apresentação de música onde se cruzam tendências clássica, jazzística, étnica e contemporânea. Estreado em Maio de 1985 no Centro Cultural de Évora e constituído por um jovem casal Paula e Miguel Azguime, flauta e percussão respectivamente, o seu repertório original inclui peças de compositores contemporâneos como Edgar Varèse, Yoshihita Taira, Doina Ratarn, Ornette Coleman, Olivier Messiaen, bem como do próprio grupo e ainda improvisações sobre ritmos afro-americanos e sobre música de Ornette Coleman. **Paula Azguime**, nascida em Lisboa no ano de 1960, tem tocado desde 1982 em diversos agrupamentos de jazz nomeadamente no Quarteto Aleph, e no Stryker's Septeto. Frequentou vários cursos de flauta em Portugal e no estrangeiro, nomeadamente em Darmstadt (RFA), Alsásia (França), tendo tido bons mestres: Ricardo Ramalho, Pierre Yves Artaud, Michelle Castellengo. O seu parceiro de grupo, **Miguel Azguime**, nasceu no mesmo ano e na mesma cidade e iniciou os seus estudos de música na Academia de Amadores de Música, frequentando mais

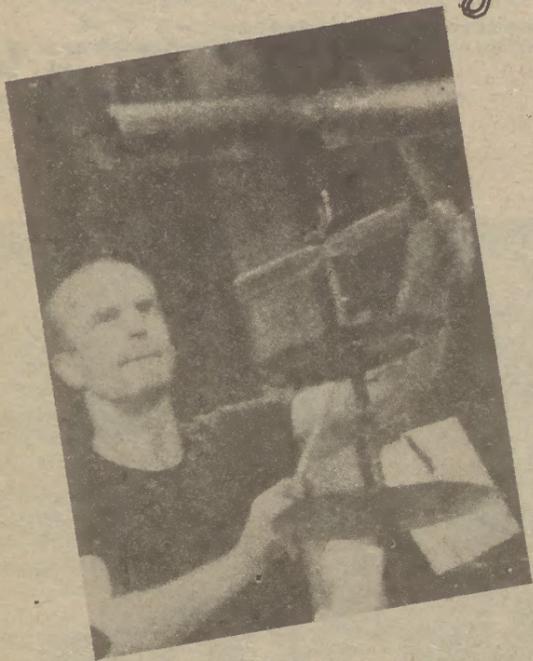
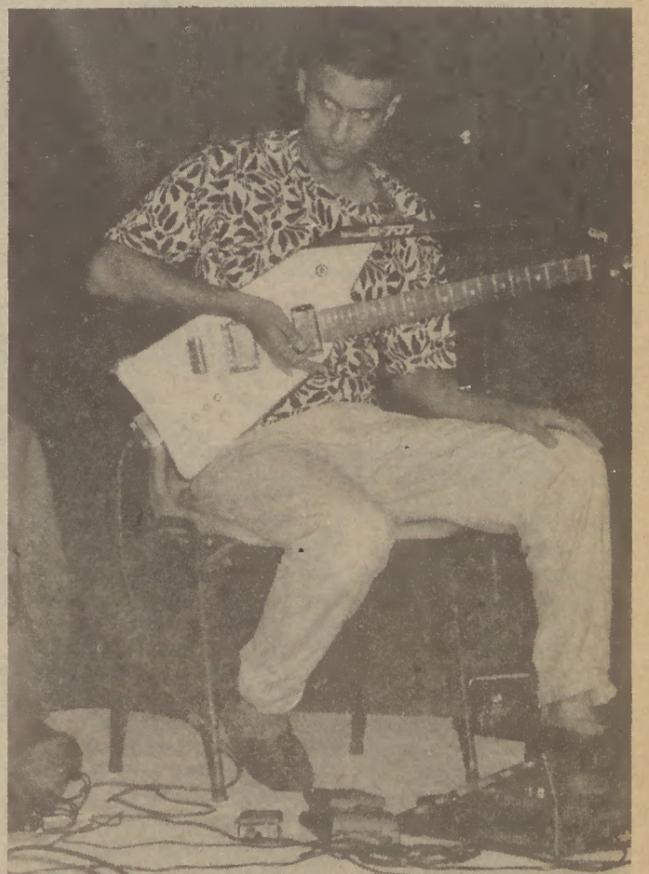
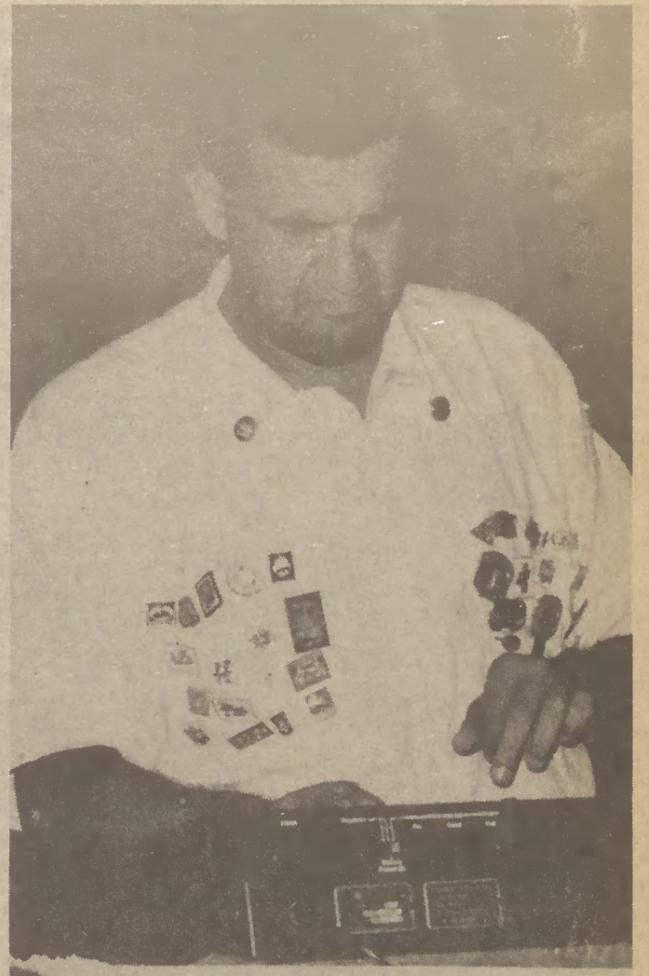
tarde o Conservatório e vários Work Shops do Hot Club de Portugal com Billy Harper, Gary Burton, Billy Hart e Mike Freeman. Tal como Paula, tocou em diversos agrupamentos de jazz como o Trion Orion, Quarteto Aleph, Stryker's Septeto entre outros, antes de, em 1984, frequentar o curso de música de Darmstadt e estudar percussão e composição com James Wood, Horácio Radulescu, Bryan Ferneyhough e Clarence Barlow. Desde esse ano colabora como instrumentista convidado na Orquestra do Teatro Nacional de S. Carlos. No ano seguinte, integra o grupo de Sérgio Godinho, estuda bateria e percussão em Paris com Daniel Humair e Gaston Silvestre respectivamente. Os dois músicos receberam em 1986 o prémio de composição com menção honrosa no Concurso Internacional organizado pela Juventude Musical Portuguesa. «Tanto Paula como Miguel», diz Mário Vieira de Carvalho, «têm um elevado domínio técnico-instrumental e a forma como vivem a música que fazem só pode ser resultante de uma intensa prática quotidiana, de uma entrega total, apaixonada, à sua arte. Há em ambos uma criatividade imensa». No Auditório da Festa do «Avante!» o público poderá confirmá-lo.



Carlos Zingaro Roger Turner e Mike Cooper



CARLOS "ZINGARO"



Um espectáculo da Nova Música, de músicos experimentalistas, com muitas trajectórias efectuadas em todos os quadrantes. São eles **Carlos Zingaro**, menos conhecido em Portugal que em todo o mundo, onde o consideram um violinista português..., **Roger Turner**, britânico, autodidacta de *Modern, Free Jazz e Blues*, reconhecido como um percussionista extraordinário e **Mike Cooper**, igualmente britânico, guitarrista de *blues* numa linha clássica, mas com experiência em diversos grupos de música improvisada, nomeadamente «The Recedents», com Roger Turner. **Carlos Zingaro**, pouco conhecido só em Portugal, já tocou anteriormente com Turner e Cooper, entre muitos outros. Tem-lhe sido conferido lugar de destaque em algumas das melhores

formações de *jazz* europeias, constituindo-se, para muito boa gente, como prova de que a música portuguesa existe. A sua carreira, porém, não se inscreve apenas na corrente experimentalista. De facto, participou em trabalhos com o Quarteto 1111, a Banda do Casaco, José Afonso, Sérgio Godinho, e, ultimamente, com os GNR e Júlio Pereira. **Zingaro** tem contribuições em vários discos de músicos europeus, americanos e africanos.

Turner e Cooper

Roger Turner traz à música improvisada uma dimensão rítmica e muito pessoal, na sequência de um processo de autodidactismo que se inicia por volta dos sete anos de idade, tocando bateria. A música de **Turner**,

essencialmente jazística, inscreve-se em experiências com a *Pop* dos anos sessenta e influências oriundas de diversas viagens — a música islâmica, por exemplo. Também foi influenciado por trabalhos de teatro experimental. Desde 1974, tem-se afirmado numa linguagem de percussão mais pessoalizada, que faz deste músico um «Buster Keaton inglês», segundo o jornal francês *Dauphine Libéré*. **Mike Cooper**, considerado um dos músicos mais importantes de *blues* da Grã-Bretanha, tocou com os principais músicos de *blues* norte-americanos, nos anos setenta, tendo-se seguido um período de criação própria, em que o músico justapõe formas musicais diferentes e apresenta a música e os músicos em contextos pouco habituais.

Telectu

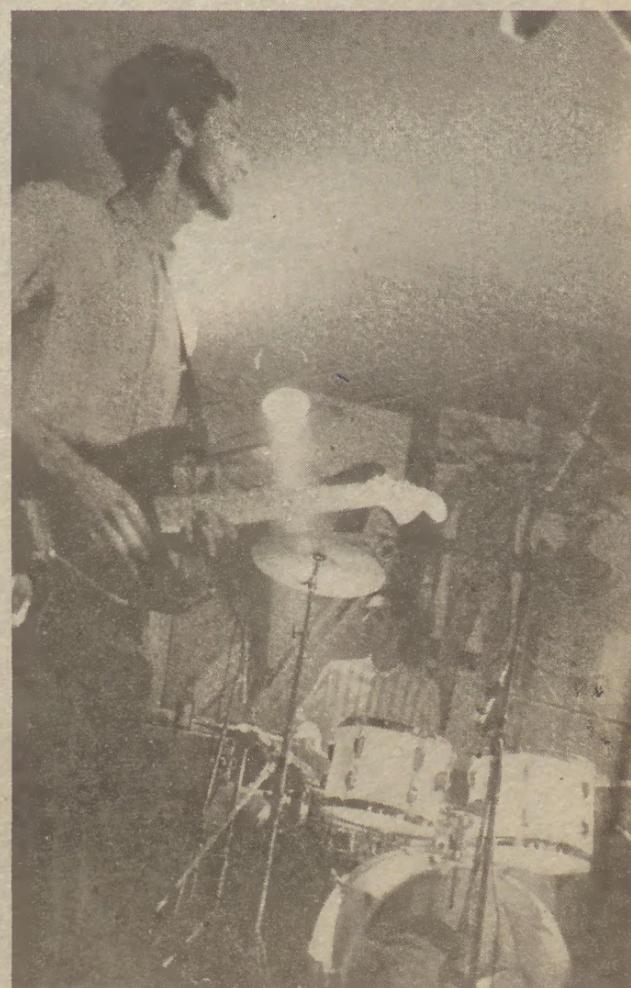
Quando se escrevem juntos, estes dois nomes têm um som completamente diferente. São dois músicos e andam numa batalha há já muito tempo. Têm como instrumento a guitarra electrónica, os sintetizadores, as câmaras de eco e pedais vários. Já são uma presença habitual na Festa e, quando em 1985 actuaram em Moscovo para um público entendido, foram dos aplausos os últimos ecos a murcharem na sala. Integraram, nesse ano, a delegação portuguesa ao XII Festival Mundial da Juventude e dos Estudantes. A sua música é electrónica.

A sua música é **minimal e repetitiva**. Individualmente, chamam-se Jorge Lima Barreto e Vítor Rua. Juntos, já o dissermos, o seu nome soa de forma bem diferente. São os **Telectu**. Com este nome, estabelecem com as tecnologias computacionais uma relação de natureza artística cujo resultado é agradável, se bem que difícil. **Sem compromisso** Os **Telectu** recusaram, desde o seu início, qualquer compromisso comercial, pelo que se tiveram de lançar no mercado discográfico por

conta própria. Esta sua atitude levou-os a encetar uma autêntica «cruzada» contra o obscurantismo cultural das editoras discográficas, dando a conhecer uma música que normalmente fica na prateleira dos circuitos comerciais, nomeadamente da rádio e da televisão. Música minimal e repetitiva. Música experimental, computadorizada. Sem complexos nem cedências. São os **Telectu**. Música agradável tirada de tecnologias avançadas. Um espectáculo para se ver e para depois contar como é que foi.

AVANTE!

Mler Ife Dada



Em Setembro saem com um single cá para fora, tendo já contrato firmado para, no princípio do ano, editarem um álbum. No entanto, nasceram há pouco tempo. Sendo novos, o seu nome, embora um bocado difícil de entrar na nossa memória, já está nos ouvidos de muita gente: **Mler Ife Dada**.

Traduzido por miúdos, podemos dizer que **Mler Ife Dada** quer dizer tão simplesmente Nuno Rebelo no baixo, Zéze na guitarra, Nini na bateria e Anabela na

voz. Quer dizer boa música. Um grupo que nasceu a partir de uma ideia muito concreta: concorrer ao primeiro Concurso de Música Moderna do Rock Rendez-Vous.

E foi o veni, vedi, veci. Concorreram, tocaram e... venceram.

Na sua primeira actuação enquanto banda, foram os vencedores deste concurso. Depois foi o concerto na Aula Magna e um salto até à Bienal de Barcelona onde aconteceu mais uma vez o êxito.

Passeando-se

Banda original porque nova, os **Mler Ife Dada** pertencem à última geração da música em Portugal. E reparem bem que ainda não empregámos uma única

vez a palavra *rock*. Fizemo-lo propositadamente.

Porque o que o **Mler Ife Dada** fazem é música. Pura e simplesmente.

Sem rótulos, porque é difícil rotular um grupo que nos seus espectáculos tanto interpreta *hard-rock* como

canta um fado.

Porque é difícil rotular um grupo que, no dizer dos seus próprios elementos, «se passeia pela música» e que disso faz o seu máximo prazer.

E que, com isto também, nos dá o prazer de podermos

assistir a um espectáculo em tudo diferente. Um espectáculo onde sobressai a boa qualidade musical e a voz de Anabela, mais a boa presença em palco.

Um espectáculo que será na Festa do «Avante!», Alto da Ajuda, 5, 6 e 7 de Setembro.

Xutos e Pontapés

São cinco, os elementos que compõem este grupo que pela primeira vez actua nos palcos da Festa do «Avante!». Calú, na bateria, José Pedro e João Cabeleira nas guitarras, Gui, no sax, e Titi no baixo.

São cinco, como vimos. São os **Xutos e Pontapés**. Um grupo que nasceu há já alguns anos e que, quando depois do boom do rock feito em Portugal se seguiu a inevitável acalmia, foi conquistando a pulso um lugar ao sol na cena musical portuguesa.

Para tal contribuiu a muito grande rotação que a banda adquiriu em concertos um pouco por todo esse País fora e a sua forte presença em palco.

Grupo maldito

Sendo um dos poucos grupos portugueses que dispõem de fãs a sério — do tipo de puxarem os cabelos a si próprios e de darem gritos histéricos no meio dos espectáculos — a sua música será sectária, uma vez que muito pesada e, portanto,

pouco acessível a quem não está nessa onda.

Mas quem adere ao *rock* pesado, adere inevitavelmente aos **Xutos e Pontapés**, uma vez que a sua qualidade musical é indiscutível.

Considerado por muitos como um grupo maldito, os **Xutos e Pontapés** escrevem e interpretam uma música urbana e industrial. Sendo estas as suas principais referências, o público deste grupo é muito definido.

São rapazes e raparigas que nasceram e cresceram nos subúrbios das grandes cidades. São os «filhos do cimento». Gente que põe na sua música — e daí os **Xutos e Pontapés** — toda a sua irreverência e a sua revolta para com a sociedade. Os **Xutos e Pontapés** na Ajuda, já a 5, 6 e 7 de Setembro.

Um dos grupos malditos, um grupo que se afirmou na estrada. Uma banda que toca e canta letras com uma forte componente de intervenção.

Aquele que será um espectáculo bom para se ver: os **Xutos e Pontapés**.





António Pinho Vargas

De início o tectar. A viagem aos clássicos. Dexter, Coltrane, McCoy Tyner, Hancock, Miles. Depois a procura de uma linguagem própria. Falamos de António Pinho Vargas. «Outros lugares» é o nome do seu primeiro disco. Seguido de «Cores e Aromas», três anos depois. Lentamente, a afirmação de uma forma muito própria de assumir o jazz. Uma forma «européia», dizem alguns e Pinho Vargas concorda. Depois de 1983, Pinho Vargas regressa à Festa do

«Avante!». Com novas propostas, novos percursos, novas sonoridades para explorar. O caminho do primeiro ao segundo disco. «Quando se grava um primeiro álbum, não sabemos se vai existir um segundo. Aí há sempre a tendência para metermos nele o maior número possível de ideias, de temas. Preferimos então reduzir o tempo de improvisação para, no mesmo espaço, dar todas essas amostras do que andámos a fazer nos

concertos. Agora, em «Cores e Aromas», tudo se passou de maneira diferente; há solos maiores, improvisamos mais e a presença do jazz surge naturalmente mais intensa» (entrevista concedida ao Diário de Notícias em 3/1/86). Pinho Vargas é um músico com créditos firmados, em Portugal e no estrangeiro. O seu quarteto é composto por músicos de apurada técnica e grande versatilidade, José Nogueira e os irmãos Barreiros, o Mário e o Pedro.

Nos palcos da Festa do «Avante!», por onde passaram já alguns dos nomes mais importantes do panorama actual do jazz, a presença do Quarteto de António Pinho Vargas, ao lado de outros agrupamentos de jazz, nacionais e estrangeiros que, este ano, participarão na Festa, constitui uma presença de vulto e motivo de grande interesse para todos os amantes do género que, por certo, visitarão o Alto da Ajuda.

ARTISTAS
MÚSICA

Sexteto de Jazz de Lisboa

Regressam de Londres. Foram convidados pela «Anglo-Portuguese Foundation» para participar numa série de concertos realizados na capital britânica no Barbican Centre e em Aldeburgh, no Festival Internacional «Maltings Proms», para assinalar os seiscentos anos do Tratado de Windsor. O público, segundo rezam as crónicas, acorreu em grande número e o repertório original do grupo foi muito bem recebido.

Falamos do Sexteto de Jazz de Lisboa. É, nem mais nem menos, que o décimo melhor grupo, num total de 120 grupos de jazz, em toda a Europa, segundo a classificação da Federação Internacional de Jazz, em 1985. Estiveram na Festa o ano passado. Regressam, naturalmente, este ano. E de novo para o êxito. O Sexteto de Jazz de Lisboa nasceu pela ampliação do Quarteto de Jazz de Lisboa,

a mais dois sopros. A sua primeira actuação ao vivo foi no Festival «Jazz em Agosto» da Fundação Calouste Gulbenkian, em Lisboa, em 1984. Desde logo, o rigor estilístico patenteado, associado às enormes possibilidades de improvisação dos seus solistas, cativaram o público. O grupo interpreta diversas composições originais, orquestradas de uma forma moderna para o sexteto, mas sem ignorar, contudo, alguns

temas de jazz de compositores bem conhecidos. Carlos Martins, saxofone-tenor, saxofone soprano e flauta, Tomás Pimentel, trompete e fliscorne, Edgar Caramelo, saxofone-alto, saxofone-tenor e saxofone-barítono, Mário Laginha, piano, Pedro Barreiros, contrabaixo e baixo eléctrico e Mário Barreiros, bateria. Eles são o Sexteto de Jazz de Lisboa. Na Festa do «Avante!».



Maria João

Maria João vai actuar nos palcos da décima primeira edição da Festa do «Avante!» com um quarteto formado especialmente para esta ocasião. O porquê da questão é muito simples, uma vez que esta talentosa intérprete de jazz há já um ano que se encontra radicada na República Federal da Alemanha. Aí, tem actuado bastante e sempre com merecido êxito, tomando-se figura de cartaz em qualquer iniciativa jazzística que por essas bandas se realize. Com a sua formação de um músico português e de três

alemães, Maria João tem percorrido vários clubes e participou já em diversos festivais de jazz, tendo-se já deslocado à República Democrática Alemã. Esta intérprete que agora começa a conquistar o mercado internacional começou a cantar jazz em 1982, como aluna da Escola do Hot Club de Portugal, sob a direcção de José Eduardo. Da aprendizagem à orquestra dessa escola foi um pulo continuado até um quarteto de José Eduardo. Depois, ainda em 1982, cinco músicos juntam-se em Agosto e formam o Quinteto de Maria João, um nome que

em tempo recorde deixaria de ser anónimo para constituir um autêntico caso de popularidade que em muito ultrapassou o mundo do jazz, realizando concertos por esse País fora durante dois anos, e que culminaria com a primeira apresentação internacional do grupo, em 1984, durante uma tournée que efectuou à Galiza. Da sua breve vida, dois álbuns registam a qualidade do som deste quinteto: «Quinteto Maria João» e «Cem Caminhos». Depois foi a ida de Maria João para a Alemanha Federal e o desmembramento do grupo.

Do repertório de Maria João constam canções americanas do período clássico, versões contemporâneas de temas «standard» e composições originais sobre poemas portugueses. Este, aliás, é um dos cavalos de batalha de Maria João para quem «cantar em português foi uma necessidade e, agora, penso poder ser o meu caminho. É a língua que falo todos os dias...», mesmo no estrangeiro. Maria João nos palcos da Ajuda. Com Bica no contrabaixo, Mário Barreiros na bateria e Peter Walter nas teclas. A não perder.

Os Artistas da Festa



Carlos do Carmo



Carlos Paredes



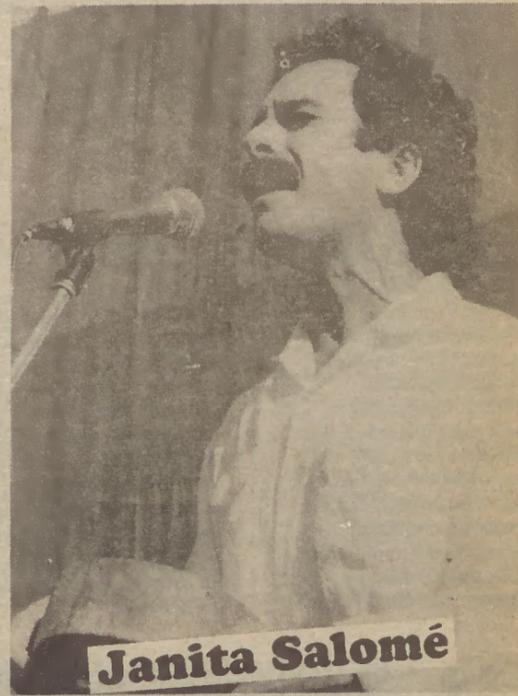
Trovante



Brigada Vítor Jara



Carlos Alberto Moniz



Janita Salomé



Júlio Pereira



Maria Guinot



Rádio Macau



Grupo de Danças e Cantares do Exército Soviético da Região Militar de Moscovo



Blues Duo



Com o folclore o País na Ajuda

Expressão popular por excelência, o folclore vai estar em força nesta décima primeira edição da Festa do «Avante!». Presença indispensável, ele aí está, vindo de quase todo o país, num grande festival de grupos, danças e cantares. Naquela que constituirá uma autêntica demonstração da cultura do nosso povo e dos seus diversos ramos. De norte a sul ou de sul a norte, consoante se desça ou suba, a particularidade das diversas regiões espelha-se à vista desarmada, com a paisagem a correr e a mudar, não perdendo, no entanto a sua entidade comum. Tal como acontece com a música, as danças e os cantares tradicionais, à medida que se vai andando pelo país, as suas características vão divergindo, desde os cantares alentejanos, ao vira minhoto. Na sua diversidade, apresentam uma característica comum. Espelham o sentir dos povos, as suas mitologias, as histórias. E todos eles são alegres. Porque a alegria de cantar ou de bailar está presente em qualquer canção, por mais melancólica que esta seja.

A cor

Com os grupos folclóricos, será também a cor que vai inuridar o Alto da Ajuda. Serão mais umas quantas manchas coloridas a juntar ao todo colorido que é a Festa do «Avante!». E a cor virá com os trajes regionais. Quase todos festivos, quase todos reproduzindo outras épocas e os mais diversos ofícios. Com o preto, o vermelho, o branco e o

castanho a sobressaírem de todas as outras. A cor que nos fala de situações, desde o casamento à ceifa. E sempre cantando e dançando.

O movimento

Quando se fala de folclore, a primeira ideia que nos surge é o movimento. O movimento que nos é dado pelos executantes das muitas músicas que este ano passarão pelo Alto da Ajuda. Um movimento que ora é uma roda inebriante, ora apenas o compasso com que se marca a música. Mas movimento. Por isso, também, vai ser o movimento que nos chegará com os grupos folclóricos. A começar muito antes de estarem em palco, quando percorrerem as avenidas desta cidade que é a Festa do «Avante!». E a acabar em cima de um palco. Com alegria.

A música

E depois, como não poderia deixar de ser, a música. Porque de muita e boa música se trata neste certame. Desde a chula ao vira, as muitas canções e os muitos instrumentos — alguns deles executados pelos próprios músicos — que virão até à Ajuda constituem uma oportunidade única de contactarmos com a música tradicional de todo o país, com as suas variantes e com as suas especificidades. Mas sempre de qualidade.

Na Festa

Tudo isto estará na Festa, por mão de vários grupos vindos de todo o país, nomeadamente, o Grupo



Folclórico da Ventosa, de Braga; o Grupo de Danças e Cantares de Semeleis, de Viana do Castelo; o Rancho de Romeisão, da Feira; o Rancho de Vilar, de Moimenta da Beira; o Rancho de Portinhos, de Coimbra; o Rancho Folclórico do Caneirão, da Covilhã; os Bombos de Unhais da Serra; o Rancho Folclórico de A-dos-Frangos, de Leiria; o Rancho Folclórico de Bemposta; o Rancho Folclórico de Valparaíso; o Rancho Folclórico de Sobral de Monte Agraço; o Rancho Folclórico de Carvoeira; o Rancho Folclórico de Praias do Sado; o Rancho Folclórico Camponeses Peralva, de Tomar; Danças e Cantares

de Salvaterra de Magos; os fandanguistas de Alpiarça; o Rancho Folclórico e Etnográfico de Montemor-o-Novo; o Rancho Folclórico Boavista; o Grupo Coral Ceifeiros de Serpa; o Grupo Recreativo e Folclórico de Rogil; o Rancho Folclórico de Alcácer do Sal; o Rancho Folclórico de Chaves e Rancho Folclórico de Vila Real.

Como se vê pela lista com que vos deixámos, a presença do folclore toma dimensões novas, este ano. Com todos estes grupos e ranchos, é o país que se concentra no Alto da Ajuda. Com muita música, muita cor, muito movimento.

AINDA ROO AS UNHAS TODAS ATÉ AO SORTEIO DAS EP'S!!!!

Alto da Ajuda
dia 6 e 7
de Setembro



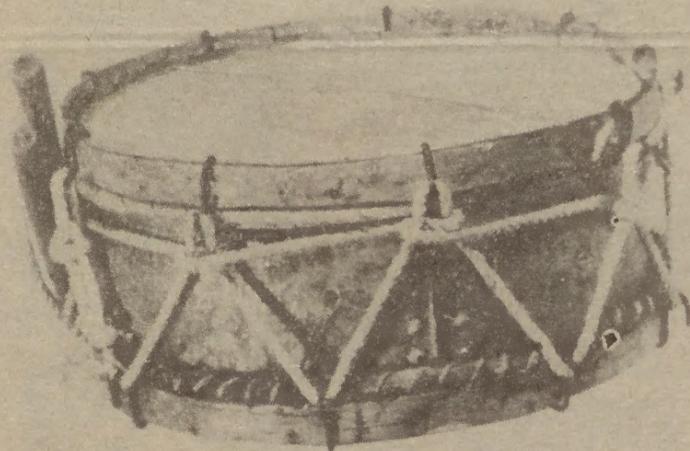


H.7. CHULA
Vilar de Motte, Barcelos (1960/63)
Ovarina - José Dias



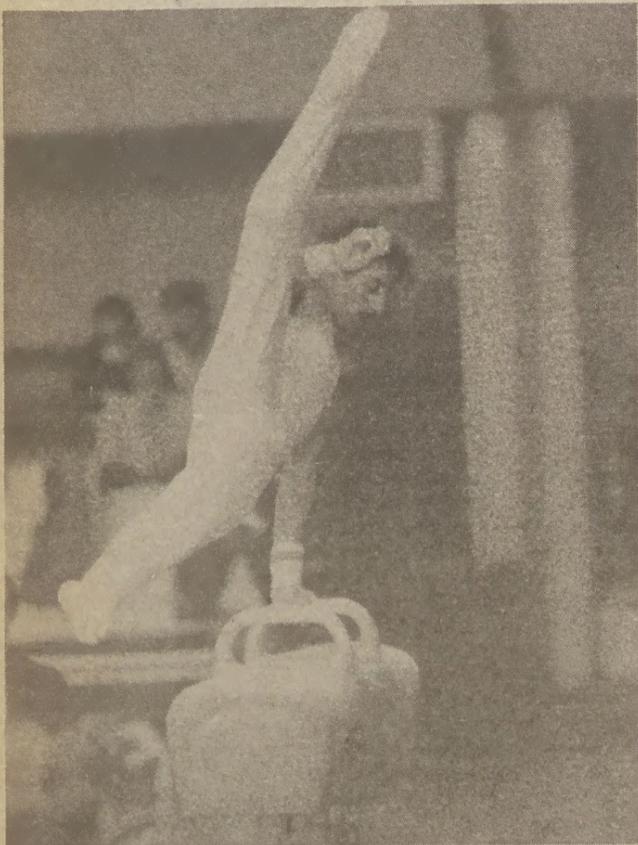
Viva a música!

A Festa é a festa do Portugal de Abril e, portanto, dos trabalhadores (ou vice-versa). Nela podemos encontrar o trabalho enquanto produção. Podemos encontrar o trabalho enquanto luta. E também o trabalho enquanto arte. O artesanato, o teatro, o cinema, as artes plásticas, a fotografia, a escrita e a música. A música não estará só patente em cima dos palcos. Terá também lugar de honra na **Cidade da Juventude**. Com a exposição «A Música e o Trabalho». Uma exposição onde nos dizem do trabalho que é a fazer música, da relação existente entre a música e o trabalho e do trabalho que é construir com que fazer música. Uma exposição, claro está, onde a música e os instrumentos naturais - porque ambos ricos - não poderiam faltar. É com o que vos deixamos. Partituras, instrumentos musicais, antigos ou regionais, pessoas a tocá-los. Com documentos ricos quer pelo seu conteúdo quer pelo significado de que se revestem. Uma parte do que estará exposto na Cidade da Juventude. Como que a aguçar o apetite, agora quando apenas 15 dias nos separam das 19 horas de uma sexta-feira muito especial: o dia 5 de Setembro. O primeiro de três dias de Festa.



Campeões húngaros

no Alto da Ajuda



Tal como prometêramos na semana passada, cá estamos neste número a divulgar o nome dos desportistas estrangeiros que este ano estarão no Alto da Ajuda, na nossa Festa. A qualidade é, como nas edições anteriores da Festa do «Avante!», o denominador comum. Anunciamos hoje, a composição da delegação

húngara e nos próximos números adiantaremos o nome dos ginastas da RDA e da União Soviética que, com a sua arte, por certo encantarão o Alto da Ajuda, habituado, como está, a ver o melhor, nesta como em outra matérias. **Eszter Óváry** é o nome de uma ginasta de catorze anos que representa o clube Honvéd SE de Budapeste.

Campeã Juvenil da Hungria e membro da selecção nacional juvenil, esta atleta, especialista em salto de cavalo e paralelas assimétricas, venceu, recentemente, uma prova internacional na Jugoslávia, em salto de cavalo. Com ela vem uma das grandes figuras da ginástica húngara. **László Boda** é membro da equipa nacional

classificada em 5.º lugar no Campeonato Mundial de 1985. É **campeão nacional em barra fixa**, especialidade que prefere, juntamente com as argolas. **László Boda** representa o Honvéd SE de Budapeste. Finalmente, teremos, na mesma selecção nacional desde 1978, **András Vágány**, membro da equipa húngara classificada em

quinto lugar nas Universíadas de 1985, este ginasta foi já, enquanto juvenil e depois em seniores, **campeão nacional por várias vezes**. É um especialista em cavalo com arções e em paralelas e representa o Tungsram SC. Como vemos, categorizados ginastas, com ampla experiência internacional que nos irão proporcionar, por

certo, um maravilhoso espectáculo. Começamos, assim, da melhor maneira, a divulgação do nome dos ginastas estrangeiros que teremos entre nós, este ano, na Festa do «Avante!». Para a próxima semana teremos mais pormenores.

A festa correu em Cascais

Divulgar a Festa do «Avante!», conviver, esclarecer, foram os objectivos da corrida que se realizou no passado fim-de-semana no concelho de Cascais, organização da Comissão Concelhia local do PCP. Foi de doze mil metros, entre Alcabideche e Trejouce, já em S. Domingos de Rana, a distância percorrida pelos participantes (algumas dezenas). No final, junto com a entrega dos diplomas de presença e dos prémios para os cinco primeiros classificados em todos os escalões, masculinos e femininos, o camarada Dias Lourenço, membro da Comissão Política do Comité Central do PCP e director do «Avante!» fez uma breve intervenção, chamando a atenção para a importância da Festa do «Avante!», a Festa do Portugal de Abril. O êxito da iniciativa entusiasmou os camaradas da Comissão Concelhia de Cascais que prometem nova corrida no próximo ano.

Os jogos populares na festa do povo de Abril

O povo é o senhor da Festa do «Avante!». Porque é ele que a põe de pé, porque é ele que a anima, porque é ele que lhe dá côr, porque é ele que lhe dá o sentido. Falamos não do povo abstracto, para o qual

Cavaco e os seus ministros apelam quando querem enganar, manipular, quando exercem a sua profissão de demagogos. Não. Falamos do povo concreto, daquele que, dia a dia, trabalha e no trabalho se

constrói, construindo o País. Falamos desse povo concreto que pela sua luta e actividade criadora iniciou um processo revolucionário, lindo de facto, que continua e defende, no dia 25 de Abril. Do povo que ao longo dos séculos construiu, deu corpo e significado a este palmo de terra tomado nação. Na Festa do «Avante!» este povo está sempre presente. Pela enunciação da sua luta diária, pela evocação de momentos importantes da

sua História, pela celebração do que tem de mais profundo e característico, a sua cultura. Aí a festa ocupa um lugar central e nela os jogos. Os **Jogos populares** sempre tiveram na Festa um lugar de destaque, aquele que justifica a sua grande riqueza e significado. Mais uma vez isso vai acontecer, agora na 11.ª edição da Festa do «Avante!». Na Cidade do Desporto teremos, além de

demonstrações do jogo do pau, tomeios de chinquilho, nas modalidades de malha grande, malha pequena e malha corrida. A participar ou simplesmente a assistir, proporciona sempre um grande prazer o contacto com as tradições mais profundas do nosso povo. Na Festa o novo e o velho misturam-se, imbricam-se criadoramente. Fazem o povo que somos no País que queremos ser, no tempo recomeçado em Abril.

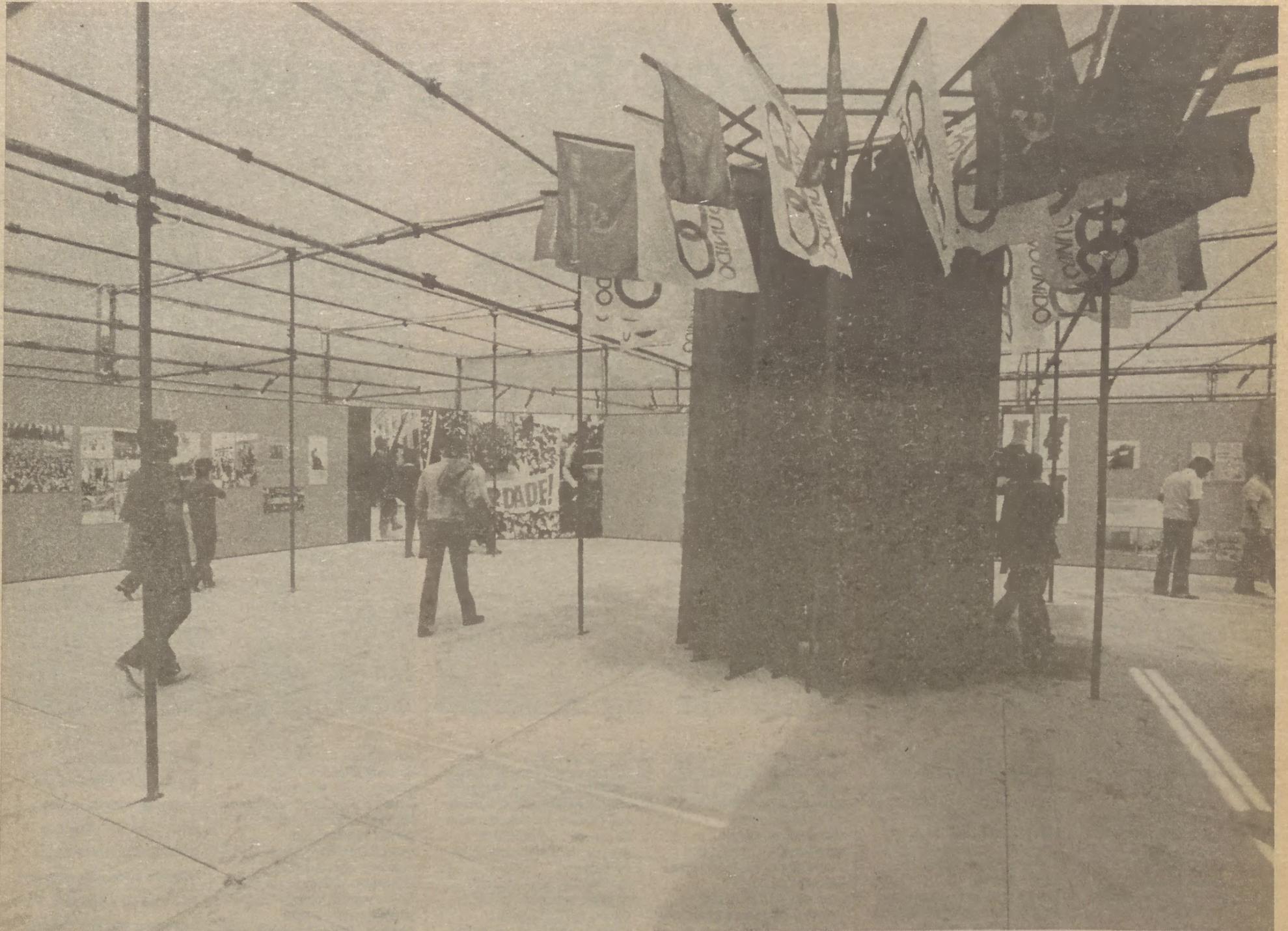


Leiria: correr e divulgar

A Festa do «Avante!» é o maior acontecimento político-cultural que, ano após ano, se realiza no nosso país. Não apenas pelo que acontece nos três dias propriamente ditos, mas também por tudo o que ela movimenta e anima desde há muito por todo o País. Vem isto a propósito da realização no próximo dia 31, a partir das dez horas, de uma corrida de atletismo, integrada no programa de divulgação da Festa. O percurso tem partida em

Leiria, junto à camionagem, com a chegada à Marinha Grande, na distância total de 13 500 metros. Esta prova é aberta a masculinos, seniores, pré-veteranos (entre 35 e 40 anos) e veteranos (mais de 40) e femininos (aqui em escalão único). Para os interessados, as inscrições podem ser feitas até meia hora antes do seu início, no local da partida, ou pelos telefones 250 26 de Leiria e 530 21, 533 14 ou 533 12 da Marinha Grande.

Para os mais receosos (e não só), a organização garante abastecimentos aos seis e dez mil metros. Ainda que o importante seja participar e, neste caso, contribuir para a divulgação da Festa, aqui vai a lista de prémios: medalhas para os primeiros cinquenta, por ordem de chegada e taças para os primeiros quatro de cada escalão. Em suma, uma maneira saudável e bem disposta de divulgar a Festa do «Avante!».



O Pavilhão Central

O Pavilhão Central da Festa do «Avante!» constitui, sem sombra de dúvidas, um dos mais importantes focos de interesse da cidade que anualmente se ergue no Alto da Ajuda.

Isto acontece não só pelas roupas de que se reveste, mas essencialmente pelo que acontece no seu interior. Pelas exposições, pelos locais de convívio e pelos espaços de debate que encerra. Assim vai ser este ano.

Um ano em que se comemora o centenário do 1.º de Maio, também na Festa.

Um ano em que uma vez mais, o PCP e a sua luta estarão em exposição.

Um ano em que acontece a segunda edição da Bienal de arte fotográfica «Objectiva». E tudo isto acontece no Pavilhão Central. Um pavilhão que, uma vez mais, terá uma dinâmica especial, em que o prato forte serão as exposições e os debates, mas onde estará também presente o já tradicional Café da Amizade, com uma esplanada por sobre a Festa e onde se poderão saborear com a cor por fundo algumas boas bebidas.

O Café da Amizade que serve

de compasso de espera para o continuar a visitar as nada mais nada menos do que três exposições que nos oferece este ano o Pavilhão Central. O Café da Amizade onde não só bebemos e comemos, mas também onde teremos tempo e oportunidade para digerir a informação que já nos foi facultada pelas exposições, antes de partirmos uma vez mais à sua descoberta.

Os Cem anos do Primeiro de Maio

Uma das exposições que estará patente nesta zona da Festa, será aquela que nos falará dos Cem anos do Primeiro de Maio que se comemoram em 1986. Trata-se de uma amostra que nos falará dos acontecimentos de 1886, em Chicago, e que nos contará a história destes cem anos de luta dos trabalhadores, não sem lembrar primeiro que a classe operária já existia há mais de cem anos, aquando dos acontecimentos deste dia que viria a ser proclamado em 1889 como o Dia Internacional do Trabalhador.

Também em foco, estará a evolução técnica e científica ao longo dos tempos, que sempre provocaram alterações nas relações de produção e lançaram desafios à classe operária, que sempre os soube resolver, quer através das suas formas de organização, quer através das suas lutas.

Trata-se de um problema que sempre se pôs e que hoje continua na ordem do dia. A tecnologia sempre esteve em contínua evolução, bem como as ideias, e as formas de organização e luta dos trabalhadores. Apenas uma coisa se manteve imutável ao longo dos tempos: o antagonismo de classe na sociedade capitalista. É isto que nos vai dizer a exposição, que ainda se debruçará sobre estes cem anos de lutas dos trabalhadores, tanto em Portugal como no resto do Mundo.

E isto em 300 painéis que ocupam uma área de 1000 metros quadrados e nos quais veremos reproduções de cartazes de todo o mundo, fotografias de lutas da classe operária um pouco por todo o globo, reproduções de documentos e textos de apoio.

Com mais um aliciante: é que muitos dos documentos são originais.

Exposição política

A exposição política desta Festa do «Avante!» de 1986 incide sobre as modificações políticas registadas em 1985 e no princípio de 1986, sobre a actual situação e sobre o caminho necessário para uma alternativa democrática. Assim, as grandes vitórias que constituíram a queda da coligação PS/PSD, a dissolução da Assembleia da República, as eleições legislativas e as autárquicas estarão lembradas na Exposição. Assim como também o estarão as eleições presidenciais. Também em foco estará a caracterização e a denúncia da desastrosa política do actual Governo e caracterização das grandes linhas de uma nova política necessária para a resolução dos graves problemas nacionais. Em foco também, como inevitável porque importante, o

crescente movimento de lutas dos trabalhadores e de outras camadas da população em defesa dos seus interesses e o papel influente e determinante do Partido Comunista Português, força insubstituível para a solução dos problemas nacionais. Tudo isto, claro está, ilustrado e contado em exposição.

Objectiva 86

Finalmente vem a «Objectiva 86», uma exposição de que já vos temos dado nota nas últimas edições deste suplemento e de que desde já lhes prometemos novidades para o próximo. Uma exposição em que o encontro entre fotógrafos e público será uma realidade. Em que uma arte tantas vezes vista como menor adquire o seu real valor.

E que, mesmo antes de já ter sido vista por quem quer que seja — exceptuando, claro, os camaradas que nela estão a trabalhar — constitui já um êxito, uma vez que cerca de 700 trabalhos foram já entregues

para exposição, o que constitui, relativamente à edição de 1984, um recorde.

«O Militante»

É claro que o Boletim da Organização do Partido, «O Militante» é presença obrigatória neste Pavilhão Central, com o seu espaço próprio.

Uma zona onde se poderá saber tudo quanto se queira sobre a organização do nosso Partido, para o que existe um computador que a todas as perguntas responderá, dialogando assim com quem com ele quiser conversar. Para o mesmo efeito, lá estarão camaradas prontos a encetar qualquer conversa — bem mais demorada e pormenorizada — com todos os que tiverem alguma dúvida a colocar. E lá estarão, também, os inevitáveis gráficos que, de uma forma simples e eficaz, dizem como vai o Partido. Em traços muito gerais, é este o Pavilhão Central que inclui ainda o Forum, de que já falámos em anteriores edições. O melhor mesmo, é vê-lo ao vivo. No Alto da Ajuda.